

A REVELAÇÃO E A GLORIFICAÇÃO DO λόγος: UMA ANÁLISE EXEGÉTICO-TEOLÓGICA A PARTIR DO EVANGELHO DE JOÃO

Douglas Aloísio Rengel¹

RESUM●

A pesquisa “*A revelação e a glorificação do λόγος: uma análise exegético-teológica a partir do evangelho de João*” quer aprofundar a compreensão da palavra glória a partir de uma análise exegético-teológica do evangelho de João. Nos dias de hoje é comum falar acerca do tema glória, porém, o ponto de partida, muitas vezes, é a glória humana, deixando a glória de Deus em segundo plano. Há também confusão de significados e equívocos acerca desse tema, talvez devido à contradição apresentada na cruz, na qual a glorificação ocorre tanto no sofrimento quanto na exaltação. O maior auxílio para a compreensão desse tema são as Sagradas Escrituras, sendo que o evangelho de João traz ricas contribuições. Assim, em primeiro lugar, esta pesquisa coloca seu foco no Antigo e Novo Testamento, descrevendo como o termo glória é usado na Bíblia e a possível relação entre o Escrito Sacerdotal e o evangelho de João. O segundo momento é o foco principal da pesquisa, tendo como ponto de partida o evangelho de João. O evangelista apresenta, de forma clara, como a glória de Deus se revela ao ser humano, a saber, por meio de Jesus Cristo. A glória é revelada, primeiramente, na encarnação do λόγος (*lógos*). Assim, Jesus Cristo é o sujeito da revelação da glória de Deus. Essa revelação acompanha a vida de Jesus, manifestando-se por meio de sinais e, principalmente, na relação do Filho com o Pai, que tem como único alvo a cruz. A glorificação de Jesus é o caminho da cruz, no qual, a glória é revelada em meio ao sofrimento e a exaltação. Após a partida de Jesus, cabe ao παράκλητος (*paráklētos*) realizar a obra, tendo como alvo a glorificação de Cristo. E é com o auxílio do παράκλητος (*paráklētos*) que os discípulos podem realizar a obra que lhes foi confiada, podendo assim, glorificar a Deus em suas vidas. No entanto, essa não é uma tarefa somente dos discípulos, mas se estende a todo cristão. Assim, o último momento desta pesquisa é reservado para dar os impulsos necessários a fim de que o cristão possa glorificar a Deus, em palavras e ações, além de apresentar as considerações finais desta pesquisa.

Palavras-chave: Glória, glorificação, glorificar, revelação, João, cruz, sinal.

ABSTRACT

The research “The Revelation and the Glorification of λόγος: an analysis exegetic-theological starting from the Gospel of John” deepen the understanding of word glory

¹ Douglas Aloísio Rengel é bacharel em teologia, tendo concluído sua graduação na FLT – Faculdade Luterana de Teologia em 2013. O presente artigo é a versão levemente modificada de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, entregue pelo autor como pré-requisito para a conclusão do curso de Bacharelado em Teologia. E-mail: douglasrengel@gmail.com.

from an exegetic- theological analysis of the Gospel of John. Nowadays it's common to talk about the theme glory, however, the starting point many times is the human glory, letting the glory of God in the background. There also confusion of meanings and misconceptions about this theme, maybe due to the contradiction presented in the cross, in which the glorification occurs both in suffering as in the exaltation. The biggest aid to understanding this theme is the Holy Scriptures, being that the Gospel of John brings rich contributions. So, first of all this research puts its focus on the Old and New Testaments, describing how the term glory is used in the Bible and the possible relation between the Written Priestly and the Gospel of John. The second moment is the principal focus of the research, having as its starting point the Gospel of John. The evangelist presents in a clear way how God's glory is revealed to be human being, namely, by means of Jesus Christ. The glory is revealed, firstly, in the incarnation of the λόγος (lógos). So, Jesus Christ is the subject of the revelation of God's glory. This revelation accompanies the life of Jesus, manifesting by means of signs and, mainly, in the relationship of the Son with the Father, that has as single target the cross. The glorification of Jesus is the way of the cross, in which the glory is revealed in the midst of suffering and exaltation. After the departure of Jesus, it's up to παράκλητος (paráklētos) accomplish the work, having as target the glorification of Christ. And with the aid of the παράκλητος (paráklētos) that the disciples can accomplish the work in which they were entrusted, can thus glorify God in their lives. However, this is not a task only of the disciples, but extends to every Christian. So the last time of this research is reserved to give the necessary impetus to the Christian can glorify God, in words and actions, besides presenting the final considerations of this research.

Keywords: Glory. Glorification. Glorify. Revelation. John. Cross. Signal.

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, é comum falar acerca do tema glória. Contudo, percebe-se que, muitas vezes, a compreensão desse tema tem como ponto de partida a glória humana. A glória de Deus fica em segundo plano, e nem sempre é compreendida corretamente. Até é confundida com a glória dos homens. O ser humano toma para si uma glória que não é sua, mas unicamente de Deus. Além disso, para muitos, há uma grande contradição quando se fala da glorificação de Jesus Cristo na cruz, em meio ao sofrimento. No entanto, como compreender a glória de Deus? Como a glória de Deus é revelada ao ser humano? A glória de Jesus Cristo é igual à glória de Deus? O ser humano possui a glória de Deus ou participa dela? Essas perguntas são muito pertinentes em meio à escassez de material sobre o assunto e em meio à confusão que se faz em torno da correta compreensão desse tema. Para responder a essas perguntas, pretende-se realizar uma análise exegético-teológica a partir do evangelho de João. O evangelista apresenta, de forma clara, como a glória de Deus se revela ao ser humano, a saber, por meio de Jesus Cristo, o λόγος (lógos)

encarnado. Em toda sua vida e ministério, Jesus Cristo revela, de forma sublime, a glória do Pai, tendo como alvo a sua glorificação, que acontece na cruz. Dessa forma, o evangelho de João fornece ricas contribuições acerca do tema glória e da glorificação.

O objetivo principal desta pesquisa é compreender a glória do λόγος (lógos) e como a glória de Deus é revelada, tendo como ponto de partida o evangelho de João. Antes de compreender como a glória de Deus se revela no evangelho de João, é apresentada, no primeiro capítulo deste trabalho, uma pesquisa acerca da palavra glória no Antigo e Novo Testamento, e a recepção do Escrito Sacerdotal no evangelho de João. Nesta pesquisa, são apresentados os principais significados da palavra glória e a relação entre a compreensão do Antigo e Novo Testamento. A partir da compreensão desse tema nas Sagradas Escrituras, é abordada a recepção do Escrito Sacerdotal no evangelho de João, pois este tem como um de seus temas principais a glória. Além disso, percebe-se que o evangelista, em muitos de seus discursos, tem como pano de fundo o livro de Êxodo, que tem como fonte principal o Escrito Sacerdotal.

Depois de apresentada a pesquisa acerca do tema glória, de forma mais geral, a pesquisa se limita ao evangelho de João, no segundo capítulo. Nesse capítulo, que tem como tema geral “A revelação da glória no evangelho de João”, são analisados exegético-teologicamente os textos que tratam da palavra glória e seus derivados no evangelho de João. Esse capítulo é dividido em cinco temas. Nas observações preliminares, o prólogo do evangelho de João é analisado, visando à revelação da glória de Deus na encarnação do λόγος (lógos). Na encarnação, o λόγος (lógos) se torna o sujeito da revelação da glória de Deus. Partindo da encarnação do λόγος (lógos), o ministério de Jesus é analisado, tendo em vista a glória que se revela na manifestação de sinais. Os sinais não somente manifestam e apontam para a glória de Deus, mas também revelam o próprio Deus por meio de Cristo. Contudo, é na relação entre o Pai e o Filho que os temas glória e revelação se entrelaçam, pois, assim como o Filho não testifica de si mesmo, ele também não procura sua glória, mas unicamente a glória de Deus. Além disso, toda a obra de Cristo se alicerça no fazer a vontade do Pai. E é nessa relação que o Filho revela ao Pai.

Todo o ministério de Jesus e toda a glória manifesta em sua vida têm um único alvo: a cruz. Dessa maneira, a glorificação é o caminho da cruz. Ao mesmo tempo, é também por meio da cruz que a glorificação como exaltação é

compreendida. Assim, a glória é revelada na cruz, no sofrimento e na exaltação. Quando o Filho vai para junto do Pai, este não deixa seus discípulos sós, mas, envia o παράκλητος (*paráklētos*). O παράκλητος (*paráklētos*) não tem outro objetivo senão glorificar ao Filho, ensinando e guiando a toda a verdade, convencendo o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Assim, a glória também se revela na obra do παράκλητος (*paráklētos*). É também com o auxílio do παράκλητος (*paráklētos*), o Espírito da verdade, que os discípulos podem realizar as obras que lhes foram confiadas pelo Senhor, podendo assim glorificá-lo em palavras e ações. Todavia, realizar as obras e resplandecer a glória de Deus não é tarefa somente dos discípulos, mas é tarefa de todo cristão. Assim, no último capítulo desta pesquisa, são apresentados impulsos para a vida do cristão, a partir do evangelho de João, demonstrando como a glória de Deus pode ser revelada em sua vida. Pois é no resplandecer a glória de Deus, no seguir a Cristo, que o cristão é transformado, de glória em glória, na própria imagem de Cristo, podendo assim, não somente glorificar a Deus, mas ter a esperança de participar da glória eterna junto ao Pai e ao Filho.

I. A GLÓRIA NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

Duas palavras são usadas nas Sagradas Escrituras quando se fala em glória: *קָבוֹד* (*kavod*) no Antigo Testamento e *δόξα* (*dóksa*) no Novo Testamento.² Por mais que este trabalho se concentre no Novo Testamento, especificamente no evangelho³ de João, faz-se necessária uma pesquisa da palavra glória⁴ também

2 Alguns textos do Antigo e Novo Testamento serão analisados para exemplificar o uso da palavra glória. Não é possível analisar todos os textos citados, pois, se assim fosse, o trabalho se tornaria demasiadamente extenso, além de ocupar um espaço do qual o autor da pesquisa não possui neste trabalho, devido à limitação de páginas.

3 Nesta pesquisa, será feita uma distinção entre evangelho enquanto livro e Evangelho enquanto boa nova. Quando a palavra evangelho estiver indicando o livro evangelho de João, esta será apresentada em letras minúsculas. No entanto, quando se tratar do Evangelho enquanto proclamação, boa nova, esta será apresentada com a primeira letra em maiúsculo.

4 A pesquisa do termo glória, no Antigo e Novo Testamento, tem como base concordâncias bíblicas, enciclopédias e dicionários bíblico-teológicos, que estão descritos nas referências desta pesquisa.

no Antigo Testamento, tendo em vista que o Novo Testamento tem o Antigo Testamento como pano de fundo e, em muitos casos, possui grande recepção e influência do pensamento judaico.

1. Antigo Testamento: קָבוֹד (*kavod* – glória)⁵

קָבוֹד (*kavod*) significa, literalmente, “glória ou esplendor, número ou riqueza”⁶ e é um termo derivado de *קָבַד* (*kaved*), que significa, literalmente, “(estar) pesado, pesaroso, duro, rico, honrado, glorioso”⁸ ou “aquilo que dá peso”⁹

5 Para uma profunda abordagem acerca do uso de *קָבוֹד* (*kavod*) no Antigo Testamento, cf. WESTERMANN, Claus. *קָבַד kbd Ser pesado*. In: WESTERMANN, Claus; JENNI, Ernst. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978. p. 1089-1113.

6 SCHÖKEL, Luis Alonso. *Diccionario bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 306. Westermann afirma que, quando usado como substantivo, “se podem distinguir três modos principais de emprego: 1) ‘peso’ no sentido físico, 2) honra ou glória no nível das relações interpessoais e 3) honra ou glória de Deus” (tradução nossa), “se pueden distinguir tres modos principales de empleo: 1) ‘peso’ en sentido físico, 2) honor o gloria a nivel de las relaciones interhumanas y 3) honor o gloria de Dios”. Cf. WESTERMANN, op. cit., p. 1094.

7 Os principais usos de *קָבַד* (*kaved*) ocorrem nos troncos *qal*, *nifal* e *piel*. No tronco *qal* significa “pesar, ser pesado, grave, gravoso; importunar, encurvar, oprimir [...]” (SCHÖKEL, op. cit., p. 304); no tronco *nifal* significa “ser glorioso, honrado, estimado, apreciado, respeitado, famoso, importante, poderoso, influente [...]” (SCHÖKEL, op. cit., p. 305); e no tronco *piel* significa “honrar, glorificar, enaltecer; reconhecer a honra, prestígio, glória; [...]” (SCHÖKEL, loc. cit.). Para ver os significados nos demais troncos, cf. SCHÖKEL, loc. cit.

8 OSWALT, John N. *קָבַד kaved*. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (org.). *Diccionario Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 695. Conforme Gaffin Jr., *קָבוֹד* (*kavod*) também pode significar “carga ou peso”, cf. GAFFIN JR., R. B. *Glória*. In: ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. (org.). *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2009. p. 803. Também pode simplesmente significar “pesado”, cf. PREUSS, Horst Dietrich. *Teologia del Antiguo Testamento: Yahvé elige y obliga*. v. 1. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1999. p. 289.

9 MOLIN, G. *Glória*. In: BAUER, Johannes B. *Diccionario de Teologia Bíblica: Abraão – Jesus Cristo*. v. 1. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1984. p. 442. Conforme v. Rad, aquilo que dá peso significa aquilo que dá importância, cf. RAD, V. *קָבוֹד* (*kavod*) in the OT. In: KITTEL, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. v. 2. Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1964. p. 238.

e tem o sentido básico de “ser pesado”,¹⁰ possuindo geralmente uma conotação negativa.¹¹ Pode-se afirmar que é bem comum que a palavra glória seja usada no sentido de dar honra ou glória, isto é, “dizer que alguém é merecedor de respeito, atenção e obediência”.¹² Significa, conforme McKenzie, “a importância que demonstra o valor interior de um homem e requer o respeito dos outros”.¹³ Entretanto, segundo Westermann, o significado de honrar se encontra no tronco *piel*.¹⁴ Daí também o sentido de fartura, riqueza, esplendor e um sentido mais abstrato¹⁵ de dignidade, respeito ou reverência.¹⁶ Contudo, quando trata de riqueza, esplendor ou reputação, geralmente קְבוֹד (*kavod*) é traduzida por honra e não por glória.¹⁷

No entanto, qual a relação do significado dessa palavra com Deus? Ou com as passagens que tratam da *glória de Deus*?¹⁸ Existe alguma diferença entre a glória/honra dos homens e a glória de Deus? Conforme afirma Gaffin Jr., “a glória é principalmente uma qualidade divina; em última análise, somente Deus possui glória”.¹⁹ Dessa maneira, não há outro que possua glória que se compare à glória

10 Claus WESTERMANN, קבד *kbd Ser pesado*. In: Claus WESTERMANN; Ernst JENNI, *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, p. 1092.

11 John N. OSWALT, קבד *kaved*. In: R. Laird HARRIS; Gleason L. ARCHER JR.; Bruce K. WALTKE, (org), *Diccionario Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 695.

12 *Ibid.*, p. 697. Conforme Gênesis 31.1; 45.13; Salmo 49.17; Ester 1.4; Isaías 16.14; 21.16.

13 MCKENZIE, John L. *Diccionario Biblico*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 388.

14 WESTERMANN, *op. cit.*, p. 1093.

15 Oswalt descreve também o sentido figurado, que é dividido em três grupos, cf. OSWALT, *loc. cit.*

16 R. B. GAFFIN JR., *Glória*. In: T. Desmond ALEXANDER; Brian S. ROSNER, (org), *Novo Diccionario de Teologia Biblica*, p. 803. Preuss acrescenta os significados de fama e riqueza, cf. PREUSS, *op. cit.*, p. 289.

17 NIXON, R. E. *Glória*. In: DOUGLAS, J. D. (org). *O Novo Diccionario da Biblia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 553. Um exemplo pode ser quando se fala em glória relacionada aos povos, que comumente é traduzido por respeito, tendo assim a intenção de descrever o respeito entre os povos (Isaías 16.14; 17.4).

18 Para que não haja confusão entre as citações diretas e as palavras que são destacadas pelo autor da pesquisa, quando houver um destaque do autor da pesquisa, a palavra estará em *itálico*.

19 GAFFIN JR., *loc. cit.* No Salmo 8.5, um salmo cujo tema é a criação, o salmista afirma que o homem foi feito “por um pouco, menor do que Deus e de glória e honra o coroa”. Se a glória é uma qualidade divina, como interpretar esta glória coroada

de Deus. Assim, quando se trata da glória de Deus não se quer somente falar de respeito, mas “o peso da aparição divina, a força da presença de Deus”²⁰ que, conforme v. Rad, é “a força de sua automanifestação” (tradução nossa).²¹ Preuss descreve isso como um “certo ‘empurrar’ de sua presença” (tradução nossa).²² Delimitadas as diferenças, o que é de fato a glória de Deus? Se falar da glória de Deus não tem a ver somente com respeito ou honra a Deus, mas, pelo contrário, com sua presença e revelação, então, a glória nada mais é do que a manifestação visível da presença de Deus.²³ Ao mesmo tempo, trata-se de um atributo de Deus, isto é, a autorrevelação de Deus em poder e glória.²⁴ Desse modo, conforme afirma Steinheimer, “a *kebôd Yahweh* é Deus mesmo, na medida em que se revela em meio à solene teofania, com o acompanhamento de relâmpagos e trovões, tempestade e

ao ser humano? O verbo עָטַר (*atar*) traduzido aqui como *coroar*, significa, conforme Schökel, “dar o comando”, cf. Luis Alonso SCHÖKEL, *Diccionario biblico hebraico-português*, p. 490. Assim, ser coroado de glória e de honra não significa que o ser humano tenha alguma qualidade ou aspecto divino dentro de si, mas, por ser imagem e semelhança de Deus, ele participa da glória de Deus. Não se trata de uma glória sua, mas unicamente da glória de Deus. Isso pode ser compreendido a partir da estrutura do salmo: nos v. 1 e 9 é descrita a glória de Deus, que possibilita que o ser humano tenha a glória descrita no v. 5. Dessa maneira, é uma glória visível aos olhos de Deus e não do ser humano.

20 G. MOLIN, *Glória*, In: Johannes B. BAUER, *Diccionario de Teologia Biblica: Abraão – Jesus Cristo*, p. 442.

21 “the force of His self-manifestation”, V. RAD, קבד (*kavod*) in the OT, In: Gerhard KITTEL, *Theological Dictionary of the New Testament*, p. 238.

22 “cierto ‘empuje’ de su presencia”, cf. Horst Dietrich PREUSS, *Teologia del Antiguo Testamento: Yahvé elige y obliga*, p. 289.

23 Das 376 ocorrências da palavra glória e seus derivados, na Bíblia Hebraica, pode-se afirmar que, em 45 delas, a forma da raiz “diz respeito a uma manifestação visível de Deus”, cf. John N. OSWALT, קבד (*kaved*), In: R. Laird HARRIS; Gleason L. ARCHER JR.; Bruce K. WALTKE, (org), *Diccionario Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 697.

24 Imschoot também fala da glória que pode ser entendida como manifestação e atributo de Deus: ele afirma que, como manifestação, a glória é um fenômeno luminar, que aparece em nuvem ou resplandece como fogo, que se revela num lugar santo, e ninguém pode estar face a face com ela; como atributo, a glória é relacionada com o poder e santidade de Deus, em que Deus é o rei da glória, que enche a terra com esta glória, sendo assim manifesta na criação, protegendo o povo. Cf. IMSCHOOT, V. *Glória*. In: BORN, A. Van den. *Diccionario Enciclopédico da Biblia*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1971. p. 638-639.

terremoto”.²⁵ É “Deus enquanto se dá a conhecer ao homem”.²⁶

A manifestação visível de Deus é perceptível no Pentateuco. Principalmente nos livros de Êxodo e Números,²⁷ nos quais o Escrito Sacerdotal²⁸ (ou fonte P) está bem presente.²⁹ A maior parte das ocorrências está relacionada ao tabernáculo e ao templo,³⁰ e aos fenômenos meteorológicos, como é expresso na nuvem que acompanha o povo de Israel no deserto (Êx 16.7,10). Assim, é comum que a glória de Deus apareça em forma de nuvem ou que resplandeça como fogo³¹ e que aconteça em lugares santos, como o tabernáculo, o monte ou o templo.³² Além disso, a glória de Deus tem a ver com sua revelação, que pode ser expressa no exemplo clássico do relato de Êxodo 33.7-34.35 – o diálogo de Deus com Moisés. Nesse diálogo, percebe-se que a glória está diretamente ligada com a presença e a face de Deus, ou seja, sua revelação. É descrito que o Senhor falava a Moisés *face a face, como qualquer fala a seu amigo*³³ (Êx 33.11). Também é

25 STEINHEIMER, 1951, apud MOLIN, 1984, p. 443. Conforme Gaffin Jr., a glória de Javé denota “a revelação do ser, da natureza e da presença de Deus para a humanidade, algumas vezes acompanhada de fenômenos físicos” cf. R. B. GAFFIN JR., *Glória*, In: T. Desmond ALEXANDER; Brian S. ROSNER, (org), *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*, p. 553.

26 MOLIN, op. cit., p. 443.

27 No livro de Levítico, a glória também se manifesta a todo o povo (Levítico 9.6, 23).

28 Um estudo da *קבוד* (*kavod*) no Escrito Sacerdotal pode ser aprofundado a partir da dissertação de mestrado de Marivete Zaroni Kunz, realizada na Faculdade EST, no ano 2006, disponível em: http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=24.

29 Conforme Westermann, a glória aparece em dois contextos: “1) em passagens que se referem ao acontecimento do Sinai e tratam de fundamentar o culto; 2) em textos narrativos que falam dos acontecimentos no deserto” (tradução nossa), “1) en pasajes que se refieren al acontecimiento del Sinai y tratan de fundamentar el culto; 2) en textos narrativos que hablan de los acontecimientos del desierto”, cf. Claus WESTERMANN, *קבד Ser pesado*, In: Claus WESTERMANN; Ernst JENNI, *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, p. 1108.

30 John N. OSWALT, *קבד* (*kavod*), In: R. Laird HARRIS; Gleason L. ARCHER JR.; Bruce K. WALTKE, (org), *Diccionario Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 697.

31 Êxodo 24.15ss; Deuteronômio 5.24s; Êxodo 15.7, 10; Êxodo 40.54; Números 14.10. Também em Ezequiel 1.4; Salmo 29; Salmo 50.2-3

32 V. IMSCHOOT, *Glória*, In: A. Van den BORN, *Diccionario Enciclopédico da Biblia*, p. 638. Isto pode ser visto em Êxodo 24.16-17; 29.43; 40.34s; Levítico 9.6, 23; Números 14.10; 16.19, 42; 20.6. Também em Ezequiel 9.3; 10.18s; II Macabeus 2.8.

33 A versão utilizada pelo autor da pesquisa foi a Bíblia Almeida, Revista e Atualizada.

interessante notar que a manifestação de Deus está relacionada com os fenômenos meteorológicos, pois, quando Moisés entra na tenda, desce uma coluna de nuvem na porta da tenda (Êx 33.9), e esta é a mesma coluna de nuvem que acompanha o povo de Israel no Egito (Êx 13.21-22).

No diálogo, Moisés pede proteção ao Senhor, e Deus responde positivamente, afirmando que sua presença irá com ele, e, em seguida, Moisés pede para que Deus revele sua glória (Êx 33.18). A resposta de Deus é espetacular: ele afirma que toda a sua bondade passará diante de Moisés e o seu nome será proclamado a ele, e, quando sua glória passar por ele, haverá proteção, mas a sua face não será vista, pois Deus afirma que “*homem nenhum verá a minha face e viverá*” (Êx 33.17-23). Interessante é que esse diálogo ocorre antes da aliança que Deus faz com Moisés a partir das segundas tábuas da lei. Depois de estar na presença de Deus, diante de sua glória, Moisés desce com as tábuas da lei, junto ao povo, e o povo teme, pois o rosto de Moisés resplandece da glória de Deus (Êx 34.29-30).³⁴ A partir desse diálogo e do encontro com Deus, percebe-se que a glória realmente tem a ver com a presença e revelação de Deus.

Nos livros históricos, é comum o uso da palavra glória no sentido de honra, isto é, de reconhecimento das posses ou do nome de pessoas.³⁵ Também ocorre o sentido de dar glórias a Deus,³⁶ que pode ser feito através de hinos de louvor.³⁷ Um relato interessante é descrito em I Samuel 4.19ss. A nora de Eli, mulher de Fineias, dá o nome de Icabô ao seu filho, dizendo “*Foi-se a glória de Israel*” (ISm 4.21). O nome foi dado ao filho porque a arca foi tomada de Israel, e assim, a glória se foi, ou seja, a presença de Deus se foi. Vê-se que, assim como no pentateuco, também nos livros históricos a glória tem o sentido de manifestação de Deus.³⁸

Dessa forma, todas as passagens presentes nesta pesquisa têm como base a Bíblia Almeida, Revista e Atualizada. Quando for utilizada outra versão, esta será identificada em nota de rodapé.

34 Gaffin Jr. também trabalha este texto de Êxodo e faz a relação entre a presença e a glória de Deus. Cf. R. B. GAFFIN JR., *Glória*, In: T. Desmond ALEXANDER; Brian S. ROSNER, (org), *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*, p. 803-804.

35 I Reis 3.13; I Crônicas 29.12-13; 2 Crônicas 17.5; 18.1; 32.27; Ester 1.4; 5.11.

36 Josué 7.19; I Samuel 6.5.

37 I Crônicas 16.24ss.

38 I Reis 8.11; 2 Crônicas 5.14; 7.1-3.

O livro de Salmos³⁹ utiliza a palavra glória principalmente no sentido de “dar glórias a Deus”, ou “anunciar a glória”.⁴⁰ O que isso indica? Indica que, nos salmos, a glória tem a ver com o reconhecimento do poder de Deus⁴¹ e de sua santidade⁴² e da afirmação de sua presença,⁴³ pois o povo dá glórias a Deus porque tem a convicção de que ele está presente, ao mesmo tempo em que reconhece que a sua glória alcança toda a criação.⁴⁴ Logo, é bem comum encontrar, nos salmos, a afirmação de que a glória de Deus enche a terra,⁴⁵ o que também pode ser expresso no pedido *em toda a terra esplenda tua glória* (Sl 57.5,11; 108.1,5). Nos salmos, a grandeza da glória de Deus é reconhecida,⁴⁶ ao mesmo tempo em que é confessado que a glória vem de Deus.⁴⁷ Interessante é que, em dois salmos,⁴⁸ glória é lida em paralelo ao nome de Deus: no Salmo 66.2, o salmista pede para salmodiar a glória do nome de Deus e, no Salmo 79.9, o salmista pede pela assistência de Deus, pela glória de seu nome.⁴⁹ O sentido de honra também ocorre nos salmos, podendo

39 No livro de Provérbios, glória é utilizada principalmente no sentido da glória humana: a glória do rei é a glória do povo (Provérbios 14.28); a glória dos filhos são os pais (Provérbios 17.6); a glória de Deus X a glória dos homens (Provérbios 25.2). Além disso, em Provérbios 4.9, a glória é relacionada à sabedoria.

40 Salmo 29; 96.7-8; 145.11-12;

41 Salmo 89.17; 112.9.

42 Westermann também fala do reconhecimento de sua divindade, cf. Claus WESTERMANN, כבוד *kbd Ser pesado*, In: Claus WESTERMANN; Ernst JENNI, *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, p. 1098.

43 John N. OSWALT, קבוד (*kavod*), In: R. Laird HARRIS; Gleason L. ARCHER JR.; Bruce K. WALTKE (org), *Diccionario Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 697.

44 Salmo 8.1; 19.1; 97.6; 104.1, 31; 111.3. Também Números 14.22; Isaías 35.2; 40.5.

45 Salmo 72.19. Também Isaías 6.3; Números 14.21; Isaías 40.5; 59.19.

46 Salmo 57.11; 138.5; 145.5, 11. Imschoot fala desses salmos como a glória manifesta na “proteção dos seus devotos”. Cf. V. IMSCHOOT, *Glória*, In: A. Van den BORN, *Diccionario Enciclopédico da Bíblia*, p. 639.

47 Salmo 62.7; 84.11; 85.9; 90.16.

48 No Salmo 72.19, também é mencionado “glorioso nome”. Também no Salmo 115.1 é pedido para que seja dada glória ao nome de Deus.

49 Molin fala que, nesses salmos, a glória está em paralelismo com שם (*shêm*) e substitui o nome de Deus. Cf. G. MOLIN, *Glória*, In: Johannes B. BAUER, *Diccionario de Teologia Bíblica: Abraão – Jesus Cristo*, p. 443.

acontecer por meio de lamentações⁵⁰ ou por meio de confissões.⁵¹ Um último uso no livro de Salmos é o uso adjetival:⁵² Rei da Glória (Sl 24.7ss); Deus da Glória (Sl 29.3) e morada da glória (Sl 26.8). O que isso significa? Significa que a palavra glória, unida aos substantivos em questão, dá qualidade a eles, no sentido de que essa glória remete e revela a Deus, já que é uma qualidade sua.

Na literatura profética, sobressai o sentido mais escatológico, isto é, uma esperança vindoura da glória de Deus,⁵³ como afirma Gaffin Jr., “a glória divina torna-se messiânica e escatológica”.⁵⁴ Esse sentido ocorre especialmente no livro de Isaías.⁵⁵ Nos cânticos do servo,⁵⁶ é bem perceptível o aspecto messiânico, especialmente em Isaías 49, em que o servo, em meio ao sofrimento, será glorificado perante o Senhor (Is 49.3,5). Assim, a glória não será dada a nenhum outro (Is 42.9).⁵⁷ Não é só nos textos do cântico do servo que há o aspecto messiânico. Nos textos que falam da nova Jerusalém, a esperança vindoura da glória de Deus se torna concreta.⁵⁸ Nesses textos, vê-se que o nome de Deus e a sua glória serão temidos (Is 59.19), e a sua glória será resplandecida sobre o povo (Is 60.1-2), além de ser anunciada (66.19) e vista pelos reis (Is 62.2). Dessa forma, Jerusalém será “*uma coroa de glória na mão do SENHOR*” (Is 62.3).

Além de Isaías, Ezequiel também utiliza inúmeras vezes a palavra

50 Salmo 4.3; 7.6.

51 Salmo 3.4; 63.8. WESTERMANN, op. cit., p. 1097.

52 John L. MCKENZIE, *Diccionario Bíblico*, p. 388. Outro uso adjetival é “trono da glória” (1 Samuel 2.8; Isaías 22.23; Jeremias 14.21; 17.12).

53 Isaías 24.14; 35.2; 40.5; 46.13.

54 R. B. GAFFIN JR., *Glória*, In: T. Desmond ALEXANDER; Brian S. ROSNER, (org), *Novo Diccionario de Teologia Bíblica*, p. 804.

55 Também há, no livro de Isaías, o sentido de glória de homens: Isaías 10.3, 16-18; 13.19; 17.3-4; 20.5; 21.16; 22.18; 23.9.

56 Os Cânticos do Servo compreendem Isaías 42.1-7; 49.1-12; 50.4-9 e 52.13-53.12. Entretanto, é em Isaías 49 que a glória aparece de forma mais explícita, falando da glorificação do servo em meio ao sofrimento.

57 Na verdade, já em Isaías 40, o aspecto vindouro é perceptível, pois o profeta afirma que “a glória do Senhor se manifestará, e toda a carne a verá” (Isaías 40.5).

58 Isaías 60.1-2, 7, 13, 19; 61.3, 6; 62.2-3; 66.11-12, 18-19. Esse aspecto de esperança vindoura também pode ser visto em Ageu (2.7, 9) e Zacarias (2.5, 8; 6.13). Habacuque também fala da glória futura, entretanto, é interessante como ele descreve: “a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Habacuque 2.14).

glória.⁵⁹ Ao contrário de Isaías, que dá um sentido de esperança futura para a glória, Ezequiel vê a glória do Senhor por meio de visões (Ez 1.1). Dessa maneira, em diversas passagens, ele afirma *ver* a glória do Senhor,⁶⁰ que ele descreve como

metal brilhante, como fogo ao redor dela, desde os seus lombos e daí para cima; e desde os seus lombos e daí para baixo, vi-a como fogo e um resplendor ao redor dela. Como o aspecto do arco que aparece na nuvem em dia de chuva, assim era o resplendor em redor (Ez 1.27-28a).

Por mais que tenha sido uma manifestação de Deus, Ezequiel vê a glória por meio de visões. E o mais interessante é que a glória de Deus tem aspecto luminoso, isto é, ela se faz presente através da luz. A partir disso, ficam mais compreensíveis as passagens que falam da glória que enche a terra, pois, se a glória é luz, então, a luz, que representa a glória de Deus, é que enche a terra. Interessante também é que, nessas visões, seres celestiais também estão presentes. Nos demais profetas, o que se percebe é a ênfase na glória de povos⁶¹ e a glória que é concedida ao rei por Deus.⁶²

O que se conclui é que a glória de Deus tem a ver com sua presença visível diante do povo, geralmente por meio de fenômenos físicos e meteorológicos, mas também por meio de lugares santos, como o tabernáculo e a tenda. Assim, Deus demonstra o seu desejo de habitar no meio do povo (Ag 2.7, 9; Zc 2.5, 8; 6.13). A glória de Deus faz parte de sua existência, um atributo do próprio Deus. Quando se trata da glória de homens, geralmente é usada no sentido de honra, isto é, de reconhecimento de pessoas e de suas posses. No entanto, esse uso de glória como reconhecimento também se estende a Deus, principalmente a partir do livro de Salmos. Dar glórias a Deus, por meio de louvores, significa reconhecer seu poder, majestade e santidade. E essa glória enche toda a terra, demonstra-se na criação. A glória também é usada no sentido messiânico e escatológico, principalmente na literatura profética. Assim, os cânticos do servo de Isaías apontam para a glorificação do servo sofredor. Ao mesmo tempo em que é por meio dos profetas

59 Para aprofundamento acerca da glória no livro de Ezequiel, confira a dissertação de mestrado de Marivete Zanoni Kunz, realizada na Faculdades EST, no ano 2006, disponível em: http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=24.

60 Ezequiel 3.12, 23; 8.4; 9.3; 10.4, 18-19; 11.22-23.

61 Oseias 9.11; 10.5; Miqueias 1.15.

62 Daniel 2.37; 4.30, 36; 5.18, 20.

que a glória se torna uma esperança vindoura, no sentido de que ela encherá toda a terra, e todos conhecerão a glória de Deus. De todos os significados, o que se sobressai é que a glória está relacionada com a revelação de Deus e seu desejo de habitar no meio do povo. Isso se inicia por meio da manifestação dos fenômenos físicos e meteorológicos, estende-se para lugares específicos, como o templo e o tabernáculo, e alcança seu auge na presença viva, ativa e visível, encarnada no Filho, relatada no evangelho de João.

2. Novo Testamento: δόξα (*dóksa*)

No grego secular (ou profano), δόξα (*dóksa*) significa “opinião, conjectura”,⁶³ “reputação, louvor”,⁶⁴ “tese filosófica, boa fama ou celebridade”.⁶⁵ Percebe-se que esse é um significado próximo, porém, diferente da concepção judaica. Dessa maneira, a Septuaginta, ao traduzir קַבוֹד (*kavod*) por δόξα (*dóksa*),⁶⁶ realiza uma mudança semântica substancial em seu uso, conforme afirma Gaffin Jr.,⁶⁷ sendo que “*doxa* e *kabôd* se tornaram idênticos”.⁶⁸ Assim, pode-se afirmar

63 AALEN, S. *Glória, Honra*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (org). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v. 1. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 899.

64 AALEN, loc. cit.; R. B. GAFFIN JR., *Glória*, In: T. Desmond ALEXANDER; Brian S. ROSNER, (org), *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*, p. 804; BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. (ed). *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. 2. ed. v. 1. Stuttgart: Kohlhammer, 1992. p. 831.

65 V. IMSCHOOT, *Glória*, In: A. Van den BORN, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 639.

66 A palavra glória aparece mais de 300 vezes no Antigo Testamento. Dessa maneira, cita-se aqui algumas passagens em que a Septuaginta traduz קַבוֹד (*kavod*) por δόξα (*dóksa*): Gênesis 31.1; Levítico 9.6; Números 14.22; Deuteronômio 5.24; Josué 7.19; Isaías 6.3; Jeremias 14.21; Ezequiel 1.18; entre outras. Essas passagens podem ser vistas em conferidas em RAHLFS, Alfred. (ed). *Septuaginta*. v. 1. 5. ed. Stuttgart: Privilegierte Württembergische Bibelanstalt, 1952.

67 R. B. GAFFIN JR., *Glória*, In: T. Desmond ALEXANDER; Brian S. ROSNER, (org), *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*, p. 804.

68 G. MOLIN, *Glória*, In: Johannes B. BAUER, *Dicionário de Teologia Bíblica: Abraão – Jesus Cristo*, p. 443. Por outro lado, Kittel afirma que, no Novo Testamento, o uso de *DOXA* é uma simples continuação do uso judaico-grego estabelecido na Septuaginta, cf. KITTEL, G. *The NT Use of δόξα, (dóksa) II*. In: KITTEL, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. v. 2. Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing

que, no Novo Testamento, “encontramos as mesmas concepções do Antigo Testamento”⁶⁹ para glória. δόξα (*dóksa*) é, na verdade, a tradução de קָבוֹד (*kavod*).

No Novo Testamento, δόξα (*dóksa*) possui diferentes sentidos: honra,⁷⁰ brilho ou reflexo,⁷¹ “poder, revelação divina”.⁷² Entretanto, τιμή (*timê*) também é usada para representar glória e honra.⁷³ Então, qual a diferença, ou como identificar as particularidades? δόξα (*dóksa*) frequentemente se emprega como sinônimo de τιμή (*timê*), entretanto, na Bíblia, essa é “uma qualidade que pertence a Deus e é reconhecida pelo homem somente em resposta a ele”,⁷⁴ ou seja, quando o homem expressa “a glória e o poder de Deus”.⁷⁵ Conforme Kittel, δόξα (*dóksa*) também pode ser usada para “expressar o ‘modo divino de ser’” (tradução nossa).⁷⁶ τιμή (*timê*) é mais usada no sentido de dar reconhecimento ou honra a alguém.⁷⁷ Das 165 ocorrências de δόξα (*dóksa*) no Novo Testamento, 77 destas estão presentes nas Cartas de Paulo (principalmente em Romanos, 1 e 2 Coríntios), 15 nas cartas de Pedro, 35 nos escritos de João (no qual se inclui o evangelho e Apocalipse)⁷⁸ e 13 no evangelho de Lucas.

Nos evangelhos sinóticos, o sentido mais usado é messiânico, assim

Company, 1964. p. 248.

69 V. IMSCHOOT, *Glória*, In: A. Van den BORN, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 639.

70 Ibid., p. 639; MOLIN, op. cit., p. 444. Também no sentido de fama ou reputação, cf. S. AALEN, *Glória, Honra*, In: Lothar COENEN; Colin BROWN (org), *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 901; Horst BALZ; Gerhard SCHNEIDER (ed), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, p. 831; MOLIN, op. cit., p. 409-410.

71 IMSCHOOT, loc. cit.. Também BALZ; SCHNEIDER, loc. cit.; MOLIN, op. cit. p. 409-410.

72 MOLIN, op. cit., p. 444.

73 AALEN, op. cit., p. 901.

74 Ibid., p. 899.

75 Ibid., p. 899. Conforme Salmo 24.7ss; 29.3; Isaías 42.8.

76 “the ‘divine mode of being’”, cf. G. KITTEL, *The NT Use of δόξα (dóksa) II*, In: Gerhard KITTEL, *Theological Dictionary of the New Testament*, p. 247

77 AALEN, op. cit., p. 901. Como já mencionado, a Septuaginta traduz קָבוֹד por δόξα (*dóksa*), assim, quando se tratar de קָבוֹד (*kavod*), no Antigo Testamento, a palavra usada pela Septuaginta é δόξα (*dóksa*) e não τιμή (*timê*), cf. AALEN, op. cit., p. 900.

78 É interessante observar que essa palavra não se encontra nas cartas de 1, 2 e 3 João.

como na literatura profética do Antigo Testamento.⁷⁹ Dessa forma, são encontradas passagens que afirmam que “o Filho do Homem há de vir na glória de seu pai” (Mt 16.27; Mc 8.38; Lc 9.26), ou que o “Filho virá em poder e glória” (Mt 24.30; Mc 13.26; Lc 21.27). Além disso, o próprio Jesus afirma que ele se assentará no trono de sua glória (Mt 19.28; 25.31).⁸⁰ Vê-se que os próprios discípulos têm a compreensão da glória futura de Jesus, expressa em Marcos 10.37. Na própria transfiguração de Jesus (Lc 9.31-32), por mais que os discípulos vejam a glória,⁸¹ esta continua tendo aspecto futuro: é uma glória que é manifesta, mas, futuramente, será plena. O sentido de glória no aspecto mais humano também aparece nos evangelhos sinóticos, especialmente na tentação de Jesus no deserto, na qual Satanás oferece a glória dos reinos do mundo a Jesus (Mt 4.8; Lc 4.6).⁸² Dar glórias a Deus também é sinal de reconhecimento da santidade e majestade de Deus nos evangelhos sinóticos.⁸³ No evangelho de João,⁸⁴ a glória se apresenta na forma de manifestação visível⁸⁵ (Jo 1.14; 2.11), no sentido comparativo entre a glória de homens e a glória de Deus (Jo 5.41ss; 7.18), no sentido de dar glórias a Deus (Jo 9.24), na relação entre a glória de Deus e a glória de Jesus Cristo (Jo 17.5, 22), e no sentido de glorificação.⁸⁶

No livro de Atos, há quatro passagens que utilizam δόξα (*dóksa*). Em Atos 7.2 Estevão, em sua pregação, remete ao Antigo Testamento e fala do *Deus da glória* que apareceu a Abraão. Em duas ocorrências, a glória de Deus é presença

79 R. B. GAFFIN JR., *Glória*, In: T. Desmond ALEXANDER; Brian S. ROSNER, (org), *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*, p. 805.

80 Assim como, no Caminho de Emaús, os discípulos afirmam: “porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?” (Lucas 24.26).

81 A glória também se torna visível quando o Anjo do Senhor aparece (Lucas 2.9).

82 Em Mateus 6.29 e Lucas 12.27, também é mencionada a “glória de Salomão”; em Lucas 2.14 e 19.38 a “glória de Israel”; em Lucas 14.10 no sentido de “honra”.

83 Que é expresso no Pai Nosso (Mateus 6.13), na gratidão frente ao milagre (Lucas 17.15ss), no reconhecimento da justiça do Filho (Lucas 23.47) ou em forma de louvor (Lucas 2.14; 19.38).

84 O evangelho de João é aqui apresentado de forma breve, pois no capítulo II desta pesquisa, o tema glória será aprofundado a partir do evangelho de João.

85 Também no sentido da glória ser visível na obra de Jesus Cristo, isto é, por meio das obras de Jesus Cristo a glória é revelada. Conforme Comblin, Jesus revela em suas obras “o seu peso, a sua grandeza, a sua força, a sua amplitude, o seu poder [...] no sentido de fundamento, de valor que justificam a glória”, cf. COMBLIN, José. *O Enviado do Pai*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974. p. 54.

86 João 8.54; 12.23, 28; 13.31s; 14.13; 15.8; 16.14; 17.1; entre outros.

visível, em que o próprio Estevão vê a glória de Deus (At 7.55), assim como Paulo vê a glória de Deus em sua conversão em Damasco (At 9.3).⁸⁷ Nesses relatos, o que se percebe é que a glória tem forte relação com a luz brilhante.⁸⁸ Em Atos 12.23, por não dar glória a Deus, Herodes é ferido por um anjo do Senhor.

Nas cartas Paulinas⁸⁹ e Deutero-Paulinas,⁹⁰ δόξα (*dóksa*) é usada: como esperança vindoura; é relacionada com a vida e obra de Cristo, assim como com a vida do cristão; honra/glória humana;⁹¹ e por meio de doxologias.⁹² A esperança na glória de Deus (Rm 5.2) é vista principalmente na relação entre os sofrimentos presentes e a glória a ser revelada⁹³ (Rm 8.18ss; Ef 1.18), e ainda, a esperança⁹⁴ de que os cristãos serão manifestados com Cristo, em glória, quando ele retornar (Cl 3.4; Tt 2.13; Fp 3.21).⁹⁵ Em muitos casos, quando se fala de glória, fala-se do Filho, pois Jesus Cristo, que é o Senhor da Glória (1Co 2.8), acolhe o ser humano para a glória de Deus (Rm 15.7), pois ele foi recebido na glória do Pai⁹⁶ (1Tm 3.16). Também muito importante é a relação que é feita entre a ressurreição de Cristo e a novidade de vida,⁹⁷ pois *como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos*

87 Em Atos 9.3 δόξα (*dóksa*) não aparece, entretanto, ela pode ser subentendida a partir de Atos 22.11, em que Paulo relata o episódio de sua conversão e afirma que ele ficou cego “por causa do fulgor daquela luz”. No original, a palavra que Almeida traduz como “fulgor” é δόξα (*dóksa*).

88 Desta maneira, possui forte relação com o AT, cf. John L. MCKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p. 389.

89 1 Tessalonicenses; 1 Coríntios; 2 Coríntios; Gálatas; Romanos; Filemon; Filipenses.

90 Colossenses; Efésios; 2 Tessalonicenses; 1 Timóteo; 2 Timóteo; Tito.

91 2 Coríntios 6.8; 7.14; Gálatas 6.4; Filipenses 3.19; 1 Tessalonicenses 2.6, 20.

92 Em alguns momentos, parece que a glória é retomada do Antigo Testamento: Romanos 4.20; 9.4.

93 Molin afirma que os cristãos, “pelos seus sofrimentos com Cristo participarão igualmente de sua *doxa*”, cf. G. MOLIN, *Glória*, In: Johannes B. BAUER, *Dicionário de Teologia Bíblica: Abraão – Jesus Cristo*, p. 445.

94 O próprio Cristo é a “esperança da glória” (Colossenses 1.27).

95 Da mesma maneira que os que não conhecem a Deus e que não obedecem ao evangelho de Jesus Cristo “sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder” (1 Tessalonicenses 1.9).

96 Pois Deus é o “Pai da glória”, cf. Efésios 1.17-18.

97 Conforme Gaffin Jr., “‘Ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai’, ele é a fonte de ‘uma vida nova’ (Rm 6.4), para que a igreja também seja gloriosa”, cf. R. B. GAFFIN JR., *Glória*, In: T. Desmond ALEXANDER; Brian S. ROSNER, (org), *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*, p. 806.

pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida (Rm 6.4).⁹⁸ A novidade de vida consiste na transformação, de glória em glória, na imagem de Cristo (2Co 3.18). Essa glória somente pode ser alcançada pela novidade de vida,⁹⁹ por meio do Evangelho (2Ts 2.14), que é o Evangelho da glória de Cristo (2Co 4.4, 6),¹⁰⁰ no qual é confessado que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus (Fp 2.11). Essa glória, que tem a ver com a novidade de vida, foi preparada de antemão (Rm 9.23),¹⁰¹ pois o homem é imagem e glória de Deus (1Co 11.7),¹⁰² ao mesmo tempo em que carece da glória (Rm 3.23), devido ao pecado.¹⁰³ Dessa maneira, outro aspecto da glória de Deus, presente nas cartas paulinas e deutero-paulinas, diz respeito à vida do cristão:¹⁰⁴ tudo o que o cristão fizer deve ser para a glória de Deus (1Co 10.31). Pois as ações de graças demonstram a glória de Deus, ou seja, a glória de Deus deve ser demonstrada pela vida dos cristãos.¹⁰⁵ Todavia, não se trata somente de uma demonstração, pois é a glória que fortalece a vida do cristão (Cl 1.11; Ef 3.16). O último sentido usado nessas cartas se dá por meio de doxologias, que remetem glória a Deus e a Jesus Cristo.¹⁰⁶

Nos demais escritos do Novo Testamento, há forte relação entre Jesus Cristo e a δόξα (*dóksa*) de Deus. Jesus Cristo é o reflexo da glória do Pai (Hb 1.3), pois ele foi coroado de glória e de honra (Hb 2.7ss; 1Pe 1.21; 2Pe 1.17),¹⁰⁷ sendo, portanto, digno de glória (Hb 3.3).¹⁰⁸ Além disso, ele mesmo é denominado

98 A ressurreição em glória também está presente em 1 Coríntios 15.40ss.

99 Paulo também fala da glória do ministério da nova aliança, que é a glória do ministério do Espírito (2 Coríntios 3.7ss).

100 Também “o evangelho da glória de Deus”, cf. 1 Timóteo 1.11.

101 Assim como afirma Efésios 1.6, 12, 14: nós fomos criados para “louvor da glória do Senhor”.

102 Conforme Molin, pelo Espírito Santo, os cristãos já têm participação na glória que há de vir, ainda não revelada. Cf. G. MOLIN, *Glória*, In: Johannes B. BAUER, *Dicionário de Teologia Bíblica: Abraão – Jesus Cristo*, p. 445.

103 Em Romanos 1.23 é ressaltada a idolatria e depravação do homem, que muda “a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível”.

104 John L. MCKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p. 389.

105 2 Coríntios 4.15; 8.19, 23; Filipenses 1.11; 2 Timóteo 2.10; 1 Tessalonicenses 2.12; também 2 Coríntios 1.12.

106 Romanos 11.36; 16.27; Gálatas 1.5; Filipenses 4.19-20; 2 Timóteo 4.18.

107 Em 1 Pedro 1.21 e 2 Pedro 1.17 não está a afirmação de que Cristo foi coroado de glória, mas que lhe foi dada glória.

108 Gaffin Jr. afirma que a glória “é atribuída a Cristo e mediada por ele”, cf. R. B.

“Senhor da Glória” (Tg 2.1). A glória também é entendida em forma de expectativa futura, na qual será revelada ou dada aos cristãos.¹⁰⁹ Algumas vezes, a glória está em paralelo com o sofrimento de Cristo, do qual os cristãos são co-participantes (1Pe 1.11; 1Pe 4.13; 1Pe 5.1). Outro uso bem comum de glória diz respeito às doxologias, em que o nome de Deus é exaltado e glorificado, em expressões como “*a quem seja a glória para todo o sempre*”, “*a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos*”.¹¹⁰ A manifestação da glória ocorre através de seres celestiais (Hb 9.5; Ap 18.1) e por meio da fumaça, que representa a glória que enche o santuário (Ap 15.8). Por último, a glória é atribuída à Nova Jerusalém, já retratada no profeta Isaías, em que esta será iluminada pela glória de Deus (Ap 21.11, 23-24).

O que se conclui, a partir do Novo Testamento, é que δόξα (*dóksa*), mesmo possuindo diferentes significados, tem relação direta com Deus: é uma qualidade que pertence a Deus, constantemente relacionada com seu poder e santidade e, quando o homem dá glórias, este se remete a Deus. Tanto nos evangelhos quanto nas cartas, δόξα (*dóksa*) é usada no sentido messiânico, isto é, a glória que há de vir com o Filho ou a glória que será manifesta totalmente quando o ser humano estiver face a face com Deus na eternidade. Do mesmo modo, é uma glória que se manifesta já agora, na vida dos cristãos, que devem fazer tudo para a glória de Deus. Dar glórias a Deus significa reconhecer seu poder e sua santidade, além de demonstrar louvor a Deus e gratidão por seus feitos. Isso ocorre, principalmente, por meio das doxologias. A glória, que foi manifesta no Antigo Testamento, também é manifestada no Novo Testamento, principalmente por meio da vida e obra de Jesus Cristo, que é o λόγος (*lógos* – palavra, verbo) encarnado, ou seja, a glória presente e visível, a glória revelada de Deus. A manifestação da glória de Deus está ligada com a luz: a glória aparece constantemente através de uma luz brilhante. Glória também tem a ver com novidade de vida, pois, assim como Cristo foi ressuscitado em glória, os cristãos, ao se tornarem novas criaturas, também tem

GAFFIN JR., *Glória*, In: T. Desmond ALEXANDER; Brian S. ROSNER, (org), *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*, p. 807. Da mesma forma, por meio da ressurreição, Jesus Cristo glorifica a Deus, cf. MCKENZIE, loc. cit.

109 1 Pedro 4.3; 5.1, 4, 10; 2 Pedro 1.3. Ao mesmo tempo em que a glória já repousa sobre os cristãos, conforme 1 Pedro 4.14.

110 Hebreus 13.21; 1 Pedro 4.11; 2 Pedro 3.18; 4.11; Judas 24-25; Apocalipse 1.6; 4.11; 5.12-13; 7.12; 19.1. Desses textos, especificamente no livro de Apocalipse, os anciãos e seres viventes é que dão glórias a Deus (Apocalipse 4.11; 5.12-13; 7.12 e 19.1).

a esperança de que serão ressuscitados em glória. Além disso, é a glória de Deus que fortalece a vida dos cristãos.

Alguns aspectos do significado de glória permanecem no Novo Testamento em relação ao Antigo Testamento. A glória de Deus continua tendo sentido de revelação e manifestação visível, contudo, não se trata mais de um fenômeno ou lugar, mas do próprio Cristo encarnado, que é o resplendor/reflexo da glória de Deus. É nele que a glória é revelada e se torna visível. Estar diante de Jesus Cristo é, indiretamente, estar diante da glória de Deus, assim como aconteceu com Moisés. Do mesmo modo que dar glória a Deus é sinal de reconhecimento de seu poder, majestade e santidade no Antigo Testamento, também no Novo Testamento, as doxologias representam isso. Entretanto, há uma nova dimensão na compreensão da glória. Esta se resume à vida e obra de Jesus Cristo. No Novo Testamento, quando se fala de glória, não se está falando somente de Deus, mas também do Filho. A glorificação, que antes fora profetizada no Antigo Testamento, agora se dá de forma concreta por meio de Jesus Cristo. A partir da novidade de vida, o cristão passa a ter como alvo a glória de Deus, pois ele é transformado de glória em glória na imagem do Filho. Dessa maneira, tudo o que fizer, deve fazê-lo para glorificar a Deus.

3. A recepção do Escrito Sacerdotal no evangelho de João

No Antigo Testamento, a glória de Deus está presente em toda a história de Israel, entretanto, é no Escrito Sacerdotal que ela possui maior ênfase, a ponto de ser considerada “o lema do Escrito Sacerdotal em seu relato sobre a permanência do povo no deserto e sobre a revelação no Sinai”.¹¹¹ Dessa forma, pretende-se aqui apresentar as principais características do Escrito Sacerdotal, para que seja avaliada sua recepção no evangelho de João.

Conforme Schmidt,¹¹² as três características mais marcantes do Escrito

111 SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 107. Entretanto, esta noção de dar honra/glória a Deus já era familiar à religião cananeia, sendo adotada por Israel quando este assumiu a tradição cônica de Jerusalém (Isaías 6.3), e ampliada para representar a teofania de Deus. Cf. SCHMIDT, loc. cit.

112 As principais características do Escrito Sacerdotal são apresentadas a partir da pesquisa de Werner Schmidt, cf. SCHMIDT, op. cit., p. 93-94.

Sacerdotal são:¹¹³ a) o Escrito Sacerdotal possui vocabulário e peculiaridades estilísticas: expressões como *ser fecundo e multiplicar-se* (Gn 1.28), *lembrar-se da aliança* (Gn 9.15s); reserva quanto a concepções míticas (Gn 1.14ss) e intensificação do maravilhoso (Êx 14; 16); b) são apresentados mais números em comparação às fontes escritas mais antigas:¹¹⁴ o Escrito Sacerdotal contém uma cronologia exata; é comum que os números sejam apresentados na compilação em listas e genealogias¹¹⁵ (Gn 6.9; 10.1; 11.10); o elemento narrativo recua para o segundo plano (Gn 17.1);¹¹⁶ c) o Escrito Sacerdotal possui ênfase no culto correto, que inclui tanto o local quanto a intenção de preservar a pureza e santidade: exemplificado nas leis cúlticas e no interesse no sacerdócio (Êx 7.1s); é pressuposto para o Escrito Sacerdotal que haja um único santuário,¹¹⁷ isto é, a centralização do culto.¹¹⁸ Além dessas características mais marcantes, Schmidt também demonstra a importância do tema da aliança (bênção divina/promessa) e dos sinais visíveis da fé em Javé, que são a circuncisão (Gn 17.9ss) e a santificação do sábado (Gn 2.2s) no Escrito Sacerdotal.¹¹⁹

A essas características, pode ser acrescentado que o Escrito Sacerdotal possui um “estilo cheio de fórmulas, conciso e repetitivo”¹²⁰ (Gn 1.1-2.4). A partir

113 Para uma abordagem mais completa acerca do Escrito Sacerdotal, que inclui informações sobre autoria, coesão interna, suas diversas camadas, sua situação histórica, relação com o Pentateuco, cf. ZENGER, Erich. *As camadas do Escrito Sacerdotal (“P”)*. In: ZENGER, Erich et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 117-137; SCHMIDT, op. cit., p. 95-101.

114 A exemplo das medidas da arca (Gênesis 6.15s), do recenseamento (Números 1).

115 Sendo que, muitas vezes, a exposição histórica se reduz à genealogia, conforme afirma Schmidt, cf. SCHMIDT, op. cit., p. 94.

116 Em Gênesis 17.1, a descrição é bem mais simples do que Gênesis 18.1, por exemplo. Enquanto que em Gênesis 18.1s, é descrito todo um cenário quando Deus aparece a Abraão, em Gênesis 17.1 somente é mencionada a idade de Abraão, sem constar nada do cenário no qual ele se encontra. Percebe-se que é dada mais ênfase ao número do que a descrição detalhada do personagem ou do cenário. Esse exemplo pode ser conferido no item “Redução do elemento ilustrativo nas sequências de ação e na caracterização de pessoas” em ZENGER, op. cit., p. 116.

117 Schmidt afirma que “o tabernáculo (Êx 25ss) é o ‘único santuário legítimo da comunidade das doze tribos antes de Salomão”, cf. SCHMIDT, op. cit., p. 97.

118 A pressuposição da centralização do culto pode ser percebida em Gênesis 9.1ss, cf. SCHMIDT, op. cit., p. 98.

119 SCHMIDT, op. cit., p. 98, 103.

120 Erich ZENGER, *As camadas do Escrito Sacerdotal (“P”)*, In: Erich ZENGER, et al., *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 115.

da cronologia exata, já apontada por Schmidt, o Escrito Sacerdotal “atribui ao acontecimento geral relatado uma ordem de certo modo instituída pelo Deus Criador”.¹²¹ Possui uma “teologia quase sacramental da palavra: Deus ou Moisés falam – e acontece imediatamente”¹²² (Gn 1.3; Êx 14.15-16.21). No Escrito Sacerdotal, Deus realiza “longos discursos com argumentação teológica”¹²³ e “os relatos são geralmente explicações narrativas de termos teológicos técnicos”.¹²⁴

Os longos discursos de Deus, presentes no Escrito Sacerdotal, também estão presentes no evangelho de João.¹²⁵ Não que isso seja uma característica própria do evangelista, mas, em comparação aos evangelhos sinóticos, percebe-se que ele dá ênfase aos longos discursos “que têm por tema o próprio Jesus, sua pessoa e sua importância”.¹²⁶ Também é comum a repetição de temas no evangelho, a exemplo de sinal, fé, a relação do Pai com o Filho, Espírito Santo, etc. Essa repetição dos temas busca explicá-los no transcórrer do evangelho.

O uso da cronologia também tem importância para o evangelista.¹²⁷ Em

121 *Ibid.*, p. 116. Dessa maneira, é característica do Escrito Sacerdotal que os elementos insinuem uma ordem do mundo, da história e da vida, a exemplo de Gênesis 7.6, 11; 8.13: “as águas do Dilúvio secaram sobre a face da terra no dia 1º do primeiro mês do ano 601, um ano depois de sua irrupção; i. é, com o fim do dilúvio começa um novo ano, respectivamente uma *nova* era do mundo”, cf. ZENGER, op. cit., p. 116.

122 ZENGER, op. cit., p. 117. Pode ser denominado de uma forma mais simples: ordem-execução ou anúncio-cumprimento.

123 *Ibid.*, p. 117.

124 *Ibid.*, p. 117. Exemplos disso são: a história de Abraão desenvolve o tema “aliança”; o relato de Jacó desenvolve o tema “benção”. Cf. ZENGER, op. cit., p. 117.

125 João 3.1-21, 31-36; 4.4-42; 5.16-47; 6.25-71; 7.14-36; 8.12-59; 12.44-50.

126 BOOR, Werner de. *Evangelho de João I: Comentário Bíblico Esperança*. Curitiba: Esperança, 2002. p. 20.

127 Percebe-se que João detalha cronologicamente momentos do ministério de Jesus: a) por meio de dias: “no dia imediato” (João 1.43); “no dia seguinte” (João 1.29, 35; 6.22; 12.12); “ficou ali dois dias” (João 4.40); “passados dois dias” (João 4.43); “se demorou dois dias” (11.6); “três dias depois” (João 2.1); “havia quatro dias” (João 11.17); “seis dias antes” (João 12.1); “passados oito dias” (João 20.26); “primeiro dia da semana” (João 20.1, 19); “no último dia” (João 7.37); b) horas: “por volta da hora sexta” (João 4.6); “cerca da hora sexta” (João 19.14); “ontem, à hora sétima” (João 4.52); “hora décima” (João 1.39); c) anos: “havia trinta e oito anos”; “quarenta e seis anos” (João 2.20); “cinquenta anos” (João 8.57). Outros exemplos: “era cedo de manhã” (João 18.28); “era inverno” (João 10.22); “era noite” (João 13.30); “este, de noite” (João 3.2); “naquela noite” (João 21.3). Os números também são usados em relação a medidas: “quinze estádios” (João 11.18); “vinte e cinco a trinta estádios” (6.19); “cinco pavilhões” (João 5.2).

comparação aos evangelhos sinóticos,¹²⁸ que colocam a atuação de Jesus no período de um ano, ocorrendo completamente na Galileia,¹²⁹ o que é relatado em João dá margem para que o ministério de Jesus tenha durado, pelo menos, três anos.¹³⁰ Conclui-se que, ao contrário dos evangelhos sinóticos, que não dão valor à exatidão histórica dos acontecimentos, o evangelista relata “involuntariamente o transcurso cronológico da atuação de Jesus de tal maneira como de fato aconteceu”.¹³¹ Tanto que ele omite as parábolas narrativas dos evangelhos sinóticos.¹³²

A fórmula ordem-execução (ou anúncio-cumprimento) é perceptível no evangelho de João, principalmente em relação às palavras dia e hora, no qual o anúncio da hora dá a expectativa de quando esta vai se cumprir.¹³³ Conforme Mateos e Barreto, “o dia antecipa e explica a hora, a hora cumpre o dia e manifesta o seu conteúdo”.¹³⁴ Além disso, se observados os textos de João 5.28 e João 11.40, parece também haver o cumprimento da promessa, por mais que ainda não seja completa.

Assim como ocorre no Escrito Sacerdotal, percebe-se que o evangelista intensifica o maravilhoso, especialmente nos milagres de Jesus. Nos relatos de

128 Para uma abordagem mais profunda acerca da relação entre o evangelho de João e os evangelhos sinóticos, ver BOOR, op. cit., p. 19-23.

129 Conforme de Boor, “nos sinóticos forçosamente temos a impressão de que essa atuação durou apenas cerca de um ano e transcorreu completamente na Galileia. Somente uma única vez durante sua atuação pública Jesus vem para Jerusalém, para um *passá* que lhe acarreta a morte”, cf. Werner de BOOR, *Evangelho de João I: Comentário Bíblico Esperança*, p. 19.

130 BOOR, op. cit., p. 19. Conforme de Boor, “de acordo com o exposto por João, Jesus vai logo no início de sua atuação ao *passá* em Jerusalém (Jo 2.13), atuando ali e na Judeia. Obviamente João também tem conhecimento de uma atuação reiterada de Jesus na Galileia (Jo 1.43-2.12; 4.43ss; 6,1ss). Contudo, repetidamente (Jo 5.1s; 7.10ss; 10.22ss) Jesus se encontra em Jerusalém para as grandes festas, antes de marchar solenemente para dentro da cidade para o último *passá* (Jo 12.12ss). Os discursos e as controvérsias decisivas com Israel sucedem em Jerusalém. Conforme essa descrição de João, a atuação pública de Jesus deve ter durado cerca de três anos”. Cf. BOOR, op. cit., p. 19.

131 Ibid., p. 20..

132 CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 182; BOOR, op. cit., p. 20-21.

133 Esta expectativa é expressa pelo próprio Jesus (João 2.4; 7.8), como pelo evangelista (João 7.30; 8.20) e aponta para seu cumprimento (João 12.23ss; 13.1; 17.1).

134 MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 18.

milagre de Jesus, que são os seus sinais, o evangelista os descreve de forma a intensificar o aspecto maravilhoso destes. Em João 2.1-11, quando Jesus transforma a água em vinho, que, por si só, já é algo significativo, é descrito que são usadas seis talhas de duas ou três metretas, que equivale a mais ou menos 22 a 40 litros. Em João 4.46-54, Jesus não somente cura o filho de um oficial do rei, mas o faz à distância, apenas anunciando a cura ao pai. Na cura do paralisado (Jo 5.2-9), é enfatizado que este se encontrava ali por trinta e oito anos. Na multiplicação de pães (Jo 6.1-14), Jesus alimenta, a partir de cinco pães e dois peixinhos, um número de quase cinco mil homens, e ainda sobra comida, pois os discípulos enchem doze cestos com os restos. Em seguida, Jesus anda por sobre o mar (Jo 6.16-21), que está agitado e, mesmo que a distância exata percorrida por Jesus não seja mencionada, a distância que eles navegam é de vinte e cinco a trinta estádios, mais ou menos cinco ou seis quilômetros. Jesus cura um cego de nascença (Jo 9.1-7), sendo que o espanto do cego e de seus pais se sobressai (Jo 9.8ss). E o último milagre, relatado no evangelho, é surpreendente: Jesus ressuscita a Lázaro (Jo 11.1-44). Além da ressurreição já possuir um aspecto maravilhoso, chama a atenção que Lázaro já havia morrido há quatro dias. Em todos os milagres realizados por Jesus, percebe-se que o evangelista quer ressaltar que não foram apenas milagres, mas foram sinais maravilhosos, grandiosos, realizados por Jesus Cristo.

Uma das principais ênfases do Escrito Sacerdotal é o culto correto (que pressupõe sua centralização). No evangelho de João, não são encontradas todas as leis cúlticas presentes no livro de Êxodo e Levítico, por exemplo. O que se percebe no evangelho são três coisas: a) a purificação do templo, na qual Jesus expulsa os vendedores do templo (Jo 2.13-17), dando assim condições para que este seja usado para o culto e ensino; b) Jesus usa o templo para ensinar,¹³⁵ centralizando, desse modo, o culto; c) Jesus fala acerca da verdadeira adoração, que pode ser considerada o culto correto: adorar em espírito e verdade (Jo 4.19-30).

Ao contrário do Escrito Sacerdotal, que dá grande importância aos sinais visíveis da fé em Javé, o evangelista deixa claro que os sinais realizados por Jesus servem para despertar a fé nas pessoas. Para que, dessa maneira, por meio dos sinais, as pessoas creiam em Jesus Cristo. A partir de João 20.30-31, percebe-

135 João 7.14, 28; 8.2, 20; 18.20. Em João 6.59, também é descrito que Jesus ensinava na sinagoga. Em relação à adoração, também em João 12.20 é descrito “os que subiram para adorar durante a festa”, demonstrando assim que o povo centralizava sua adoração em Jerusalém, principalmente por ocasião das festas. Além disso, a partir de João 11.55 conclui-se que o povo subia para Jerusalém para se purificar.

se que os sinais estão ligados com o crer, que dá vida.¹³⁶ Dessa forma, não são os sinais visíveis do Antigo Testamento, como a circuncisão ou santificação do sábado, que representam a fé em Deus,¹³⁷ mas os sinais realizados por Jesus Cristo, que levam as pessoas a crer no Filho de Deus.

A proximidade de Deus para com o povo pode ser vista principalmente a partir do livro de Êxodo, no qual Deus acampa/habita em meio ao povo, através do santuário (Êx 25.8), que é o tabernáculo. E é este mesmo tabernáculo que se enche com a glória do Senhor (Êx 40.34ss). Dessa forma, percebe-se que Deus se torna próximo do povo e o acompanha, ele habita no meio deles. Em João 1.14, é descrito que o verbo encarnado *habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória*, demonstrando assim que o evangelista alude ao Antigo Testamento, especificamente ao habitar de Deus em meio ao povo. Diferentemente do Antigo Testamento, no qual o tabernáculo era uma presença móvel de Deus, o evangelista demonstra que a proximidade de Deus para com seu povo toma novas proporções, em que o verbo encarnado continua sendo uma presença móvel, porém, é uma presença encarnada, visível e palpável de Deus em meio ao povo. Dessa maneira, não é uma presença temporária, mas permanente de Deus.

Do mesmo modo que no Escrito Sacerdotal a glória tem aspecto de revelação, isto é, a glória é a revelação de Deus, também o evangelista quer demonstrar que a glória vista através do Filho revela o próprio Deus, pois *o Verbo era Deus* (Jo 1.1) e *se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1.14). Dessa forma, Deus é revelado em sua glória através do Filho.¹³⁸ Em outras palavras, o Pai se revela no Filho (Jo 10.38; 14.10).¹³⁹ O conhecimento também tem aspecto de revelação, pois conhecer ao Filho significa conhecer ao Pai. Logo, ao conhecer o Filho, o Pai

136 Conforme afirma Tenney, “nos sinais está a revelação de Deus; na fé, a reação que eles estão preparados para produzir; na vida, o resultado que a fé traz”, cf. TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 206.

137 Entretanto, estes sinais também estão presentes no evangelho de João, principalmente na observância do sábado (João 5.9ss; 7.22s; 9.14ss).

138 Conforme Schnelle, “a encarnação de Jesus Cristo visa a revelação da glória de Deus”, cf. SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010. p. 882.

139 Segundo Schnelle, “o conceito teológico central do Evangelho de João é a atuação do Pai no Filho”, cf. SCHNELLE, op. cit., p. 866. Schnelle traz uma abordagem bem interessante, no qual ele fala da relação entre a teologia e cristologia do evangelho de João, sendo que a teologia parte da cristologia. Para aprofundamento, ver SCHNELLE, op. cit., p. 860-908.

é revelado. É a revelação que acontece por meio do relacionamento entre Pai e Filho. Assim também Deus se revela no Antigo Testamento, pois se dá a conhecer pelo ser humano através do relacionar-se com ele. A proximidade de Deus para com seu povo, descrita pelo Escrito Sacerdotal, é a mesma proximidade de Jesus Cristo para com o povo, pois, a comunhão do Pai com o Filho se estende ao ser humano. Isso significa que, por meio de Cristo, o ser humano pode ter comunhão com Deus.

A REVELAÇÃO DA GLÓRIA NO EVANGELHO DE JOÃO

1. Observações preliminares

Neste capítulo, pretende-se analisar como a glória é revelada no evangelho de João. Dessa maneira, antes da análise propriamente dita, faz-se necessária uma observação preliminar acerca do sujeito dessa revelação, a saber, Jesus Cristo. E não há melhor meio de fazê-la do que analisar o próprio prólogo do evangelho de João. Em outras palavras, uma introdução¹⁴⁰ feita pelo evangelista, que resume todo o ministério de Jesus Cristo.¹⁴¹ No entanto, em que sentido Jesus Cristo é o

140 Uma pergunta que pode surgir é: se realmente o prólogo é uma introdução, este foi escrito antes ou depois do conteúdo do evangelho? Essa é uma pergunta válida, pois no prólogo está presente um resumo de todo o ministério de Jesus Cristo, descrito no evangelho de João. Esse prólogo contempla o conteúdo de todo o evangelho de João. Dessa maneira, esse prólogo pode ter sido escrito antes ou depois do conteúdo principal do próprio evangelho de João.

141 Conforme Wiese, “os versículos 11 e 12 contém a temática de todo o evangelho de João, sendo norteadas pela pergunta *quem é Jesus?*: veio para os que eram seus (capítulos 3-6), e os seus não o receberam (capítulos 7-12). Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus (capítulos 13-17), a saber, aos que creem no seu nome”, cf. material disponibilizado pelo Doutor Werner Wiese na disciplina de Exegese do Novo Testamento I, na Faculdade Luterana de Teologia. Os capítulos 18-21 demonstram a humilhação e exaltação do logos, que compreende os dois versículos. Da mesma maneira, esses versículos podem ser compreendidos à luz do Antigo Testamento: dentre o povo de Israel, muitos também não o receberam, mas os que os receberam foram chamados de filhos de Deus, assim como Deus disse ao Faraó “Israel é meu filho” (Êxodo 4.22). Essa relação com o Antigo Testamento pode ser observada em DODD, Charles H. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Editora Teológica, 2003. p. 356-357. No entanto, no prólogo, κόσμος (*kósmos* – mundo)

sujeito da revelação da glória? Como já apresentado, no Antigo Testamento, Deus manifesta sua glória por meio de fenômenos físicos e meteorológicos. Entretanto, no evangelho de João, a glória não é manifestada por um fenômeno, mas através da pessoa de Jesus Cristo, pois *o verbo se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1.14). Deus se autorrevela em Jesus Cristo. A glória, que antes era vista por meio de fenômenos, agora é vista encarnada em Jesus Cristo, o reflexo da glória do Pai. Além disso, Brown acrescenta à manifestação visível também os atos poderosos que identificam a glória de Deus no Antigo Testamento, que igualmente estão presentes no λόγος¹⁴² (lógos – verbo, palavra) encarnado.¹⁴³

Ao contrário dos evangelhos sinóticos,¹⁴⁴ o evangelista não inicia com a genealogia, nascimento ou crescimento de Jesus Cristo, mas, trata da relação entre o λόγος¹⁴⁵ (lógos) e Deus, a partir do princípio.¹⁴⁶ O evangelista afirma que *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus* (Jo 1.1). Disso se conclui que o λόγος (lógos): é preexistente, possui caráter de pessoa e é Deus. O testemunho acerca do λόγος (lógos) não fica apenas nas palavras do próprio evangelista, mas João Batista também testemunha acerca da “*verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo o homem*” (Jo 1.9).¹⁴⁷ Não se trata apenas

não quer identificar uma parcela do povo de Israel, mas a humanidade como um todo.

142 A Bíblia de Almeida, Revista e Atualizada, traduz a palavra grega λόγος (lógos) por Verbo. Contudo, nesta pesquisa não será utilizada a tradução “Verbo” nem a tradução mais comum “palavra”, mas a palavra na língua original, λόγος (lógos).

143 BROWN, Raymond E. *The Gospel according to John: i-xii*. v. 1. New York: Doubleday & Company, 1966. p. 503.

144 Percebe-se que o evangelho de João se aproxima muito do evangelho de Marcos. O aprofundamento acerca da proximidade desses evangelhos pode ser feito a partir de Charles H. DODD, *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 383-388.

145 Para aprofundamento acerca do tema λόγος (lógos), uma boa sugestão é o estudo feito por Dodd. Nesse estudo, ele apresenta os principais significados enquanto palavra e pensamento, relacionando-os com o judaísmo e com a filosofia. Cf. DODD, op. cit., p. 347-375.

146 A Septuaginta traduz Gênesis 1.1 utilizando a mesma palavra do evangelho de João: ἐν ἀρχῇ (ἐν ἀρχῇ). Assim, “ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν” (ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν), “no princípio fez Deus o céu e a terra” (tradução nossa). Muitos autores relacionam ἐν ἀρχῇ (ἐν ἀρχῇ) de João com Gênesis 1.1. A relação é interessante, contudo, o evangelista não fala aqui do princípio da criação, mas do princípio de tudo. Pois o λόγος (lógos) não estava presente somente na criação, mas, antes dela, na eternidade, fora do tempo. Isso é reafirmado por Paulo em Colossenses 1.15-23.

147 Os v. 6 a 9 podem até parecer um corpo estranho dentro do prólogo, pois falam do

do testemunho do próprio João Batista, mas também do testemunho do próprio evangelista. Em que sentido? Ao colocar o testemunho de João Batista logo após os versículos iniciais, o evangelista atesta o aspecto atemporal do λόγος (lógos), contraposto ao aspecto temporal do homem (ἄνθρωπος *anthrōpos* - homem).¹⁴⁸ Nos v. 10 a 13, é afirmado que o λόγος (lógos) veio ao mundo, mas o mundo não o conheceu, *Veio para o que era seu, e os seus não o receberam* (Jo 1.11). No entanto, aos que o receberam *deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus* (Jo 1.12). Este receber ou não ao λόγος (lógos) está diretamente ligado ao crer: quem crer em seu nome o recebe, quem não crer, não o recebe.

Toda a relação do λόγος (lógos) com Deus e com o mundo (κόσμος – *kósmos*), descrita nos versículos anteriores, culmina no v. 14: *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos sua glória, glória como do unigênito do Pai* (Jo 1.14). O mesmo λόγος (lógos), descrito nos versículos anteriores, que estava com Deus e que era Deus, se faz carne e habita entre os seres humanos.¹⁴⁹ O que isso significa? Significa que a encarnação do verbo é a autorrevelação de Deus. Deus se revela através do λόγος (lógos), que se faz carne (σὰρξ – *sárks*). Não é uma simples manifestação de Deus, assim como em diversas ocasiões do Antigo Testamento, mas a revelação completa em Jesus Cristo. Deus, que antes se revelara por meio de nuvem, fogo, fumaça, agora se revela na carne, em seu sentido completo.

Além de se fazer carne, o λόγος (lógos), passa a habitar entre a humanidade. Nesse versículo, habitar é usado para traduzir o verbo σκηνώω (*skênóō*), que significa “viver, morar (em tendas)”.¹⁵⁰ Com certeza, a afirmação do evangelista

testemunho de João Batista, podendo assim ser colocados antes do v. 15. Contudo, esses versículos têm aqui seu lugar, pois fazem um contraponto com os versículos anteriores, demonstrando o aspecto atemporal do λόγος (lógos).

148 Nos v. 1-5 é ressaltado o λόγος (lógos), atemporal, enquanto que nos v. 6-9 é ressaltado o ἄνθρωπος (*anthrōpos* - homem), temporal: v. 1 → era Deus = (εγένετο - *égeneto*) v. 6 → enviado por Deus; v. 4 → era a luz; v. 7 → testificasse a respeito da luz; v. 1-5 → conteúdo do crer; v. 6-9 → testemunha do crer. Essa relação é baseada no material disponibilizado pelo Dr. Werner Wiese na disciplina de Exegese do Novo Testamento I, na Faculdade Luterana de Teologia.

149 Assim como também afirma Paulo em Filipenses 2.5-11.

150 GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português*. São Paulo: Vida Nova, 2003. p. 190. Esse verbo procede da mesma raiz que σκηνή (*skênē*) que significa “tenda, tabernáculo”, cf. GINGRICH, op. cit., p. 189.

tem como pano de fundo o Antigo Testamento.¹⁵¹ Especialmente o livro de Êxodo, no qual Deus, por meio do tabernáculo, habita no meio do povo (Êx 25.8).¹⁵² Além disso, o tabernáculo possui grande importância, tanto para a revelação quanto para a glória. É no tabernáculo que Deus se revela, e ali mesmo que ele manifesta sua glória. Assim, é bem provável que, nesse versículo, o evangelista tenha como pano de fundo principalmente o livro de Êxodo, pois também acontece a revelação de Deus e sua glória é manifesta. O evangelista faz uma analogia ao tabernáculo no meio do povo. Antes, era o tabernáculo que estava e era transportado no meio do povo, agora, Jesus Cristo tem presença viva, palpável e ativa no meio do povo. Antes, era o tabernáculo que se enchia da glória de Deus, agora, Jesus Cristo é o reflexo da glória de Deus.¹⁵³

O λόγος (*lógos*), que habita em meio ao povo, é cheio de graça e verdade. A relação entre graça e verdade (não em seu sentido literal, mas com significados parecidos) e a glória e a revelação, também tem seu pano de fundo no livro de Êxodo, especialmente em Êxodo 33.12-34.35. Nesses textos, é descrito que, depois que a glória do Senhor passou por Moisés, este clamou: “*SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade*” (Êx 34.6). A graça de Deus, no Antigo Testamento, é sua misericórdia

151 Em outras passagens, o verbo σκηνώω (*skênóō*) é usado para identificar a habitação/morada de Deus em meio ao povo: Joel 3.17, Zacarias 2.10, Ezequiel 43.7, Apocalipse 21.3.

152 A Septuaginta não utiliza o verbo σκηνώω (*skênóō*) em Êxodo 25.8, mas ὀφθῆσομαι (*óphthésomai*), que vem da raiz ὀράω (*hóraō*) e está conjugado na voz passiva, significando assim “tomar-se visível, aparecer”, cf. GINGRICH, op. cit., p. 148. É interessante que a Septuaginta utilize o verbo ὀράω (*hóraō*) e não σκηνώω (*skênóō*). No hebraico, o verbo utilizado em Êxodo 25.8 é שָׁחַן (*shahan*), que significa “habitar, residir, morar”, cf. Luis Alonso SCHÖKEL, *Dicionário bíblico hebraico-português*, p. 670. Percebe-se que o evangelista, ao utilizar o verbo σκηνώω (*skênóō*), tem como pano de fundo o verbo hebraico שָׁחַן (*shahan*). Essa associação entre estes verbos era comum, conforme afirma Bruce: “entre os judeus de fala grega, o substantivo *skene* e suas palavras cognatas, como o verbo *skenoō*, que é usado nesta frase, comumente eram associados ao verbo hebraico *shahan* (“morar”) e seus derivados, como o *mishkan* (“tabernáculo”) da Bíblia e a *shekinah* pós-bíblica”, cf. BRUCE, F. F. *João: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1987. p. 45.

153 Esta relação entre Jesus e o tabernáculo também pode ser observada em Apocalipse 21.3, no contexto da Nova Jerusalém. João, ao ver novo céu e nova terra, escuta uma voz vinda do trono que diz: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles”.

para com o povo, assim como a verdade se traduz na fidelidade que ele tem para com o povo.¹⁵⁴ Logo, ao declarar que o λόγος (*lógos*) é cheio de graça e verdade, demonstra que este não é outro deus, mas é a revelação do Deus verdadeiro, que é cheio de graça (misericórdia) e verdade (fidelidade). Além disso, ser cheio de misericórdia e fidelidade também identifica a obra salvífica de Jesus Cristo, pois Jesus dá sua vida, e o faz até a morte.¹⁵⁵

A glória do λόγος (*lógos*) é vista. As testemunhas ali presentes¹⁵⁶ veem *a sua glória, glória como do unigênito do Pai* (Jo 1.14). Tal qual aconteceu com Pedro, Tiago e João, quando estes se depararam com a glória de Deus refletida em Jesus Cristo na sua transfiguração (Mc 9.2).¹⁵⁷ O λόγος (*lógos*) é o reflexo da glória de Deus.¹⁵⁸ Esse versículo possui muita similaridade com o v. 18. Se esses versículos forem lidos em conjunto, parecem se complementar. No v. 18, é afirmado que *Ninguém jamais viu a Deus*. Essa afirmação tem seu fundamento no Antigo Testamento, pois quando Deus está na presença de Moisés, ele afirma: “*Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá*” (Êx 33.20).¹⁵⁹ Isso significa que ver a Deus por completo não é possível. Assim, ele

154 Outras passagens em que misericórdia e fidelidade aparecem lado a lado: 2 Samuel 2.6; Salmo 57.3, 10; 92.2; 98.3; 100.5; 108.4; 115.1; 117.2; Miqueias 7.20.

155 Horst BALZ; Gerhard SCHNEIDER (ed), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, p. 835.

156 Em João 1.14, o verbo ἑθεασάμεθα (*étheasámetha*) está conjugado na primeira pessoa do plural, assim, “nós vimos”. No entanto, de quem se trata o “nós”? Esse nós não identifica todos os cristãos, mas as testemunhas oculares, como é descrito em 1 João 1.1-4. Conforme Brown, pela relação que há entre o ver a glória do prólogo e a transfiguração de Jesus relatada em Lucas 9.32, “muitos sugerem, portanto, que o hino refere-se ao momento em que Pedro, João, e Tiago testemunham da Transfiguração de Jesus” (tradução nossa), “Many suggest, therefore, that the hymn is referring to the moment when Peter, John, and James witnessed the Transfiguration of Jesus”, cf. Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John: i-xii*, p. 34.

157 E conforme o testemunho do próprio Pedro em 2 Pedro 1.16s.

158 Como afirma Hebreus 1.3: “Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser”. A palavra traduzida como resplendor é ἀπαύγασμα (*apaugasma*), que significa “radiância, refulgência, pass. reflexo”, cf. F. Wilbur GINGRICH, *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português*, p. 27.

159 Conforme Êxodo 33.20. Em Isaías 6.1, o profeta afirma que vê o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e, em seguida, no v. 5, ele declara: “ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!”. Isso demonstra que o profeta sabe que sua condição impura o condena diante da presença de Deus, isto é, que ele não pode ver a Deus na condição de impuro sem que morra. Por outro lado, em

se revela ao ser humano por meio de manifestações. No entanto, agora ele se revela na encarnação de Jesus Cristo. Ele se revela por meio do Deus unigênito (μονογενῆς θεός - *mónoguenês Theós*). A glória do Deus único pode agora ser vista, mesmo que de forma refletida, de forma encarnada em Jesus Cristo.¹⁶⁰ Ao mesmo tempo em que o Filho revela o Pai, também manifesta a sua glória. Desse modo, ver a glória de Deus tem a ver com a própria revelação de Deus. Deus, ao revelar sua glória no Filho, também se autorrevela ao ser humano. Jesus Cristo é a revelação da glória de Deus encarnada.

Tem-se aqui descrito o sujeito da revelação da glória de (e do próprio) Deus. Dessa forma, pode-se agora analisar todo o ministério desse sujeito e como ele revelou a glória de Deus. Os sinais foram as maneiras mais explícitas com as quais o Filho manifestou a glória do Pai. Através dos sinais, muitos creram em Jesus como o Filho de Deus. Por meio deles, o Filho não somente manifestou a glória, mas revelou o próprio Pai. A glória não pode ser entendida fora da relação do Pai com o Filho. Pois, assim como o Filho não testemunha de si mesmo, ele também não procura sua própria glória, mas, unicamente, a glória do Pai. Logo, a glória é revelada na relação do Pai com o Filho. Assim como o Pai glorifica o Filho, o Filho é glorificado pelo Pai, conforme afirma Schnelle, “toda a atuação revelatória de Jesus visa à glorificação do Pai pelo Filho e do Filho pelo Pai”.¹⁶¹ E não poderia ser diferente, pois a glória do Deus único se encarna no Filho.

Jesus Cristo busca manifestar a glória de Deus em toda sua vida, mas é na cruz que a glorificação acontece de forma concreta, quando Jesus declara: “*Está consumado!*” (Jo 19.30). Jesus conclui sua obra salvífica, e o Pai é glorificado, assim como o Filho é glorificado. A maior glória de Jesus Cristo foi a cruz. E é na ressurreição que ele reassume, com novas proporções, a glória que possuía antes que houvesse mundo. Esse é o momento em que ele é exaltado, quando poderá estar novamente à direita do Pai. Assim, a glorificação é, ao mesmo tempo, sofrimento e exaltação. Entretanto, quando Cristo é exaltado, ele não deixa o ser humano só, mas roga ao Pai que envie outro Consolador (Jo 14.16), o Espírito da verdade, o Espírito Santo. Além de ensinar, lembrar e guiar a toda a verdade, de convencer o

mundo do pecado, da justiça e do juízo, o Espírito Santo tem a tarefa de glorificar ao Filho e o revelar. Logo, a glória também é revelada na obra do Espírito Santo, pois seu único objetivo é glorificar ao Filho. E é por meio desse Espírito Santo que os discípulos poderão também glorificar ao Filho e, conseqüentemente, glorificar ao Pai. As obras que foram confiadas aos discípulos somente são realizadas por meio da ação do Espírito Santo, que revela a verdade, a qual é Jesus Cristo. Essas obras consistem na produção de frutos, que, em última análise, tem por objetivo glorificar e revelar ao Pai e ao Filho. Uma glorificação que se estende até a morte, e vai além dela, quando todo crente, que inclui tanto os discípulos quanto os cristãos hoje, poderá estar na presença gloriosa do Pai e do Filho na eternidade.

2. A glória revelada por meio da manifestação de sinais

Por meio de parábolas, discursos, milagres e diálogos de Jesus, os evangelhos narram a vida e o ministério de Jesus Cristo de uma forma toda especial. O evangelho de João possui uma característica marcante: fala acerca dos sinais¹⁶² realizados por Jesus.¹⁶³ O evangelista trata os milagres realizados por Jesus como sinais (σημεία - *sêmeia*).¹⁶⁴ A partir do evangelho, são apresentados sete σημεία: 1) transformação da água em vinho (Jo 2.1-11); 2) cura do filho de um oficial do rei (Jo 4.46-54); 3) cura de um enfermo em Betesda (Jo 5.1-18); 4) multiplicação dos pães (Jo 6.1-14); 5) andar sobre o mar (Jo 6.16-21); 6) cura do cego de nascença (Jo 9.1-41); e 7) a ressurreição de Lázaro (Jo 11.1-44).¹⁶⁵ Qual

¹⁶² Para mais informações acerca da diferença entre o uso de sinais no evangelho de João e nos evangelhos sinóticos, cf. Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John: i-xii*, p. 527.

¹⁶³ Conforme Schnelle, “o conceito dos sinais reconhecíveis é um elemento central da cristologia da encarnação do quarto evangelista”. Cf. Udo SCHNELLE, *Teologia do Novo Testamento*, p. 884.

¹⁶⁴ Conforme Bonnet e Schroeder, “cada milagre do Salvador era um sinal visível das coisas invisíveis, ou seja, a presença, o poder e a misericórdia de Deus” (tradução nossa), “cada milagro del Salvador era señal visible de cosas invisibles, es decir de la presencia, de la potencia y de la misericordia de Dios”, cf. BONNET, Luis; SCHROEDER, Alfredo. *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1986. p. 145.

¹⁶⁵ Apesar de esses sete sinais serem descritos no evangelho, o autor deixa claro algo muito importante: não foram somente esses sinais que Jesus realizou. Conforme João

Êxodo 24.9-11, é descrito que Moisés, Arão, Nadabe, Abiú e setenta dos anciãos de Israel veem o Deus de Israel e participam de um banquete diante da presença de Deus.

¹⁶⁰ Conforme Schnelle a encarnação do λόγος (lógos) visa à revelação da glória de Deus, cf. Udo SCHNELLE, *Teologia do Novo Testamento*, p. 882.

¹⁶¹ Udo SCHNELLE, *Teologia do Novo Testamento*, p. 882.

a finalidade¹⁶⁶ de relatar sete dos diversos sinais realizados por Jesus? Conforme o próprio evangelista afirma, *estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome* (Jo 20.31). Lendo os dois versículos (30-31) em conjunto, três palavras se sobressaem: sinal – crer – vida.¹⁶⁷ De uma forma resumida, porém não conclusiva, os sinais servem para que as pessoas creiam e, assim, tenham vida por meio de Jesus Cristo.¹⁶⁸

Não é possível abordar os sinais realizados por Jesus sem mencionar ou tratar da fé¹⁶⁹ que é demonstrada pelo evangelista por meio do verbo crer. Portanto, os sinais são abordados, nesta pesquisa, em sua relação com o crer¹⁷⁰ e a glória.¹⁷¹ Dos sete sinais relatados pelo evangelista, a palavra δόξα (*dóksa*)

20.30, “Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro”.

166 A partícula ἵνα (*hiná*) é uma conjunção explicativa que aponta para uma finalidade. Dessa maneira, no v. 30, ἵνα (*hiná* – para que, a fim de que) é usada em ligação com o verbo πιστεύω (*pistéuô* - crer) para apontar duas finalidades: ἵνα πιστεύσητε (*hiná pistéusête* - para que creiais) e ἵνα πιστεύοντες ζωὴν ἔχητε (*hiná pistéouontes zôên êkhête* - para que crendo, tenhais vida). Para uma explicação mais aprofundada acerca das conjunções na língua grega, ver SCHALKWIJK, Francisco L. *Coinê: pequena gramática do grego neotestamentário*. 9. ed. Minas Gerais: CEIBEL, Gramática, 2004. p. 163.

167 Essas palavras são algumas dentre as tantas palavras-chave do evangelho de João, pois se repetem constantemente em todo o evangelho. Tenney aborda a relação entre sinal, crer e vida, a partir de João 20.30-31, colocando a teologia de João solidificada em três pilares: sinais, fé e vida. Conforme ele afirma, “nos sinais está a revelação de Deus; na fé, a reação que eles estão preparados para produzir; na vida, o resultado que a fé traz”. Cf. Merrill C. TENNEY, *O Novo Testamento: sua origem e análise*, p. 206.

168 Na verdade, Jesus Cristo dá a vida e é a própria vida (João 1.4; 14.6).

169 Pois como afirma Kittel, a glória de Jesus somente pode ser vista pela fé, cf. G. KITTEL, *The NT Use of δόξα, (dóksa) II*, In: Gerhard KITTEL, *Theological Dictionary of the New Testament*, p. 249.

170 Erdozain tem razão em afirmar que há um contraste nas passagens que falam dos sinais e a fé: por um lado, há as passagens que “apresentam os sinais como elemento importante para levar à fé, e outras que consideram o pedido de sinais incompatível com a fé verdadeira”, cf. ERDOZAIN, 1968 apud COTHENET, 1988, p. 146.

171 Em muitos dos sinais, a palavra “vida” também se relaciona com os próprios sinais: em João 4.50, pela palavra, Jesus dá vida ao menino; em João 5.21ss, no contexto do sinal realizado em João 5.1-18, Jesus afirma que “o Filho vivifica aqueles a quem quer”; em João 6.33, no contexto dos sinais realizados em João 6.1-14 e João 6.16-21, Jesus diz que ele é o pão da vida, “que desce do céu e dá vida ao mundo”; em João 9.1-12, Jesus dá vida ao cego, pois traz luz para sua vida, visto que Jesus é a luz do mundo e quem o segue “não andarás nas trevas, pelo contrário, terá a luz da vida” (João 8.12); em

aparece explicitamente em três deles: João 2.11; 9.24; e 11.4. Contudo, nos demais sinais, a glória é pressuposta, pois esta não pode ser desvencilhada de Jesus Cristo, que é a revelação plena da glória de Deus (δόξα τοῦ θεοῦ - *dóksa tou Theou*).¹⁷² Logo, a glória acompanha todo o ministério de Jesus Cristo,¹⁷³ sendo que os sinais não são apenas meros sinais, mas, quando realizados, manifestam a glória de Deus. Conforme afirma Schnelle, “o conteúdo da encarnação é a revelação da δόξα (*dóksa*)”.¹⁷⁴ E é por esse motivo que as pessoas creem!¹⁷⁵ não por ser

João 11.1-44 Jesus afirma ser a ressurreição e a vida (João 11.25-26), ao mesmo tempo em que dá vida ao que estava morto.

172 João 2.11 afirma que Jesus dá princípio (ἐποίησεν ἀρχὴν - *epoiêsen arkhên*) a seus “sinais” e manifesta sua glória. Por se tratar do “princípio dos sinais” de Jesus Cristo, pode-se chegar à seguinte conclusão: o evangelista pode ter afirmado, de forma concreta, que Jesus manifestou sua glória no princípio dos sinais para demonstrar que, não somente neste sinal, mas em todos os demais, Jesus manifestou sua glória. Isso pode ser afirmado porque é estranho que a manifestação da glória de Jesus Cristo não tenha sido mais citada, de forma tão concreta, nos demais sinais, a não ser em João 11.40. No último sinal realizado por Jesus, ele mesmo afirma “Não te disse eu que, se creeres, verás a glória de Deus?”. Verifica-se que no primeiro sinal, a glória é manifesta e, no último sinal, Jesus relaciona o verbo “ver” com a glória de Deus, identificando assim que, por realizar a ressurreição de Lázaro, sua glória foi vista. Dessa maneira, pelo fato de o evangelista colocar a manifestação da glória justamente no primeiro sinal, e retomar o “ver a glória” no último deles, vê-se que ἀρχή, usado no v. 11 demonstra que há uma continuidade dessa manifestação da glória em todo o ministério de Jesus Cristo. Da mesma forma, Bruce relaciona todos os sinais à glória, quando afirma “ele acaba de narrar o primeiro de uma série de *sinais* que mostram esta glória através do evangelho”, cf. F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 72. Mateos e Barreto também afirmam que a glória do Pai está presente em Jesus e se manifesta desde o princípio de sua atividade, sendo que “todo sinal que realizar, será, portanto, manifestação de sua glória, e, de fato, na última deste dia, a ressurreição de Lázaro, voltará a mencionar esta manifestação”, cf. Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 139-140.

173 Assim como os sinais também acompanham todo o ministério de Jesus Cristo: João 2.23; 3.2; 4.48, 54; 6.2; 6.14; 7.31; 9.16; 11.47; 12.18; 12.37; 20.30. É interessante observar a passagem de João 2.18-22, momento em que os judeus pedem para que Jesus mostre um sinal a eles e Jesus responde: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (v. 19). No v. 22 é afirmado que, quando aconteceu a ressurreição de Jesus, os discípulos se lembram das palavras de Jesus e creem nele. Isso demonstra que esta perícopé também poderia fazer parte dos sinais de Jesus, mas não faz. Relacionando essas palavras de Jesus com o contexto do capítulo, percebe-se que é possível realizar um conexão com o v. 4, em que Jesus afirma que não é chegada a sua hora. Dessa maneira, pode ser que esses versículos não têm a intenção de ser um sinal como os demais, mas apontam para a hora da glorificação.

174 Udo SCHNELLE, *Teologia do Novo Testamento*, p. 882.

175 Isso pode ser evidenciado em João 2.23-24 e João 6.26, situações em que se percebe

um sinal milagroso, mas porque a glória de Deus é manifesta no encarnado, pois Jesus Cristo “encontra-se sempre e constantemente no espaço da glória única de Deus”.¹⁷⁶

Em João 2.1-11, três coisas chamam a atenção: a hora não chegada mencionada por Jesus (v. 4); a manifestação da glória (v. 11); e o fato de os discípulos crerem em Jesus (v. 11). Quando Jesus responde à sua mãe, ele afirma que ainda não é chegada a sua hora. Essa hora¹⁷⁷ poderia ser muito bem o que viria a ocorrer depois, relatado no v. 11, que é a manifestação de sua glória.¹⁷⁸ Entretanto, observando a totalidade do evangelho, essa hora também pode indicar todo o processo da paixão de Cristo, no qual ele é glorificado. Logo, conclui-se que a hora aqui descrita se trata da hora da paixão, na qual, o Filho é glorificado.¹⁷⁹ Depois de realizado o milagre da transformação da água em vinho, é descrito que *com este*,

que as pessoas buscam apenas por sinais, mas não pela presença gloriosa do Senhor.

176 SCHNELLE, op. cit., p. 882.

177 Ao contrário dos evangelhos sinóticos, o evangelho de João utiliza o termo ὥρα (*hōra* – hora) “para designar um período específico e significativo na vida de Jesus” (tradução nossa), “to designate a particular and significant period in Jesus life”, cf. Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John: i-xii*, p. 517.

178 Assim como afirma Bruce, “A manifestação completa da sua glória só se daria quando o Filho do Homem fosse levantado. Mesmo assim, Jesus atendeu ao pedido de Maria, porém de uma maneira que manifestou antecipadamente a glória que mais tarde seria revelada completamente”, cf. F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 70.

179 Em João 2.4, quando Jesus afirma que não é chegada a sua hora (οὐπω ἤκει ἡ ὥρα μου – *oupō hēkei hē hora mou*), o verbo utilizado é ἤκω (*hēkō*), que significa “ter vindo, estar presente”, cf. F. Wilbur GINGRICH, *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português*, p. 94. Nos outros dois textos (João 7.30; 8.20) que afirmam que não é chegada sua hora (οὐπω ἐλήλυθει ἡ ὥρα αὐτοῦ – *oupō élēlithēi hē hora autou*), o verbo utilizado é ἔρχομαι, que significa “vir”, cf. GINGRICH, op. cit., p. 86. Da mesma maneira, ἔρχομαι (*érkhomai*) é usado nos textos em que Jesus declara que sua hora é chegada (João 12.23; 17.1; também com o mesmo sentido 13.1). O que se conclui é que em João 2.4, mesmo utilizando um verbo diferente, este é sinônimo dos demais e aponta para a hora mencionada em João 12.23 e 17.1. Além disso, outro fato que pode auxiliar nessa relação é a presença tanto de ὥρα (*hōra* - hora) quanto δόξα (*dóksa* - glória) na perícopie em questão (João 2.1-11). Em outros momentos, Jesus fala de uma hora escatológica: “mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (João 4.23); “em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão” (João 5.25). Segundo Brown, Jesus também utiliza o termo καιρός (*kairós*) como sinônimo de ὥρα (*hōra* - hora) em João 7.6 e João 7.8, cf. Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John: i-xii*, p. 518. Para aprofundamento acerca do tema ὥρα (*hōra* - hora), cf. BROWN, op. cit., p. 517-518.

deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galileia; manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele (Jo 2.11). Vê-se que, primeiramente, é afirmado que este é o princípio dos sinais. Isso significa que mais sinais acontecerão.¹⁸⁰ Ligado ao sinal ocorrido em Caná da Galileia está a manifestação da sua glória: por meio do sinal, Jesus manifesta sua glória.¹⁸¹ Dessa forma, o sinal tem por finalidade apontar para a glória de Deus, que é visível em Jesus Cristo.¹⁸² Paralelo a isso, é afirmado que os discípulos creem em Jesus. O crer está ligado tanto ao sinal quanto à glória manifesta.

Em João 4.46-54,¹⁸³ quando Jesus realiza seu segundo sinal, ele afirma que “se, porventura, não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis” (Jo 4.48). Novamente é perceptível a relação entre o sinal e o crer, pois o próprio Jesus admite que, se não houver nenhum sinal, as pessoas não creem. Então, ele realiza o sinal, curando o filho do oficial somente pela palavra, sem estar diante do menino, manifestando assim novamente sua glória.¹⁸⁴ A partir disso, do sinal realizado, o oficial crê na palavra de Jesus e, quando vê que seu filho vive, não somente ele, mas toda sua casa crê em Jesus Cristo.

Em João 5.1-18 e João 9.1-41, um fato interessante se sobressai: Jesus realiza estes sinais no sábado. Ele cura um enfermo que estava esperando pela cura há 38 anos (Jo 5.5) e um cego de nascença (Jo 9.1). Em ambos os relatos,

180 Como já antecipado em João 1.50: “Pois maiores coisas do que estas verás”.

181 É interessante observar que Taylor dedica 18 páginas para a análise desta perícopie (João 2.1-11). Dessas 18 páginas, 4 são reservadas para o v. 11. Entretanto, ele discute somente o princípio dos sinais. Algo sobre a manifestação da glória nem é mencionado pelo autor. Cf. TAYLOR, William C. *Evangelho segundo João: tradução e comentário*. v. 1. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1943. p. 271-288. Isso demonstra que esse assunto, muitas vezes, é deixado de lado, sendo a pesquisa sobre esse assunto extremamente necessária, devido à escassez de informações acerca do tema.

182 De uma maneira mais simples: sinal realizado → glória manifesta.

183 Mateos e Barreto fazem uma relação interessante entre João 2.1-11 e João 4.46-54, demonstrando as semelhanças e diversidades entre os dois relatos, cf. Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 234-236.

184 Assim como afirma Bruce, “O evangelista enfatiza que o primeiro lugar onde Jesus manifestara sua glória, em circunstâncias, sem dúvida, alegres (2.1-11), agora veria outra manifestação desta glória, em uma hora de desespero”, cf. F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 110. Da mesma forma, Mateos e Barreto afirmam que “o segundo sinal supõe o anterior e realiza-se como ele a partir de Caná. O objetivo será o mesmo, manifestar a glória/amor”, cf. Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 241.

depois que Jesus realiza o sinal, há uma reação por parte dos que ali estão presentes, justamente por se tratar do sábado.¹⁸⁵ A observância do sábado era algo extremamente importante para o judeu, “um dos mais importantes na lei, um ‘sinal’ especial da aliança entre Deus e Israel (Êx 31.13s)”.¹⁸⁶ Além de ser um sinal da aliança com Deus, ele possuía importância escatológica: “enquanto o sábado não é observado corretamente, o Messias não pode chegar. Contudo, quando Israel cumprir plenamente ao menos um sábado, o Messias aparecerá”.¹⁸⁷ Logo, pode-se concluir que os judeus esperavam que a glória de Deus fosse manifestada no sábado, quando este fosse cumprido corretamente, com a vinda do Messias. Isso é muito interessante, pois Jesus realiza dois de seus sinais no sábado e manifesta sua glória. Todavia, os judeus não a veem. Eles não abrem seus olhos para que a glória do Messias seja vista.

Depois que o cego de nascença é curado por Jesus, ele é questionado pelos judeus (Jo 9.13ss). A resposta do homem é clara: “Ele é profeta”. Não contentes, os judeus questionam os pais do homem. Com medo de serem expulsos da sinagoga, os pais falam para os judeus que questionem seu filho, pois ele já tem idade suficiente para se defender. Os judeus novamente questionam o homem, e sua resposta é direta: “se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito” (Jo 9.33). Após esses testemunhos, não é de se admirar que Jesus se encontre com o homem e ouça a confissão da sua própria boca, por meio da resposta dada à pergunta de Jesus: “Crês tu no Filho do Homem?” (Jo 9.35), “Creio, Senhor” (Jo 9.37). Mais uma vez, o que se percebe é que o sinal tem por finalidade levar as pessoas a crerem que Jesus Cristo é o Filho de Deus.¹⁸⁸

No evangelho de João, em muitas ocasiões, é afirmado que as pessoas veem os sinais realizados por Jesus Cristo e creem nele. Contudo, em João 6, isso não ocorre. Jesus realiza um grande milagre, multiplicando os pães e alimentando quase cinco mil homens (Jo 6.10). Eles não declaram que creem em Jesus Cristo como sendo o Filho de Deus, mas, como o “profeta que devia vir ao mundo” (Jo 6.14). Isso demonstra que tal afirmação tem como pano de fundo Êxodo 16.4,15,

¹⁸⁵ João 5.10-18; João 9.13-41.

¹⁸⁶ Werner de BOOR, *Evangelho de João I: Comentário Bíblico Esperança*, p. 127.

¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 127.

¹⁸⁸ Em João 5.1-18, a palavra crer não aparece explicitamente, entretanto, conforme afirma de Boor, a pergunta realizada por Jesus “torna-se um chamado à fé”, cf. Werner de BOOR, *Evangelho de João I: Comentário Bíblico Esperança*, p. 125.

quando o povo foi alimentado do maná, do pão do céu. Assim como Moisés esteve presente naquele relato, agora, Jesus é o outro profeta que realiza o mesmo feito.¹⁸⁹ Além disso, é bem provável que a multidão tenha na lembrança a vida de Moisés e tudo o que ele realizou pela mão do Senhor.¹⁹⁰ Da mesma maneira que Moisés realizou tantos sinais, agora, Jesus é o novo profeta que veio para realizar os mesmos sinais que Moisés. A multidão não crê no sinal realizado como sendo obra do Unigênito de Deus, como manifestação de sua glória, mas, apenas, como mais um sinal realizado por um profeta. Eles atentam somente para o aspecto material e externo desse sinal realizado por Jesus.¹⁹¹

Isso se comprova no v. 26, quando a multidão vai à procura de Jesus e se encontra com ele. Quando eles perguntam como Jesus havia chegado ali,¹⁹² sua resposta é intrigante: “*Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes*” (Jo 6.26). Então Jesus afirma que “*a obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado*” (Jo 6.29). Novamente a multidão pede para que Jesus faça sinais a fim de que creiam nele. Parece que a palavra de Jesus não é suficiente para que eles creiam (ao contrário do poder que sua palavra teve em João 4.50 e 5.8). Eles pedem sinais. Entretanto, mesmo realizando sinais diante deles, parece que

¹⁸⁹ Além do pano de fundo de Êxodo 16.4, 15, este sinal realizado por Jesus também remonta ao cumprimento da promessa realizada em Deuteronômio 18.15, 18. Possivelmente, na compreensão dos que ali estavam presentes, Jesus era esse profeta prometido.

¹⁹⁰ Em Deuteronômio 34.10-12, é afirmado que: “Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o SENHOR houvesse tratado face a face, no tocante a todos os sinais e maravilhas que, por mando do SENHOR, fez na terra do Egito, a Faraó, a todos os seus oficiais e a toda a sua terra; e no tocante a todas as obras de sua poderosa mão e aos grandes e terríveis feitos que operou Moisés à vista de todo o Israel”. A partir desse relato e da comparação de Moisés com Jesus, parece que o evangelista utiliza o termo sinal e o termo profeta no mesmo contexto para afirmar que Jesus supera a obra de Moisés. Cf. COTHENET, E. et al. *Os Escritos de São João e a Epístola aos Hebreus*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 139.

¹⁹¹ Brown descreve quatro reações que os homens podem ter em relação aos sinais realizados por Jesus e sua fé, sendo que dois deles são insatisfatórios (os que se recusam e os que aceitam os sinais como poder de Deus) e dois são satisfatórios (aqueles que entendem o verdadeiro significado e creem em Jesus Cristo e aqueles que creem sem mesmo ver os sinais). Para a explicação completa dessas reações, cf. Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John: i-xii*, p. 530-531.

¹⁹² Esta pergunta “Mestre, quando chegaste aqui?” demonstra que a multidão também percebeu que o fato de Jesus não ir com os discípulos (João 6.22) e aparecer do outro lado do mar se tratou de outro milagre.

eles somente conseguem ver o que o sinal oferece externamente,¹⁹³ no caso, o atendimento às necessidades.¹⁹⁴ Assim, conforme afirma Bruce, fica “implícito que eles deixaram de ver o que estava por trás da ação externa: os *sinais* agora denotam as coisas que significam”.¹⁹⁵ O sinal agora tem um significado, isto é, ele transmite uma mensagem.¹⁹⁶ É o que se afirma nos v. 32-40: o sinal da multiplicação aponta para Jesus como o pão da vida.¹⁹⁷ A partir do sinal realizado, Jesus se revela como “o pão que desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6.33), assim como ele afirma: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (Jo 6.35).¹⁹⁸ O que se conclui é que, ao mesmo tempo em que o sinal aponta para a glória de Deus, também aponta para a revelação de Jesus Cristo como o Filho de Deus.

Da mesma maneira como ocorre em João 6, o sinal realizado por Jesus, relatado em João 9, tem um significado: apontar para Jesus como a luz do mundo. Este relato de cura sucede o extenso diálogo do capítulo 8, no qual Jesus afirma que ele é a luz do mundo (Jo 8.12), que revela a verdade (Jo 8.31-32; 14.6). Tanto que, no próprio relato da cura, Jesus volta a afirmar que ele é a luz do mundo (Jo

193 Da mesma forma que Deus repreende o povo no diálogo com Moisés, em Números 14.22. Deus afirma que: “tendo visto a minha glória e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, todavia, me puseram à prova já dez vezes e não obedeceram à minha voz”. Percebe-se que a relação entre a glória e os sinais/prodígios é muito próxima. Parece que o povo não consegue ver a glória de Deus por meio dos sinais, mas apenas o que eles podem oferecer. É interessante também que a Septuaginta utiliza a palavra *σημείων* para traduzir prodígios. Cf. *Septuaginta LXX*, v. 1. Editada por Alfred Rahlfs, p. 239.

194 Se assim for, então nesse relato, a multidão segue a Jesus (João 6.2) não porque creem nele, mas porque querem ver mais sinais. Estão interessados somente nos sinais, e não em sua finalidade.

195 F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 136.

196 MICHAELS, J. Ramsey. *João: novo comentário bíblico contemporâneo*. Florida: Editora Vida, 1994. p. 60. Conforme Cothenet, os sinais têm “uma significação doutrinária”, cf. E. COTHENET et al., *Os Escritos de São João e a Epístola aos Hebreus*, p. 136. Brown fala de um simbolismo espiritual, cf. Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John: i-xii*, p. 529.

197 Conforme afirmam Bonnet e Schroeder, “no discurso que se segue, expõe com tanta elevação e profundidade o significado simbólico e espiritual do sinal que tinha acabado de realizar” (tradução nossa), “en el discurso que sigue, expone con tanta elevación como profundidad el significado simbólico y espiritual del milagro que acababa de realizar”, cf. Luis BONNET; Alfredo SCHROEDER, *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*, p. 145.

198 Uma afirmação já dada em João 4.13-14, no qual Jesus se encontra com a mulher samaritana.

9.5). Dessa forma, o significado desse sinal tem a ver com a luz que dá vida aos cegos, não somente de nascença, mas aos cegos em relação à verdade. É a luz que ilumina a todo homem, como já relatado em João 1.4,9. Isso se explica pelo diálogo de Jesus com os fariseus (Jo 9.40-41), no qual, Jesus os defronta com sua verdade diante da lei.¹⁹⁹ Na verdade, ele retoma o que já havia afirmado em João 3.19: “que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz”.

No último sinal realizado por Jesus Cristo (Jo 11.1-44), acontece a ressurreição de Lázaro. Chama a atenção principalmente o v. 4, no qual Jesus afirma que “esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado”. A enfermidade de Lázaro não tem como objetivo a morte, mas, a glória de Deus.²⁰⁰ No entanto, Jesus e os discípulos demoram a ir ao encontro de Lázaro, e ele morre.²⁰¹ Todos os sinais relatados pelo evangelista são diferentes, isto é, tratam de situações diferentes. O que isso quer dizer? Que a cura de uma enfermidade à beira da morte já foi relatada em João 4.46-54 e não teria por que relatar outra cura semelhante. Contudo, o sinal aqui realizado não cura simplesmente uma enfermidade, mas traz da morte para a vida. Assim, pode-se afirmar que o último sinal realizado por Jesus é o maior de todos.²⁰²

199 Conforme afirma de Boor, “todo ser humano é ‘cego de nascença’ para a verdade de Deus. Em cada um precisa acontecer o milagre da cura da cegueira, para que possa chegar à fé verdadeira e viva”, cf. Werner de BOOR, *Evangelho de João I: Comentário Bíblico Esperança*, p. 240.

200 Assim como já foi afirmado por Jesus em João 9.3: “mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus”. Parece estranha a relação, entretanto, em outras ocasiões a palavra “obras” também é usado para identificar os sinais (João 5.20, 36; 7.2, 21; 10.25, 32, 38). Por outro lado, o sinal realizado em João 11.1-44 é similar ao sinal realizado em João 4.46-54, pois em ambas as situações são enfermos à beira da morte. Porém, Lázaro realmente morre, diferentemente do filho do oficial do rei. Para mais informações sobre a relação entre obras e sinais, cf. Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John: i-xii*, p. 525-529.

201 A afirmação de Jesus no v. 15 “e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer” demonstra que Jesus queria que os discípulos estivessem presentes em mais este momento, no qual Jesus iria realizar o último milagre, ressuscitando a Lázaro, dando assim o maior sinal para que eles pudessem crer: a vitória sobre a morte.

202 Conforme afirma Bruce, “a ressurreição de Lázaro é o clímax da série de ‘sinais’ que caracterizam o relato joanino sobre o ministério público de Jesus, servindo de manifestação da glória divina que reside no verbo encarnado. Ao mesmo tempo, ela precipita a série de acontecimentos que culminam na narrativa da paixão”, F. F. BRUCE,

Quando Jesus se encontra com Marta, depois de declarar “*Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente*” (Jo 11.24-25), ele simplesmente pede se ela crê nisso. Então ela confessa que ele é o Cristo, o Filho de Deus. Quando Jesus está diante do túmulo de Lázaro, ele retoma esse diálogo e declara a Marta: “*Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?*” (Jo 11.40).²⁰³ Em seguida, acontece o grande sinal, no qual Lázaro ressuscita. Mais uma vez, o sinal está ligado ao crer, pois a glória possui ligação direta tanto com o sinal quanto com o crer. Como já ocorreu em João 6 e João 9, o sinal tem novamente um significado. Entretanto, agora, o significado alcança uma importância mais evidente: é um sinal da ressurreição,²⁰⁴ que abre o caminho da morte de Cristo.²⁰⁵ Com esse sinal, não somente fica claro que Jesus tem poder sobre a vida e a morte, mas também que ele vence a morte. No entanto, esse é o último sinal antes da sua morte. Além de apontar para a ressurreição, esse sinal indica que a hora de Jesus, já relatada desde João 2.4, está bem próxima de ocorrer. De fato, é o que acontece nos versículos seguintes (Jo 11.45-57), nos quais aparece o relato em que Jesus é condenado à morte.

Diante do exposto acerca dos sinais, conclui-se que estes têm quatro finalidades no evangelho de João: a) fazer com que as pessoas creiam que Jesus Cristo é o Messias, o Filho de Deus (Jo 20.30-31); b) manifestar a glória de Deus; c) revelação de Jesus Cristo como o *lóγος* (*lógos*) encarnado, isto é, revelação de que Jesus Cristo e o Pai são um (Jo 10.30); d) apontar para a hora da glorificação (Jo 13.1; 12.23; 17.1). Essas finalidades se evidenciam especialmente na relação entre os sinais e o fato de as pessoas crerem na própria manifestação da glória de Deus em Jesus Cristo e no significado dos sinais, que apontam para a revelação de Jesus Cristo nos *Eu sou*.²⁰⁶ Se o sinal não apontar para a glória e revelação de Deus,

João: introdução e comentário, p. 215.

²⁰³ Assim como a glória é manifesta no princípio dos sinais (João 2.11), ela também é manifesta no último dos sinais. Da mesma forma, como a glória é vista na encarnação do *lóγος* (*lógos*) (João 1.14), ela é vista no momento em que antecede seu processo de morte (João 12ss).

²⁰⁴ Aqui também pode haver uma relação com João 5.28, no sentido de cumprimento do que ali foi predito. No entanto, isso somente pode ser compreendido num sentido simbólico.

²⁰⁵ Charles H. DODD, *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 474.

²⁰⁶ João 6.1-14 → “Eu sou o pão da vida” (João 6.35); João 9.1-41 → “Eu sou a luz do

ele permanece sendo um mero sinal externo, que não atende ao propósito de Deus, mas apenas serve para atender às necessidades visíveis e físicas das pessoas.

3. A glória revelada na relação entre o Pai e o Filho

Em diversos textos no evangelho de João, Jesus afirma que não procura sua própria glória, mas a glória de Deus.²⁰⁷ Por um lado, significa que é por meio da glória que Jesus Cristo revela ao Pai, pois ele não busca sua própria glória, mas a glória de quem o enviou. Por outro lado, Jesus é o próprio sinal vivo que aponta para a glória de Deus, justamente por não querer demonstrar uma glória que é sua, mas que é de Deus. Dessa forma, a glória se manifesta na relação do Pai com o Filho. Como é o Pai que envia o Filho, o Filho não busca a sua própria glória, mas a glória de quem o enviou, a saber, o Pai. Assim, primeiramente, pretende-se descrever essa relação do Pai com o Filho,²⁰⁸ para então, compreender a glória que se manifesta nessa relação.

Já no prólogo, fica claro que o Pai e o Filho possuem relação e são um só, pois o *Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus* (Jo 1.1). Além disso, no próprio prólogo, está a afirmação de que o Filho revela o Pai (Jo 1.18). Outra afirmação muito conhecida está presente em João 3.16-17:

Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.

Todavia, em todo o evangelho de João, são encontradas afirmações do

mundo” (João 8.12); João 11.1-44 → “Eu sou a ressurreição e a vida” (João 11.24-25). Além destes, ainda há outros *Eu sou* no evangelho: João 10.7, 9; João 10.11, 14; João 14.6; João 15.1, 5.

²⁰⁷ João 7.18; 8.50, 54; 17.1, 5, 21.

²⁰⁸ Dodd fala de um desenvolvimento na apresentação desse tema, que inicia em João 3.35 e alcança seu auge em João 10.30-38, quando “a relação do Pai e do Filho é descrita em termos de mútua inabituação e absoluta unidade”, cf. DODD, op. cit., p. 502. Para verificar este desenvolvimento na íntegra, ver DODD, loc. cit.

próprio Jesus Cristo, em que ele é enviado do Pai,²⁰⁹ assim como afirmações de que Deus é seu próprio Pai.²¹⁰ Não somente da boca de Jesus é ouvido acerca de seu envio do Pai, mas também de testemunhas: Nicodemos afirma que Jesus vem da parte de Deus (Jo 3.2); João Batista afirma que Jesus vem das alturas, e todas as coisas foram confiadas a ele pelo Pai (Jo 3.31-35); o cego de nascença, que é curado por Jesus, quando afirma que “*se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito*” (Jo 9.33).

No longo discurso realizado por Jesus, em João 5.19-47, fica evidente tanto o envio do Filho pelo Pai quanto a relação do Pai com o Filho. Esse discurso ocorre porque Jesus Cristo, em resposta à acusação dos judeus,²¹¹ afirma que Deus é seu Pai (Jo 5.17-18). Isso causa revolta entre os judeus, pois eles compreendem que Jesus Cristo se faz igual a Deus. Nesse discurso, Jesus faz afirmações que não indicam somente que ele é enviado por Deus (Jo 5.23-24; 30; 37; 43), mas que o Filho faz aquilo que o Pai faz (Jo 5.19; 21) e aquilo que o Pai quer que ele faça (Jo 5.19; 22; 30; 36).²¹² Além disso, as obras realizadas pelo Filho testificam que ele é enviado pelo Pai (Jo 5.36), da mesma maneira que o próprio Pai testifica do Filho (Jo 5.37).²¹³

O conhecimento mútuo, entre Pai e Filho, também aponta para essa relação íntima entre o Pai e Filho,²¹⁴ em que o Pai realiza as obras pelo Filho (Jo 13.3; 14.11). Do mesmo modo, a identificação de Jesus Cristo como sendo o “Filho de Deus” aponta para o relacionamento do Filho com o Pai. *Filho de Deus* não é somente expresso pelo próprio Jesus Cristo,²¹⁵ mas também de forma testemunhal (Jo 1.34, 49; 11.27).²¹⁶ Entretanto, a relação entre o Pai e o Filho é

209 João 3.16-17; 4.34; 5.19-47; 6.29, 38, 44, 57; 7.16, 28-29, 33; 8.42; 9.4; 11.42; 13.20; 14.24; 16.5, 27-28; 17.3, 8, 18, 21-23; 20.21; entre outras.

210 João 3.16-17; 5.17, 19-47; 6.27, 65; 8.42, 54; 10.18, 29, 36-38; 13.3; 16.27; 17.1; entre outras.

211 A acusação ocorre porque, na compreensão dos judeus, Jesus viola a lei da santificação do sábado, quando cura o enfermo no tanque de Betesda.

212 Em outras passagens, Jesus afirma que a sua vontade consiste em fazer a vontade do Pai, que o enviou (João 4.34; 6.38; 8.29).

213 Assim como em João 8.18.

214 João 8.19, 55; 10.15; 14.7; 17.25.

215 João 3.18; 10.36; 11.4.

216 Em João 20.31, momento em que o evangelista demonstra a finalidade dos sinais, ele mesmo confessa que “Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”. Filho de Deus também é usado quando os judeus usam a lei para acusar a Jesus Cristo, afirmando que “a si mesmo

descrita de forma mais concreta quando Jesus declara a unidade entre Pai e Filho, afirmando que ele e o Pai são um (Jo 10.30) e que ele está no Pai assim como o Pai está nele (Jo 10.38).²¹⁷

O que se conclui é que o Pai e o Filho são um. O Filho é enviado pelo Pai e realiza a sua vontade, expressa em seu ministério. Logo, o ministério de Jesus é realizado na condição de relação entre ele e Deus. E é dessa maneira que a glória de Deus se torna visível e verdadeira: na relação do Pai com o Filho. A glória que vem do Deus único se torna visível na encarnação do λόγος (*lógos*) (Jo 1.14). Jesus não busca sua própria glória, mas a glória de quem o enviou. Da mesma maneira que Jesus não testemunha de si mesmo, ele não procura sua própria glória, pois, se ele testemunhar de si mesmo, seu testemunho não é verdadeiro. Se ele procurar sua própria glória, esta se torna vã (Jo 8.54). No entanto, da mesma forma que o testemunho verdadeiro vem do Pai, a glória verdadeira é aquela que tem seu alvo no Deus único (Jo 7.18).²¹⁸

Nas passagens em que Jesus afirma que ele não procura sua própria glória, ou a glória dos homens (Jo 5.41; 8.50), se observados os contextos, vê-se que Jesus Cristo fala tendo como pano de fundo sua relação com o Pai e a dificuldade da fé genuína, expressa pelo crer. Todavia, por que é tão difícil crer? Porque eles não aceitam, não recebem a Jesus Cristo como o Filho de Deus. Antes, preferem acusá-lo de fazer-se igual a Deus (Jo 5.18). Isso se torna perceptível quando Jesus afirma “*Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o receberéis*” (Jo 5.43). É mais fácil que eles recebam alguém que procura sua própria glória, do que ele, que procura a glória do Deus único. É mais fácil que busquem sua própria glória diante dos homens do que a glória que vem de Deus. Entretanto, essa glória de si mesmo é justamente a glória condenada por Jesus Cristo: “*Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e*

se fez Filho de Deus” (João 19.7). Paralelo a “Filho de Deus”, outro título utilizado é “Filho do Homem” (João 1.51; 3.13-14; 5.27; 6.27, 53, 62; 8.28; 9.35; 12.23, 34; 13.31).

217 Também em João 8.16, 19; 12.45; 14.9-10; 16.32; 17.10-11, 21-23. O fato de estar no Pai também pode ser observado na afirmação de Jesus em João 6.57: “Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá”.

218 A glória verdadeira somente pode vir do Deus único e não de si mesmo, cf. F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 181.

nele não há injustiça” (Jo 7.18).

A glória deve ser compreendida a partir de seu alvo: se o alvo for a si mesmo, a glória é falsa, mas se o alvo for o Deus único, é verdadeira. Isso é perceptível em João 5.41-44, João 7.14-24, João 8.31-58²¹⁹ e João 12.37-50. Nesses textos, percebe-se que os judeus preferem continuar cegos em sua lei, usando-a em benefício próprio,²²⁰ buscando assim sua própria glória entre os homens, renegando a glória do Deus único.²²¹ Renegando a glória do Deus único, não conseguem receber a Jesus Cristo, que é enviado por Deus. Em vez de aceitar a verdade, que é Jesus Cristo, preferem amar mais a verdade da Lei, que os cega.

219 É interessante que, em João 8.50, seja usada a palavra δόξα e, no versículo anterior, sejam usados verbos da raiz τιμάω (timáō). Por mais que essas palavras tenham significados parecidos, δόξα (dóksa) é usada no sentido de “glória” e τιμάω (timáō) é usada no sentido de “honrar, reverenciar”, cf. F. Wilbur GINGRICH, *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português*, p. 207. τιμάω também é usado em João 5.23.

220 Os judeus julgam conhecer a Lei de Moisés e, muitas vezes, isso é motivo para alcançar a glória diante dos homens, com o correto cumprimento da Lei. No entanto, percebe-se que esta Lei é manipulada, para que possam favorecer a si mesmos, sendo assim glorificados entre os homens. Conforme afirmam Mateos e Barreto, “quando a doutrina sobre Deus é proposta por alguém que não busca manifestar a glória de Deus, mas favorecer à sua própria glória, manipula a Deus”, cf. Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 345.

221 Em João 9.24, os judeus questionam o cego quanto ao fato de ele ter sido curado no sábado, acusando a Jesus de ser pecador. Os judeus falam ao homem: “Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador”. O que se conclui é que, tendo Josué 7.19 como pano de fundo, esse dar glória a Deus significa “uma espécie de retratação para dizer a verdade” (tradução nossa), “lo que era uma especie de adjuración a decir la verdad”, conforme afirmam Bonnet e Schroeder, cf. Luis BONNET; Alfredo SCHROEDER, *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*, p. 206. Segundo Michaels, é “uma espécie de expressão idiomática usada com o objetivo de reforçar uma verdade pronunciada por alguém”, cf. J. Ramsey MICHAELS, *João: novo comentário bíblico contemporâneo*, p. 179. Brown afirma que “isto foi uma fórmula de juramento utilizado antes de tomar depoimentos ou uma confissão de culpa” (tradução nossa), “This was an oath formula used before taking testimony or a confession of guilt”, cf. Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John: i-xii*, p. 374). Bruce descreve que, assim como no relato de Josué, significa “não esconda nada; diga a verdade”, cf. F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 189. A partir desses significados e de Josué 7.19, conclui-se que esta expressão “dá glória a Deus” é uma espécie de condição para reforçar que o acusado fale a verdade. Entretanto, em João 9.24, os judeus utilizam a glória de Deus como condição de verdade para que o homem fale aquilo que eles querem ouvir e não a verdade que ele tem a falar. Disso se conclui que eles utilizam a glória verdadeira de Deus como condição para que o homem fale aquilo que eles querem ouvir. Manipulam a glória de Deus para que a sua verdade, embasada na Lei, prevaleça contra a verdade de Jesus Cristo.

Vivem de aparência porque não buscam a glória verdadeira,²²² preferem amar mais “a glória dos homens do que a glória de Deus” (Jo 12.43). A busca por glória própria impede que eles possam crer,²²³ fazendo com que sua fé seja superficial.²²⁴ A pergunta feita por Jesus, em João 5.44, demonstra isso: “Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?”. Somente a glória de Deus, encarnada em Jesus Cristo, contém a verdade e possibilita que as pessoas possam crer no Filho de Deus. A glória humana é exterior, a glória de Deus alcança o coração do homem. O amor que é expresso na relação entre o Pai e o Filho também se demonstra na glória de Deus. Buscar a glória de Deus significa amá-lo verdadeiramente. Isso é perceptível na afirmação de Jesus “sei, entretanto, que não tendes em vós o amor de Deus” (Jo 5.42). Em comparação com a contraposição que Jesus faz entre a glória dos homens e a glória de Deus (v. 41 e 44), percebe-se que eles não têm o amor de Deus, pois buscam a glória dos homens, buscam o amor a si mesmos.²²⁵

Conclui-se que a glória deve ser entendida na relação do Pai com o Filho. Assim como Jesus Cristo não testemunha de si mesmo, mas é testificado pelo Pai, sendo assim o testemunho verdadeiro, o mesmo ocorre com a glória. Jesus não procura sua própria glória, assim como não glorifica a si mesmo. Quem o glorifica é o Pai que, ao mesmo tempo, é glorificado pelo Filho. Jesus busca a glória daquele que o enviou, o Pai. A glória somente pode ser visível na relação do Pai com o Filho, pois a glória do Deus único se encarna no Filho. A encarnação faz com que a glória seja vista (de forma refletida) pelos homens, ou seja, o Pai torna sua glória visível através do Filho. Se pela encarnação a glória se torna visível, então esta somente pode ser aceita se o Filho for recebido. Na aceitação do Filho está o dom de crer. Então, como pode crer alguém que não busca a glória de Deus, manifesta em Jesus Cristo? Na verdade, não pode. Sua fé não é autêntica, mas superficial, guiada pela exterioridade da glória humana. Quem busca sua própria glória fica cego para a verdade, que é Jesus Cristo. Na glória humana não há verdade, somente

222 Werner de BOOR, *Evangelho de João I: Comentário Bíblico Esperança*, p. 188.

223 *Ibid.*, p. 188.

224 Conforme Bonnet e Schroeder, “a fé tímida desses homens ainda não tem o poder necessário para que eles possam renunciar a glória que vem dos homens e preferir (ou buscar) a glória que vem de Deus” (tradução nossa), “la fe tímida de esos hombres no tenía aún la energia necesaria para renunciar a la gloria que viene de los hombres y preferirle la gloria que viene de Dios”, cf. BONNET, SCHROEDER, *op. cit.*, p. 256.

225 Werner de BOOR, *Evangelho de João I: Comentário Bíblico Esperança*, p. 144.

injustiça e falta de amor a Deus.

4. A glória revelada na cruz: sofrimento e exaltação

No capítulo 11 do evangelho de João, Jesus realiza o último de seus sinais, ressuscitando Lázaro. Não se trata simplesmente de mais um sinal, mas de um grande sinal, que demonstra o poder de Jesus sobre a morte. Isso faz com que muitos creiam nele. No entanto, o que chama mais a atenção é a maneira como esse sinal se liga com os capítulos seguintes. Não por se tratar somente do último sinal, mas por apontar para o evento da cruz: a vida sobre a morte. Depois que Jesus realiza a ressurreição de Lázaro, os principais sacerdotes e fariseus convocam o Sinédrio e decidem condená-lo e matá-lo (Jo 11.47-57). Aqui tem início²²⁶ a obra salvífica de Jesus Cristo, o caminho para a cruz.

Depois de ressuscitar a Lázaro, Jesus Cristo é ungido (12.1-8) e entra de forma triunfal em Jerusalém (12.12-19). Então, acontece algo surpreendente: Jesus é reconhecido tanto por judeus quanto por gregos, que querem vê-lo (Jo 12.21). Entretanto, ao mesmo tempo em que é algo surpreendente, também é algo intrigante, pois isso se torna uma tentação para Jesus Cristo. Os judeus creem nele (Jo 12.11) e os gregos querem vê-lo/conhecê-lo (Jo 12.21). Os sinais alcançam seu objetivo, descrito em João 20.30-31. Então, é realmente necessária a cruz? Eis a tentação de Jesus: a glória diante dos homens.²²⁷ Contudo, Jesus Cristo não busca sua própria glória, muito menos a glória dos homens, mas unicamente a glória do Deus único e verdadeiro.²²⁸ E a sua glorificação não acontece aqui, mas está por vir. É isto que o próprio Jesus afirma: “*É chegada a hora de ser glorificado o Filho*

226 Na verdade, a obra salvífica de Jesus Cristo já inicia na encarnação do λόγος (lógos), quando Deus envia seu Filho para salvar a humanidade perdida. No entanto, aqui o autor da pesquisa utiliza obra salvífica para significar justamente o caminho para a cruz, a salvação vicária de Senhor Jesus Cristo.

227 Conforme de Boor, “a ‘hora’ do sofrimento é ao mesmo tempo ‘a hora da tentação’”, cf. BOOR, Werner de. *Evangelho de João II: Comentário Esperança*. v. 2. Curitiba: Esperança, 2002. p. 51. Jesus sabe o sofrimento que está por vir na cruz, ao mesmo tempo em que é tentado a fugir da cruz.

228 Dessa maneira, Bruce tem razão em afirmar que “a glorificação de Jesus está intimamente relacionada com sua recusa em buscar a própria glória”, cf. F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 228.

do Homem” (Jo 12.23).

Possivelmente, a partir dessas palavras, os discípulos acreditam que chegou a hora tão esperada, em que o Filho tomará para si toda a glória merecida, momento no qual ele se declarará o Messias prometido e subirá ao trono que lhe é devido. No entanto, o que acontece é totalmente o inverso. A resposta se encontra em João 12.24: “*se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto*”, que, para Taylor, demonstra o “paradoxo da cruz”.²²⁹ Ao afirmar que é chegada a sua hora, Jesus identifica o primeiro passo do longo caminho até a cruz. Não se trata da glória exaltada, mas da glória que tem pela frente o caminho do sofrimento.²³⁰ Desse modo, a glorificação não se limita à ressurreição, “trata-se de um movimento contínuo do qual a crucificação, ressurreição e ascensão são as frases principais”.²³¹ A glorificação é o caminho da cruz.

Isso fica mais claro a partir dos v. 27-36 desse mesmo capítulo. Jesus sabe que ser glorificado significa “ser preso, amarrado, esbofeteado, chicoteado, ridicularizado, crucificado e morto”.²³² Assim, sua pergunta no v. 27, envolta por um sentimento de angústia, é totalmente válida: “*que direi eu? Pai, salva-me desta hora?*”.²³³ E sua resposta não deixa dúvidas: “*Mas precisamente com este*

229 William C. TAYLOR, *Evangelho segundo João: tradução e comentário*, v. 2, p. 379.

230 Da mesma maneira que pode ser observado em Isaías 49.1-6, que trata do sofrimento do servo que será glorificado. Isso pode ser comparado à glorificação de Jesus Cristo na cruz, pois, ao mesmo tempo em que demonstra todo o sofrimento do servo, também demonstra toda a presença de Deus em meio a esse sofrimento. Isso porque a glória, no contexto da Babilônia, era usada no sentido do esplendor do rei. E esse esplendor é sinal de força e proximidade com Deus. Dessa forma, a glorificação na cruz traz, ao mesmo tempo, sofrimento e proximidade com Deus.

231 BRUCE, op. cit., p. 225.

232 Ibid., p. 229.

233 Conforme afirma Taylor, esse versículo é “a versão de Getsêmane segundo João”, cf. William C. TAYLOR, *Evangelho segundo João: tradução e comentário*, v. 2, p. 382. Se observados os textos dos evangelhos sinóticos acerca da oração de Jesus no Getsêmani (Mateus 26.36-46; Marcos 14.32-42; Lucas 22.39-46), conclui-se que, enquanto os evangelhos sinóticos utilizam a expressão “passa de mim este cálice”, em

João não aparece “passar o cálice”, mas “salvar da hora”. Além disso, fica claro nos evangelhos sinóticos, que Jesus quer que a vontade do Pai seja feita, da mesma maneira que João também declara isso, porém, na forma de resposta à sua própria pergunta:

“Mas precisamente com este propósito vim para esta hora” (João 12.27). O propósito ao qual Jesus se refere é justamente fazer a vontade do Pai. Brown demonstra o paralelo

propósito vim para esta hora” (Jo 12.27). Em seguida, o Filho pede para que o nome do Pai seja glorificado. A resposta, que vem por meio de uma voz do céu é direta: “*Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei*” (Jo 12.28). É apresentada uma antecipação do que será detalhado na oração de Jesus, no capítulo 17. O nome de Deus já foi glorificado, pois o Filho cumpriu, em obediência, sua obra até aqui, fazendo a vontade do Pai,²³⁴ e o fará até a cruz.

Nos versículos seguintes, 29-36, o tema que sobressai é a morte de cruz. Jesus afirma que será levantado da terra (Jo 12.32),²³⁵ explicando assim *com que gênero de morte estava para morrer* (Jo 12.33). Além de remeter diretamente o levantar ao seu sentido literal, ao observar o contexto do capítulo, percebe-se que este levantar também tem a ver com a glorificação.²³⁶ Não somente no sentido da

que há entre João 12.27 e Marcos 14.34-41. Cf. Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John: i-xii*, p. 470.

234 De acordo com Bruce, “o nome de Deus é *glorificado* ou, nos termos da Oração Dominical, ‘santificado’ quando se faz a sua vontade, e isto jamais aconteceu de maneira tão completa como nesta autoentrega do Filho em obediência ao Pai”, cf. F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 229.

235 O verbo ὑψωθῶ é o subjuntivo aoristo passivo do verbo ὑψώω que significa “levantar, alçar, exaltar, tomar grande, engrandecer”, cf. F. Wilbur GINGRICH, *Léxico do Novo Testamento: Grego - Português*, p. 215. No v. 34 esse verbo também aparece, porém, conjugado no infinito aoristo passivo. É interessante que esse verbo já foi utilizado anteriormente em João 3.14 e João 8.28. Em João 3.14, ele é conjugado da mesma maneira que em João 3.14, e em João 8.28 também se trata de um subjuntivo aoristo, porém, na voz ativa. Em ambas as passagens, o levantar aponta para a cruz, na qual, o Filho do Homem será levantado na cruz. O que chama ainda mais a atenção é que, em Isaías 52.13, a Septuaginta utiliza os verbos ὑψωθήσεται (*hypsôthêsetai*) da raiz ὑψώω (*hypsôô*) e δοξασθήσεται (*dóksasthêsetai*) da raiz δοξάζω (*dóksazô*) paralelamente. Estes verbos são usados para traduzir נָסַח (*nasah*) e גָּבַח (*gabah*), respectivamente. Conforme Schökel, גָּבַח (*gabah*) possui um triplice significado: físico, moral positivo e negativo. Destes, Isaías 52.13 se inclui no moral positivo, significando “ser exaltado, enaltecido”, cf. Luis Alonso SCHÖKEL, *Dicionário bíblico hebraico-português*, p. 126. Em Isaías 52.13 נָסַח (*nasah*) está no tronco *Nifal*, significando “levantar-se, erguer-se, elevar-se”, (SCHÖKEL, op. cit., p. 453), sendo que, em Isaías 53.13, esse verbo tem o sentido de “subir, crescer” (SCHÖKEL, op. cit., 453). Dessa maneira, a Septuaginta relaciona ὑψώω (*hypsôô*) com נָסַח (*nasah*) e δοξάζω (*dóksazô*) com גָּבַח (*gabah*). Disso se conclui que a Septuaginta interpreta o verbo גָּבַח (*gabah*) como glorificação, no sentido de exaltação. A Septuaginta relaciona assim o levantar e glorificar, indicando que o servo sofrido será levantado e glorificado.

236 Em João 12.23, Jesus responde aos discípulos, André e Felipe: “É chegada a hora de ser glorificado [...]”, e em João 12.32, Jesus responde a multidão: “E eu, quando for levantado [...]”. De acordo com Bruce, “as duas maneiras de se expressar são praticamente sinônimas”, cf. BRUCE, op. cit., p. 231.

glorificação na crucificação,²³⁷ mas também da glorificação na exaltação. Depois dessas palavras de Jesus, ele resume seu ministério em breves palavras (12.37-50), falando da dureza do coração dos judeus e de sua incredulidade.²³⁸ Jesus encerra assim seus discursos aos que não o receberam,²³⁹ iniciando, a partir do capítulo 13, seus discursos direcionados para os seus discípulos.²⁴⁰

Nesses discursos, que se estendem até o capítulo 16, os principais assuntos tratados são: amor, serviço e produção de frutos, partida e volta de Jesus, envio do παράκλητος (*paráklētos*) e sua obra, relação do Pai com o Filho. Dentro desses discursos, no capítulo 13.31-33, Jesus fala novamente sobre sua glorificação, agora especificamente para seus discípulos. Esses versículos possuem grande similaridade com João 12.20-36.²⁴¹ Será que João 13.31 dá continuidade ao que foi afirmado por Jesus em João 12.23? Conforme Bruce, em João 12.23, Jesus “estava falando de sua paixão iminente [...] agora [...] a narrativa da paixão é colocada em andamento, e com ela, da perspectiva deste evangelho, o clímax da glória revelada no Filho do Homem”.²⁴² Chama a atenção também o uso do verbo δοξάζω (*dóksazô*) no passado,²⁴³ como se isso já tivesse acontecido.²⁴⁴ Bruce tem razão quando afirma

237 Pois a glorificação faz parte da crucificação, cf. BRUCE, op. cit., p. 231.

238 O evangelista utiliza a passagem de Isaías 53.1 e Isaías 6.10 para acusar a incredulidade dos judeus e, por meio dessas passagens, apontar para o cumprimento dessas promessas.

239 A partir de João 13.1, percebe-se que Jesus dá início a um novo ciclo de discursos, que são direcionados aos seus: “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”. Dessa maneira, percebe-se que o capítulo 12 é o fechamento do ministério de Jesus aos que não o receberam. Isso explica o fato de os v. 37 a 50 do capítulo 12 serem uma espécie de resumo do ministério de Jesus.

240 Michaels faz uma interessante relação entre os capítulos 13 a 17. Para ele, nesses capítulos, são apresentados três temas principais, em ordem invertida: Glorificação (13.31-32) → Partida (13.33) → Amor (13.34-35) | Amor (15.1-16.4a) ← Partida (16.4b-33) ← Glorificação (17.1-26). Para verificar a relação, cf. J. Ramsey MICHAELS, *João: novo comentário bíblico contemporâneo*, p. 262-263.

241 João 12.23: “é chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem” → João 13.32: “Agora, foi glorificado o Filho do Homem”; João 12.28: “Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei” → 13.31: “Deus foi glorificado nele”; João 12.35: “Ainda por um pouco a luz está convosco” → João 13.33: “ainda por um pouco estou convosco”.

242 F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 252.

243 ἐδοξάσθη (*édoksásthē*) é o indicativo aoristo passivo de δοξάζω (*dóksazô*) e aparece duas vezes no v. 31 e uma vez no v. 32.

244 Outro ponto que chama a atenção é a troca que acontece nos v. 31 e 32: o v. 31 inicia com a glorificação do Filho do Homem e termina com a glorificação de Deus; o v. 32

que Jesus pode referir-se ao tempo passado, pois já “aceitou o sofrimento e a morte que o esperam [...], e por isso, pode referir-se à paixão e à glorificação no tempo passado”.²⁴⁵ Percebe-se que o grande momento da glorificação de Jesus está bem próximo. Antes, a hora chegada foi mencionada depois de os gregos pedirem para ver Jesus. Agora, depois que o traidor é indicado, a glorificação é descrita como se já estivesse ocorrendo. Se a cruz aponta para a glorificação de Cristo, então, a glorificação acontece em todo o processo de paixão de Cristo, tendo como alvo principal a cruz, que é o clímax da glorificação.²⁴⁶ É ali que o Pai glorificará o Filho e o Filho glorificará o Pai.²⁴⁷

Deus é glorificado quando o Filho faz a vontade do Pai. E isso é

inicia com a glorificação de Deus e termina com a glorificação do Filho.

245 BRUCE, loc. cit.

246 Bultmann afirma que na “paixão se completa o sentido do envio de Jesus”, cf. BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004. p. 480. E justamente por ser compreendida como o cumprimento da obra ordenada pelo Pai, a paixão se torna a hora da elevação e glorificação. Dessa forma, a morte de Jesus é simplesmente o cumprimento da obra ordenada pelo Pai. Jesus cumpre sua obra e é elevado e glorificado. Há de se perguntar o lugar do sacrifício expiatório de Jesus Cristo, pois, para Bultmann, parece que a encarnação de Jesus foi o início de sua obra e a sua morte foi o fim. Em outras palavras: Jesus veio, cumpriu sua obra, e foi embora.

247 No *Novum Testamentum Graece*, 27ª edição de Nestle-Aland, há duas chamadas de texto para o v. 32. A primeira delas trata da omissão de $\epsilon\iota\ \acute{\omicron}\ \theta\epsilon\acute{\omicron}\varsigma\ \acute{\epsilon}\delta\omicron\zeta\acute{\alpha}\sigma\theta\eta\ \acute{\epsilon}\nu\ \alpha\upsilon\tau\omicron\upsilon$ (“ei hó Theós édokásathē én autō - se Deus foi glorificado nele, tradução nossa). Essa omissão é apoiada por manuscritos bem importantes (P66, κ, B) do Texto Alexandrino, que é “tido como o mais fiel aos escritos originais”, cf. WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009. p. 42. Contudo, essa omissão não altera o sentido do versículo, pois se trata de uma repetição do que foi afirmado no final do versículo anterior. Dessa maneira, essa repetição parece estar presente justamente para tornar o versículo mais compreensível, pois liga os dois versículos. Também é interessante notar que essas palavras estão entre colchetes no Nestle-Aland, significando assim que são “aceitas como leitura original, mas não com o desejável grau de confiabilidade científica”, cf. WEGNER, op. cit., p.

55. A outra chamada de texto de Nestle-Aland trata da substituição de $\alpha\upsilon\tau\omicron\upsilon$ (autō) por $\acute{\epsilon}\alpha\upsilon\tau\omega$ (eautō). Se o versículo for traduzido sem a alteração proposta, este parece estar incompleto: “E Deus glorificará ele nele” (tradução nossa). No entanto, se $\alpha\upsilon\tau\omicron\upsilon$ (autō) for substituído por $\acute{\epsilon}\alpha\upsilon\tau\omega$ (eautō), parece que o versículo ganha mais sentido: “E Deus glorificará ele nele mesmo” (tradução nossa). Enquanto que $\alpha\upsilon\tau\omicron\upsilon$ (autō) é somente um pronome pessoal, $\acute{\epsilon}\alpha\upsilon\tau\omega$ (eautō) é um pronome pessoal reflexivo. Dessa maneira, $\acute{\epsilon}\alpha\upsilon\tau\omega$ (eautō) parece dar mais sentido ao contexto do versículo. Mesmo que essa substituição não seja apoiada pelos manuscritos mais importantes (P66, κ, B) do Texto Alexandrino, esta parece ser uma opção viável para compreender melhor o contexto.

demonstrado claramente no capítulo 17.²⁴⁸ Esse capítulo, que pode ser considerado o selo dos discursos de Jesus,²⁴⁹ antecede todo o processo de paixão de Cristo (Jo 18-19.42).²⁵⁰ É nesse capítulo que ocorre a intercessão²⁵¹ do Filho diante do Pai, na qual ele pede para ser glorificado, pois somente o Pai pode glorificar ao Filho.²⁵² O momento da oração demonstra claramente que a glorificação está ligada com todo o sofrimento de Jesus, que antecede a sua crucificação. Dessa maneira, a glorificação não pode ser remetida somente à sua exaltação. O pedido por glorificação²⁵³ é descrito nos v. 1 a 5. Jesus pede para que o Pai glorifique o Filho, e que o Filho glorifique ao Pai. Não poderia ser diferente. Assim como já foi apontando anteriormente, não há como falar de glória sem falar da relação entre o Pai e o Filho.²⁵⁴ Logo, a glorificação acontece em sentido duplo: o Pai glorifica

248 Para conferir diferentes divisões (estruturações) do capítulo 17, ver: Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 127-144; Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 675-676; Charles H. DODD, *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 536-537; J. Ramsey MICHAELS, *João: novo comentário bíblico contemporâneo*, p. 302-303; BROWN, Raymond E. *The Gospel according to John: xiii-xxi*. v. 2. New York: Doubleday & Company, 1970. p. 748-751.

249 CHAMPLIN, Russell N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Milenium, 1979. p. 571.

250 Conforme Dodd, a oração presente no capítulo 17 está relacionada com os discursos anteriores de Jesus Cristo, relatados nos capítulos 13 a 16, em torno de um tema central: “o que significa estar unido com Cristo”, DODD, op. cit., p. 537. Para mais informações acerca dessa relação ver DODD, op. cit., p. 537-540. DODD também demonstra a relação da oração de Jesus Cristo com os tratados herméticos, que são nutridos de piedade mística. Para esta abordagem, ver DODD, op. cit., p. 540-544.

251 Bruce afirma que esta oração é comumente chamada de oração sacerdotal, porém, ele a denomina como oração de consagração, pois é nela que Jesus se consagra para o sacrifício, sendo, ao mesmo tempo, sacerdote e vítima. Cf. F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 279. O título oração sacerdotal do Senhor vem do latim *Precatio summi sacerdotis* e foi “supostamente recebido pela primeira vez do teólogo David Chytraeus (1530-1600)”, cf. BRUCE, loc. cit..

252 BOOR, op. cit., p. 128, 131.

253 Em João 12.28, Jesus pede para que o nome de Deus seja glorificado. Nas duas passagens (João 12.28 e João 17.1), o verbo $\delta\omicron\zeta\acute{\alpha}\zeta\omega$ (*dóksázō*) está no imperativo, identificando um pedido. Observando o contexto do capítulo 12, percebe-se que o nome de Deus já foi (pela obra de Cristo) e ainda será (pela cruz) glorificado (será glorificado, pois o verbo $\delta\omicron\zeta\acute{\alpha}\zeta\omega$ [*dóksázō*] se encontra no futuro). Dessa forma, João 17.1 parece estar ligado diretamente com o capítulo 12, como se fosse uma resposta a este.

254 Da mesma maneira que não é possível falar de conhecimento de Deus. $\gamma\iota\nu\acute{\omega}\sigma\kappa\omega$ (*guinóskō*) não significa conhecer ideias sobre Deus, mas um conhecimento mediante uma entrega e um relacionamento vivo e pessoal, cf. Werner de BOOR, *Evangelho*

o Filho, e o Filho glorifica o Pai,²⁵⁵ como já descrito em João 13.31. O Filho será glorificado pelo Pai, passando pelo sofrimento da cruz e por sua exaltação. Jesus sabe que “a cruz será o instrumento desta glorificação, e ora para que possa aceitá-la de forma a glorificar o Pai também”.²⁵⁶ No entanto, por que o Pai precisa ser glorificado? Porque o plano foi traçado pelo Pai, e o Filho foi enviado pelo Pai. Dessa maneira, o Filho “glorificará o Pai fazendo sua vontade, suportando até a cruz, e cumprindo o propósito do Pai de ser uma bênção para muitos através desta cruz”.²⁵⁷

Ao mesmo tempo em que o Filho pede para ser glorificado e sabe que isso acontecerá na cruz, ele também pede para que seja glorificado junto ao Pai. Dessa forma, percebe-se que, no próprio capítulo 17, Jesus também tem em vista sua glorificação, que acontecerá na sua ressurreição,²⁵⁸ e não somente na sua morte.²⁵⁹ A cruz é o primeiro passo para que a sua glorificação seja plena,²⁶⁰ isto é, quando

de João II: Comentário Bíblico Esperança, p. 129; F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 281. Assim, esse conhecimento se dá por meio do relacionamento com seu Filho, Jesus Cristo. O conhecimento de Deus, descrito aqui, também é cumprimento da promessa feita a Jeremias (Jeremias 24.7; 31.33-34). Além disso, a relação entre conhecimento e glória também é descrita em Habacuque 2.14. Para mais informações acerca do conhecimento de Deus, cf. Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John: xiii-xxi*, p. 752-753.

255 Conforme Mateos e Barreto, “Jesus manifesta a sua glória-amor entregando-se à morte; o Pai manifestará a sua dando vida (= o Espírito) por meio de Jesus”, cf. Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico*, p. 678.

256 BRUCE, op. cit., p. 280.

257 Ibid., p. 280.

258 É interessante observar a similaridade que há entre João 2.22 e João 12.16. Em João 2.22, depois que Jesus faz uma analogia à sua morte e ressurreição, quando está diante dos judeus no templo, o evangelista afirma que: “quando, pois Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele dissera isto”. Em João 12.16, depois que Jesus entra de forma triunfal em Jerusalém, montado num jumentinho, o evangelista afirma que “seus discípulos a princípio não compreenderam isto; quando, porém, Jesus foi glorificado, então, eles se lembraram de que estas coisas estavam escritas a respeito dele e também de que isso lhe fizeram”. Os dois versículos são muito semelhantes, com palavras que se repetem e uma diferença: em um deles se fala acerca da ressurreição e outro, da glorificação.

259 Isso também é expresso pela pergunta feita por Jesus aos dois discípulos no caminho de Emaús: “Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?” (Lucas 24.26).

260 Conforme afirma Comblin, “a morte e a ressurreição de Jesus são a glorificação

ele for exaltado aos céus e estará na presença gloriosa do Pai.²⁶¹ Conforme de Boor, Jesus, pela fé, sabe que “a glória do Filho na cruz terá como corolário a glória na ressurreição e na exaltação até o Pai”,²⁶² quando o Filho estará novamente na glória que ele possuiu junto ao Pai antes que houvesse mundo (Jo 17.5, que remete a Jo 1.1).²⁶³ Logo, quando Jesus Cristo for exaltado, ele estará novamente na presença gloriosa de Deus, assim como foi no princípio, restabelecendo, desse modo, sua glória original, a glória eterna do Pai.²⁶⁴ Em outras palavras, é a “reintegração para a glória eterna” (tradução nossa).²⁶⁵

Na ressurreição, o Filho reassumirá a glória que possuía antes da encarnação, pois, ao se fazer carne, Jesus Cristo abre mão da glória que tem junto do Pai, *antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e reconhecido em figura humana* (Fp 2.7). A glória que o Filho possuía, antes que houvesse mundo, permanece na eternidade com Deus, pois, segundo Bonnet e Schroeder, “Jesus havia se despojado dessa glória que possuía por sua encarnação ao tomar a ‘forma de servo’” (tradução nossa).²⁶⁶ Na ressurreição, o Filho não será somente reintegrado à glória do Pai, mas reassumirá essa glória, dando a ela uma nova dimensão. Essa nova dimensão compreende toda a obra da redenção que o Filho traz consigo, a qual “será partilhada por aqueles que creram nele”,²⁶⁷

Pois a nossa pátria está nos céus de onde também aguardamos o Salvador,

completa do Filho e do Pai”, cf. José COMBLIN, *O Enviado do Pai*, p. 60.

261 “Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas, tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles” (Hebreus 1.3-5). Confira também Filipenses 2.9-11; Efésios 1.20-23.

262 Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 76.

263 Dessa forma, o evangelista “não coloca a exaltação futura de Jesus em contraste com a humilhação da cruz, mas encara-a como o estágio essencial do caminho em direção àquela glória que será mais realçada em Jesus porque agora será partilhada por aqueles que creram nele”, cf. F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 281.

264 BOOR, op. cit., p. 130.

265 “reintegración a la gloria eterna”, cf. Luis BONNET; Alfredo SCHROEDER, *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*, p. 313.

266 “Jesús se había despojado de esta gloria que poseía por su encarnación al tomar la ‘forma de siervo’”, cf. BONNET; SCHROEDER, op. cit., p. 315.

267 BRUCE, op. cit., p. 281.

o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas (Fp 3.20-21).

Essa é a vontade de Jesus Cristo expressa em João 17.24. Após a ressurreição, quando Jesus aparece diante de Maria, ele afirma que ainda não subiu para o Pai, mas pede para que ela declare aos discípulos: “*Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus*” (Jo 20.17).²⁶⁸ Está próximo o momento em que o Filho será elevado aos céus.²⁶⁹

Conclui-se que a glorificação pedida por Jesus ocorre de forma concreta na cruz, quando ele afirma: “*Está consumado!*” (Jo 19.30). Assim, em todos os momentos que Jesus parece falar no passado, como se sua glorificação já estivesse ocorrido, tem seu alvo na cruz, quando o Filho afirma que está consumado.²⁷⁰ Sua obra foi concluída. O Filho morreu para salvar o mundo perdido.²⁷¹ Deus

268 Palavras que já foram antecipadas em João 6.62; 7.33-34; 8.21-23; 12.35; 13.33, 36; 14.3-4, 19, 28; 16.5, 7, 16ss; 17.11ss; entre outras.

269 É interessante observar o relato de Atos 1.9: “Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos”. Por mais que a nuvem aqui descrita possa apenas representar que Jesus desapareceu da vista deles, se comparada ao Antigo Testamento, principalmente no livro de Êxodo, a nuvem tem um significado importante. É por meio de uma coluna de nuvem (ou simplesmente da nuvem) que: Deus guia o povo no caminho (Êxodo 13.21-22); a glória do Senhor aparece (Êxodo 16.10); Deus se apresenta a Moisés, para que o povo ouça o que Deus fala e cria nas palavras de Moisés (Êxodo 19.9); Deus chama a Moisés (Êxodo 24.16); cobre o monte onde Deus fala com Moisés (Êxodo 33.9); desce até a presença de Moisés (Êxodo 34.5); Deus enche o tabernáculo com sua glória (Êxodo 40.34ss).

270 Em João 17.4 e João 19.28 é usado o mesmo verbo, *τελειόω (teleiôô)*, que significa “completar, terminar, cumprir, realizar o objetivo, aperfeiçoar”, cf. F. Wilbur GINGRICH, *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português*, p. 205. Em João 19.30, quando Jesus declara: “Está consumado!”, o verbo utilizado é *τελέω (teléô)*, que significa “levar ao fim, terminar, completar”. Percebe-se que são sinônimos. Além disso, João 19.30 está relacionado com João 19.28, então, pode-se afirmar que João 19.30 possui relação com João 17.4.

271 Segundo Bonnet e Schroeder, a “glória que adquiriu para a humanidade e a caridade resplandecerá ainda com o brilho mais puro em suas humilhações e seus sofrimentos, no Getsêmani e na cruz, onde poderá exclamar com sua voz moribunda: *Tudo está consumado!* Sua obra estará concluída, terá salvado um mundo perdido” (tradução nossa), “gloria que así ha adquirido por la humanidad y la caridad resplandecerá aún con el brillo más puro en sus humillaciones y sus sufrimientos, en Getsemaní y en la cruz, donde podrá exclamar con su voz moribunda: *Todo está consumado!* Su obra estará concluída, habrá salvado un mundo perdido”, cf. Luis BONNET; Alfredo

foi glorificado. O Filho foi glorificado. Logo, a maior glória de Jesus Cristo foi a cruz,²⁷² pois na “desonra e tortura da cruz torna-se mais explícito o que significa ser o glorioso Filho de Deus”.²⁷³ A glorificação de Cristo não acontece somente em sua exaltação, mas já inicia no caminho para a cruz, que é o caminho do sofrimento e da morte. A glorificação de Jesus Cristo é a sua morte. Assim como também é sua exaltação, que acontece na ressurreição de Cristo, quando ele reassume, com novas proporções, a glória que possuía antes que houvesse mundo. Não há como desvincular esses dois extremos. A glorificação é, ao mesmo tempo, humilhação/sofrimento, morte e exaltação. Desse modo, Paulo tem razão quando afirma que a cruz é *escândalo para os judeus, loucura para os gentios* (1Co 1.23).

5. A glória revelada na obra do παράκλητος (*paráklētos*)

Em duas passagens do evangelho de João, o Espírito Santo é mencionado e ligado à glorificação de Jesus Cristo. Em João 7.39, é afirmado que o Espírito, até aquele momento, não fora dado, porque Jesus não havia sido glorificado e, em João 16.14, Jesus afirma que o Espírito o “glorificará”. Para compreender essa relação do Espírito Santo com a glorificação de Jesus Cristo, é necessário analisar como o Espírito Santo é apresentado pelo evangelista.

O que chama a atenção é que, antes do capítulo 14, Jesus não fala nada acerca do Espírito Santo com seus discípulos. É nos capítulos 14 (v. 15-26), 15 (v. 26-27) e 16 (v. 1-15) que o assunto se torna explícito, justamente antes do momento de sua glorificação. Conforme Bruce, “o ensino mais completo sobre o Espírito e seu ministério é dado em cinco passagens nestes discursos no cenáculo: 1) 14.15-17,2) 14.25s.,3) 15.26s, 4) 16.4b-11,5) 16.12-15”.²⁷⁴ Desse modo, seguindo a indicação de Bruce, esses textos devem ser observados de perto. Neles, o Espírito é apresentado como o παράκλητος (*paráklētos*), que literalmente significa “ajudador,

SCHROEDER, *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*, p. 272.

272 William C. TAYLOR, *Evangelho segundo João: tradução e comentário*, v. 3, p. 421.

273 Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 76.

274 F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 260. A partir destes textos, Bruce fala do παράκλητος como “ajudador, intérprete, testemunha, promotor e revelador”, cf. BRUCE, loc. cit..

intercessor, advogado”,²⁷⁵ e como o “Espírito da verdade”.²⁷⁶

275 F. Wilbur GINGRICH, *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português*, p. 156. A Bíblia Almeida Revista e Atualizada traduz “Consolador”, a Bíblia Nova Versão Internacional utiliza a palavra “Conselheiro”, a Bíblia de Jerusalém utiliza “Paráclito” e a Bíblia na Nova Tradução na Linguagem de Hoje utiliza “Auxiliador”. παράκλητος (*paráklētos*) tem sentido passivo, indicando assim alguém que é “chamado ao lado de”, cf. BRUCE, op. cit., p. 259; Luis BONNET; Alfredo SCHROEDER, *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*, p. 282; Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 606. Conforme Bruce, παράκλητος (*paráklētos*), entendido em sua forma passiva, significa “chamado ao lado” como ajudador ou defensor, um amigo no tribunal [...] apresentado sucessivamente como ajudador, intérprete, testemunha, promotor e revelador”, cf. BRUCE, op. cit., p. 259-260. Entretanto, ele utiliza o substantivo παράκλητος (*paráklētos*) de forma transliterada “Paráclito”, cf. BRUCE, op. cit., 260. Também de forma transliterada, porém diferente de Bruce, Dodd e Taylor utilizam “Paráclito”, cf. Charles H. DODD, *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 523; William C. TAYLOR, *Evangelho segundo João: tradução e comentário*, v. 3, p. 452; E. COTHENET et al., *Os Escritos de São João e a Epístola aos Hebreus*, p. 110). Bonnet e Schroeder traduzem παράκλητος (*paráklētos*) por “Ayudador” por ser mais fiel ao contexto dos textos em que esta palavra aparece, cf. BONNET; SCHROEDER, loc. cit.. De Boor utiliza a palavra “Advogado” para descrever o παράκλητος (*paráklētos*), pois mesmo que o Espírito exerça o ministério da consolação, “na vida cristã, e muito menos no serviço dos discípulos, não se trata primordialmente de ‘consolo’. Os discípulos no ‘mundo’ lá fora precisam de um ‘Advogado’, ou seja, aquele que assume a causa deles, que os defende, conduz e protege”, cf. Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 90. Mateos e Barreto utilizam a palavra “protetor [...] aquele que ajuda em qualquer circunstância”, cf. MATEOS; BARRETO, op. cit., p. 609. Como há significados diferentes nas versões das Bíblias em português, e com base na afirmação de Taylor que esta palavra possui uma ideia complexa, não tendo significado específico em português (TAYLOR, op. cit., p. 453), opta-se aqui por usar o termo grego, παράκλητος (*paráklētos*). Para mais informações acerca de παράκλητος (*paráklētos*) ver: BROWN, C. *Espírito, Espírito Santo*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (org). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v. 1. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 713-741; Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John: xiii-xxi*, p. 1135-1144. Para aprofundar acerca da compreensão de πνεῦμα (*pneuma*) no evangelho de João, ver DODD, op. cit., p. 283-301. Cothenet também faz uma boa abordagem acerca das origens da palavra Paráclito, cf. COTHENET, op. cit., p. 111.

276 Em João 14.15-17 e João 15.26, o παράκλητος (*paráklētos*) é identificado como o “Espírito da verdade”. E em João 16.13, não aparece παράκλητος (*paráklētos*), somente Espírito da verdade. Algo que chama a atenção é que, em João 4.23-24, não aparece a expressão “Espírito da verdade”, mas, Jesus fala para a mulher samaritana que “os verdadeiros adoradores adorarão em espírito e verdade” (ἐν πνεύματι καὶ ἀλήθειᾳ – ἐν πνεύματι καὶ ἀλήθειᾳ). Primeiramente, por se tratar do Espírito da verdade, é fato que há relação entre o Espírito e a verdade. Duas coisas merecem destaque: o Espírito é a/da verdade e testemunha a/da verdade. Ele somente pode testemunhar da verdade porque ele é a verdade (1

Em João 14.15-17, Jesus afirma que rogará ao Pai, e pelo Pai será enviado o παράκλητος (*paráklētos*). O παράκλητος (*paráklētos*) é pedido pelo Filho e enviado pelo Pai. Por se tratar da primeira promessa do παράκλητος (*paráklētos*), Jesus coloca este como aquele que estará para sempre com os discípulos, habitando e estando neles. A partir dos verbos ἦ (*hē*) (v. 16), μένει (*ménei*) e ἔσται (*éstai*)²⁷⁷ (v. 17), percebe-se que o παράκλητος (*paráklētos*) assume a função de estar ao lado deles, estar junto deles. Assim como Jesus Cristo estava presente ao lado dos discípulos, quando ele for para junto do Pai, o παράκλητος (*paráklētos*) estará com eles, como “outro apoio, sempre à mão, sempre pronto a vir em seu auxílio, o primeiro a ser chamado, em sua luta com o mundo” (tradução nossa).²⁷⁸ O que fica evidente também é que o παράκλητος (*paráklētos*) não é o substituto²⁷⁹ de Jesus Cristo, mas outro παράκλητος (*paráklētos*).²⁸⁰ Desse modo, Jesus afirma que ele

João 5.6). O Espírito, conforme afirma o evangelista, “guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido” (João 16.13). Ao contrário do espírito do erro, o Espírito da verdade é aquele que confessa a Jesus Cristo (1 João 4.1-6). Na verdade, o Espírito é a verdade porque seu testemunho é a verdade, a saber, Jesus Cristo (João 14.6), ou conforme afirmam Mateos e Barreto, “a força da verdade”, cf. Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 606. Segundo Mateos e Barreto, “o que é da verdade, a comunica e faz viver nela”, cf. MATEOS; BARRETO loc. cit.. Também Dodd fala da relação entre πνεῦμα (*pneuma*) e ἀλήθεια (*alētheia*). Segundo ele, “*Pneuma* indica realidade, ou ser absoluto (*nous* ou *noeta*), e neste sentido é associado a *alētheia*”, cf. DODD, op. cit., p. 300.

277 ἦ (*hē*) e ἔσται (*éstai*) são da raiz εἰμί (*eimi*), que significa “ser, existir, estar presente”, cf. F. Wilbur GINGRICH, *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português*, p. 64. ἦ (*hē*) está conjugado no subjuntivo presente ativo, podendo ser traduzido como “esteja” e ἔσται (*éstai*) está conjugado no futuro indicativo médio, podendo ser traduzido como “estará”. O verbo μένει (*ménei*) vem da raiz verbal μένω (*ménō*), que significa “permanecer, ficar”, cf. GINGRICH, op. cit., p. 133. μένει (*ménei*) está no conjugado no presente indicativo ativo, podendo ser traduzido como “permanece”.

278 “otro apoyo, siempre a su alcance, siempre presto para ir en su ayuda, el primer llamado, en su lucha con el mundo”, cf. Luis BONNET; Alfredo SCHROEDER, *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*, p. 282.

279 Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 93.

280 Em 1 João 2.1, Jesus é chamado de παράκλητος (*paráklētos*): “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo”. Dessa maneira, parece que ἄλλον παράκλητον

não os deixará órfãos, mas voltará para eles.

Em relação direta com João 14.15-17 está João 14.25-26. No v. 25, é reafirmado o que Jesus disse em João 14.15: “mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome”. Jesus reafirma que o παράκλητος (*paráklētos*) será enviado pelo Pai e por meio do Filho, pois é o Filho que roga ao Pai. No v. 26, dois pontos merecem destaque: o παράκλητος (*paráklētos*) é identificado com o Espírito Santo²⁸¹ e são afirmadas suas novas tarefas, que são ensinar e recordar.²⁸² Ensinar e recordar²⁸³ “estão firmemente conectados. O ‘ensino’ dos discípulos acontece precisamente na ‘lembrança’”.²⁸⁴ O que o Espírito tem a ensinar não é nada novo, mas aquilo que Jesus lhes ensinou.²⁸⁵ Seria uma maneira de interpretar a mensagem de Jesus e mantê-la viva na lembrança dos discípulos;²⁸⁶ em outras palavras, o Espírito “lhes servirá de memória e expositor”.²⁸⁷ Logo, o ensino do Espírito não é seu, isto é, ele “não fala de si, faz recordar e compreender o que Jesus ensinou”.²⁸⁸ Esse ensino consiste na verdade que é Jesus Cristo, ou seja,

(*allon paráklēton* - outro *paráklēto*) justamente demonstra a singularidade do παράκλητος (*paráklētos*) que é o Espírito da verdade, que estará ao lado dos discípulos depois que Jesus for para junto do Pai.

281 Conforme Mateos e Barreto, o termo Espírito Santo usado aqui tem “duplo significado, de qualidade e de ação: o Espírito é santo e santificador”, cf. Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 614. Isso significa que, por ele ser santo, é separado, pertence a Deus. Ao mesmo tempo é separador, pois separa os homens das trevas. Além disso, o Espírito Santo é o Espírito da verdade, e, na sua ação de separador, ele contém a verdade, pois em seu testemunho separa a verdade, que é Jesus Cristo, do engano que o mundo oferece.

282 διδάξει (*didáksei*) vem da raiz verbal διδάσκω (*didáskō*), que significa “ensinar”, cf. F. Wilbur GINGRICH, *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português*, p. 56. διδάξει (*didáksei*) está conjugado no futuro indicativo ativo, podendo ser traduzido como “ensinará”. Grincrich sugere que seja traduzido “instruirá”, cf. GINGRICH, op. cit., p. 56. ὑπομνήσει (*hīpómnhēsei*) vem da raiz verbal ὑπομνήσκω (*hīpómimnēskō*), que significa “recordar, lembrar”, cf. GINGRICH, op. cit., p. 214. ὑπομνήσει (*hīpómnhēsei*) também está conjugado no futuro indicativo ativo e pode ser traduzido como “recordará”.

283 Recordar ou lembrar é o que o evangelista afirma em João 2.22 (“lembraram-se os seus discípulos”) e João 12.16 (“eles se lembraram”).

284 Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 95.

285 Ibid., p. 95.

286 MATEOS; BARRETO, op. cit., p. 609.

287 F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 262.

288 Conforme Mateos e Barreto, “o ensino do Espírito é o do próprio Jesus, sua recordação

“todas as verdades a respeito da salvação” (tradução nossa).²⁸⁹ E o recordar não é um simples lembrar pela memória, mas “sim pelo coração” (tradução nossa).²⁹⁰

Assim como o παράκλητος (*paráklētos*) não ensina algo de si mesmo, mas ensina o que Jesus ensinou, da mesma maneira ele não testemunha de si mesmo, mas de Jesus Cristo. Em João 15.26-27, Jesus fala da grande tarefa que é compelida tanto ao παράκλητος quanto aos discípulos: testemunhar.²⁹¹ O testemunho do παράκλητος (*paráklētos*) está diretamente ligado ao testemunho dos discípulos. É fato que o Espírito assume o ministério de testemunhar de Cristo, porém, ele o faz por meio dos discípulos.²⁹² Conforme afirmam Bonnet e Schroeder, “os discípulos dão testemunho do Cristo *histórico* ao contar sua vida, enquanto o Espírito Santo, dando vida aos seus relatos e criando a fé nas suas almas, dá testemunho do Cristo vivo” (tradução nossa).²⁹³ Dessa forma, “o testemunho ‘histórico’ dos discípulos, com base em sua própria vivência no convívio com Jesus, não pode ser separado do ‘testemunho do Espírito’”.²⁹⁴ Pois o Espírito é o que “dará testemunho dentro da comunidade, garantindo-lhe a verdade de sua mensagem e atuação”.²⁹⁵

No capítulo 16, o παράκλητος (*paráklētos*) é apresentado como advogado ou “promotor”²⁹⁶ e revelador. Advogado pois terá a tarefa de convencer o mundo.

é a renovação da sua presença”, cf. MATEOS; BARRETO, op. cit., p. 614.

289 “todas las verdades relativas a la salvación [...] hará luminosas y vivas en vosotros todas las cosas, todas las palabras que os he dicho”, cf. Luis BONNET; Alfredo SCHROEDER, *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*, p. 266.

290 “El Espíritu hace recordar, no sólo por la memoria, sino por el corazón”, cf. BONNET; SCHROEDER, loc. cit.

291 Conforme Mateos e Barreto, “desde o princípio” (João 15.27) “não pode, pois, ter apenas sentido cronológico. Todo discípulo, em qualquer época, é chamado a dar testemunho de Jesus”, cf. MATEOS; BARRETO, op. cit., p. 648.

292 F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 270. Esta ligação entre o testemunho do Espírito Santo e dos discípulos também pode ser vista em Atos 5.32, quando Pedro e os demais apóstolos estão diante do Sinédrio e confessam: “Ora, nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem”.

293 “los discipulos dan testimonio del Cristo *histórico* al contar su vida, mientras que el Espíritu Santo, fecundando sus relatos y creando la fe en las almas, da testimonio del Cristo *viviente*”, cf. Luis BONNET; Alfredo SCHROEDER, *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*, p. 298.

294 Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 113.

295 Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 647.

296 BRUCE, op. cit., p. 272.

Convencer do quê? Conforme as próprias palavras de Jesus Cristo: “do pecado, porque os homens não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai e vocês não me verão mais; e do juízo, porque o príncipe deste mundo já está condenado” (Jo 16.9-11).²⁹⁷ Conforme de Boor, o Espírito convencerá as pessoas de sua incredulidade, da verdadeira justiça demonstrada por Deus no fato de ele exaltar o Filho amado à cruz e aos céus.²⁹⁸ Para Bruce, a própria presença do παράκλητος (*paráklētos*) “será uma demonstração ao mundo que condenou Jesus de que ele estava certo e eles errados”.²⁹⁹ Assim, ao convencer o mundo da verdadeira e santa justiça de Deus, o παράκλητος (*paráklētos*) “torna-se acusador do mundo que expulsou e condenou a Jesus”.³⁰⁰ Além de advogado, o παράκλητος (*paráklētos*) também tem a tarefa de ser revelador. Revelador da verdade, personificada em Jesus Cristo (Jo 14.6).³⁰¹ Pois o παράκλητος (*paráklētos*) não falará de si mesmo, mas somente o que tiver ouvido, tanto do Pai quanto do Filho (Jo 16.13-15). O παράκλητος (*paráklētos*) revela aquilo que recebe do Filho, e tudo quanto o Filho revela vem do Pai (Jo 16.15). Logo, “ao tornar conhecido o Filho, o Espírito ao mesmo tempo torna conhecido o Pai, que é revelado no Filho”.³⁰²

“Assim como o Filho glorificou o Pai com seu trabalho na terra (7.18, 17.4), o Espírito glorificará o Filho com sua vinda”.³⁰³ Do mesmo modo que a glorificação do Filho revela o Pai, o παράκλητος (*paráklētos*) glorifica o Filho e o revela. Quando Jesus afirma “*Ele me glorificará*” (Jo 16.14), falando do παράκλητος (*paráklētos*), significa que o Filho será revelado pelo παράκλητος (*paráklētos*) quando ele já estiver junto do Pai, isto é, quando ele não estiver mais presente. E toda a atuação do παράκλητος (*paráklētos*) está firmemente ligada à glorificação de Jesus Cristo, pois, como o evangelista afirma: *pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado*

297 Conforme tradução da Bíblia Nova Versão Internacional (NVI).

298 BOOR, op. cit., p. 116.

299 BRUCE, op. cit., p. 273.

300 BOOR, op. cit., p. 117.

301 Conforme afirma Bruce, “Jesus é a personificação da verdade (14.6); a verdade que o Espírito irá revelar não acrescenta nada ‘à verdade que está em Jesus’ (Ef 4.21, BLH); é um desvendamento mais completo dela”, cf. BRUCE, op. cit., p. 274.

302 F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 275.

303 Ibid., p. 275.

(Jo 7.39).³⁰⁴ Toda a atuação do παράκλητος (*paráklētos*), descrita até aqui, somente pode acontecer quando o Filho for glorificado. Logo, é preciso que o Filho vá para junto do Pai para que o παράκλητος (*paráklētos*) possa ser enviado, realizando assim sua obra. Conforme afirmam Bonnet e Schroeder, “seu retorno à glória é a condição indispensável do envio do Espírito Santo” (tradução nossa).³⁰⁵

O que se conclui é que toda a obra do Espírito Santo tem um único objetivo: glorificar a Jesus Cristo. Pois, conforme afirma de Boor, “através do Espírito desenvolve-se ‘a iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo’ (2Co 4.6)”.³⁰⁶ E a glorificação tem a ver com revelação, pois, quando o Espírito Santo glorifica ao Filho, ele o revela. Assim como revela ao Pai. Pois, “quando o Espírito de fato glorifica a Jesus, vemos em Jesus o Pai”.³⁰⁷ O παράκλητος (*paráklētos*) irá acompanhar os discípulos em sua obra, que lhes foi confiada pelo próprio Jesus Cristo (Jo 14.12). Pode-se afirmar que a obra dos discípulos somente poderá ser realizada por meio do Espírito Santo. Assim, é o Espírito Santo que estará atuando quando os sinais forem realizados pelos discípulos. Da mesma maneira que o Filho buscou a glória do Pai, e assim o revelou, o Espírito Santo é o que faz com que os discípulos não busquem sua própria glória, mas a glória de Jesus Cristo, na sua relação com o Pai. Os discípulos sabem que o seu caminho é um caminho em que cada um deve carregar sua cruz, e o seguir a Cristo vai até a morte. E é nesse caminho que o Espírito Santo irá atuar e auxiliar a vida de cada discípulo. Contudo, o Espírito Santo não agiu somente na vida dos discípulos do Novo Testamento, ele age concretamente hoje na vida de todo cristão, ensinando e guiando a toda verdade, convencendo do pecado, da justiça e

304 O verbo “dar” não aparece na versão original, mas, ἦ (*ên*) que é o imperfeito indicativo ativo da raiz εἰμί (*eimi*) que significa “ser, existir, estar presente, permanecer, residir, acontecer”, cf. F. Wilbur GINGRICH, *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português*, p. 64. Entretanto, como afirma Grinrich, “Há obviamente muitas outras traduções possíveis de εἰμί (*eimi*) em vários contextos”, cf. GINGRICH, loc. cit.. Dessa maneira, “ser dado” pode ser usado, se compreendido no sentido de que o Espírito já existia, porém, ainda não estava cumprindo sua obra nos discípulos, que é descrita em João 15.26-27 e João 16.7-15. No entanto, Taylor afirma que a melhor tradução seria “o Espírito ainda não estava”, cf. William C. TAYLOR, *Evangelho segundo João: tradução e comentário*, v. 2, p. 241.

305 “su regreso a la gloria es la condición indispensable del envío del Espíritu Santo”, cf. Luis BONNET; Alfredo SCHROEDER, *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*, p. 301.

306 Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 119.

307 Ibid., p. 119.

do juízo, e auxiliando na produção de frutos que possam glorificar a Deus.

A GLÓRIA REVELADA NA VIDA DO CRISTÃO: A VIDA CRISTÃ COMO RESPLENDOR DA GLÓRIA DE DEUS

Com o envio do παράκλητος (*paráklētos*), uma nova perspectiva é dada à vida dos discípulos. Jesus vai para junto do Pai, porém, roga ao Pai que envie outro παράκλητος (*paráklētos*), “a fim de que esteja para sempre convosco” (Jo 14.15), “esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14.26). Essas são as palavras de Jesus. Dá uma nova perspectiva, pois é chegada a hora de o Filho ir para junto do Pai, mas os discípulos não ficarão sós. E como fica a questão da glória? O Filho glorifica o Pai na cruz, é glorificado na exaltação, e tudo termina? Não. Agora, faz parte da obra dos discípulos que, com a ajuda do Espírito Santo, possam glorificar tanto o Pai quanto o Filho. Contudo, essa glorificação não pode se limitar à vida dos discípulos de então, mas se estende à vida do cristão hoje, pois este também é discípulo de Cristo.

Antes de falar do envio do παράκλητος (*paráklētos*), Jesus Cristo fala de sua partida. Nesse contexto, ele faz uma promessa aos discípulos: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai” (Jo 14.12). Aqui Jesus indica que os discípulos irão continuar a realizar as obras dele.³⁰⁸ Não sua obra salvífica, mas a proclamação do evangelho em palavras e ações, fazendo assim com que as pessoas possam crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus e que, crendo, tenham a vida eterna. Dessa forma, os sinais e milagres realizados por Jesus também podem fazer parte da vida do cristão,³⁰⁹ como o foi na vida dos discípulos.³¹⁰ Todavia, isso não é uma regra. Milagres podem acontecer ou não. Se acontecerem, uma coisa é certa: servem para glorificar a Deus. Desse modo, qualquer milagre ou sinal realizado por um cristão deve apontar para a glória de Deus e não para sua própria glória. Aquele que procura sua própria glória não fala

308 Segundo de Boor, as “obras maiores dos discípulos são na verdade obras de Jesus, assim como a palavra e obra de Jesus eram na verdade vida e obra do Pai”, cf. Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 88.

309 Assim como é afirmado em Marcos 16.17-18.

310 Atos 5.16; 9.36-43; 19.11s; entre outros.

de Cristo, mas de si mesmo, e é falso, pois “o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça” (Jo 7.18). Assim como o Filho revelou a Deus, agora, os discípulos têm a tarefa de revelar a Jesus Cristo para o mundo. Da maneira como o Filho glorificou o Pai, agora os discípulos devem glorificar ao Filho. Essa promessa de Jesus traz, ao mesmo tempo, alegria, tristeza e responsabilidade. Alegria porque fazer as mesmas obras que Cristo fez cria uma relação entre o cristão e o Senhor, além de ser um privilégio poder participar da glorificação de Cristo e poder representá-lo no mundo. Tristeza porque o Filho não estará mais presente, pois ele vai para junto do Pai. Responsabilidade porque não é uma tarefa fácil, mas necessita de muito empenho e dedicação.

Ser discípulo pressupõe estar sob a orientação de um mestre, ou, em outras palavras, o discípulo segue ao mestre. Dessa maneira, o cristão segue seu Mestre, Jesus Cristo. Seguir a Jesus Cristo não diz respeito somente a continuar a obra que lhe foi confiada, mas tem a ver com fazer a vontade de Deus e dar frutos. Nisso se resume o que significa glorificar a Deus. O Filho fez a vontade do Pai e o glorificou. Ele, em nenhum momento, buscou sua própria glória, mas unicamente a glória do Pai. Ao mesmo tempo em que não viveu para si mesmo, mas viveu em favor do próximo, a ponto de dar sua vida em favor de todo aquele que nele crê, pois, “se o grão de trigo não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto” (Jo 12.24). Dessa maneira, assim como afirma o apóstolo Paulo, o cristão deve imitar a Cristo (1Co 11.1),³¹¹ o que não se resume a simplesmente segui-lo, mas ter a convicção de que se vive a partir de Cristo (Gl 2.20).

Isso se comprova nas próprias palavras de Jesus, quando ele fala da videira verdadeira (Jo 15.1-11). Nesses versículos, Jesus esclarece a relação entre dar frutos e glorificar a Deus. O cristão é comparado ao ramo, que está ligado à videira, que é Jesus Cristo, ao mesmo tempo em que é cuidado pelo agricultor, que é Deus. O ramo precisa dar fruto, pois, se não o fizer, de nada serve, senão ser cortado e jogado ao fogo. No entanto, o ramo somente pode dar fruto se estiver conectado à videira. Disso se conclui que o cristão deve dar frutos, mas somente pode fazê-lo se permanecer em Cristo.³¹² Eis aí a glorificação de Deus: que o cristão dê muitos

311 Conforme Champlin, os discípulos também glorificavam ao Filho por meio da imitação, isto é, eles imitavam a vida de Cristo e assim o glorificavam, cf. Russell N. CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, p. 576.

312 Dessa forma, Bruce tem razão em afirmar que o “fruto de que fala esta parábola é, no fundo, semelhança a Jesus”, cf. F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 266.

frutos, pois assim se torna discípulo de Cristo (Jo 15.8),³¹³ ou, conforme afirmam Bonnet e Schroeder, “trazer muitos frutos para a glória de Deus, essa será a prova certa de que vocês são *meus discípulos*” (tradução nossa).³¹⁴ Glorificar a Deus tem a ver com a produção de frutos. É por meio dela que o cristão pode glorificar a Deus e realizar as obras que lhe foram confiadas pelo Filho (Jo 14.12).³¹⁵ Em outras palavras, produzir frutos significa fazer a vontade do Pai. E a vontade do Pai é feita em amor. É amando ao próximo, a Deus e a si mesmo que os frutos dos discípulos se tornam visíveis. Assim, a “glória, que é o amor do Pai, manifesta-se na atividade dos discípulos, que continuam trabalhando em favor do homem”.³¹⁶ E isso somente é possível no permanecer em Cristo. Entretanto, como permanecer em Cristo? Por meio da obediência e da oração. Da mesma maneira que o Filho foi obediente até a morte e glorificou ao Pai, a obediência do cristão ao Filho glorifica ao Pai.³¹⁷ Obediência tem a ver com guardar os mandamentos. Para ser obediente, o cristão deve permanecer firme na Palavra. É permanecendo firme na Palavra que a permanência em Cristo se solidifica. Permanecendo firme na Palavra significa também permanecer no amor de Cristo. Logo, o amor de Cristo somente é possível na permanência nele. O amor ao próximo é possível porque é o amor de Cristo que guia o cristão.

Assim como a obediência por meio do guardar os mandamentos é permanecer em Cristo, o mesmo acontece com a oração. Cristo permaneceu ligado ao Pai por meio da oração. O exemplo mais claro disso é a oração de Jesus descrita em João 17. Assim como guardar os mandamentos, a oração também faz com que a presença de Cristo se torne concreta na vida do cristão. Orar em nome de Cristo não significa dar mais poder à oração, mas, declarar que Cristo é Senhor sobre a vida. A oração tem como propósito a busca por intimidade e relacionamento com

313 Segundo de Boor, todas as instruções dadas nos v. 1 a 7 “são dadas pelo ‘Filho’, cujo alvo em tudo é a glorificação do Pai”, cf. Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 104.

314 “Llevad mucho fruto a la gloria de Dios, eso será la prueba cierta de que sois *mis discípulos*”, cf. Luis BONNET; Alfredo SCHROEDER, *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*, p. 292-293.

315 Em Mateus 5.16, depois que Jesus declara que os discípulos são a luz do mundo, ele dá a seguinte ordem: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”.

316 Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 630.

317 BRUCE, op. cit., p. 265s.

Deus, que se dá por meio de Cristo. Assim, orar em nome do Filho é como se fosse o próprio Filho que estivesse orando ao Pai, como afirma Bruce: “O Pai não nega nada ao Filho, e um pedido feito em nome do Filho é como se este o fizesse”.³¹⁸ O cristão ora por meio de Cristo porque não sabe como orar. Ele não sabe orar, porque orar é fazer a vontade do Pai. Assim sendo, o cristão somente conhece a vontade do Pai por meio de Cristo. De fato, a oração tem como propósito transformar a vida do cristão. Em que sentido? Transformar a vontade de quem ora na vontade do próprio Deus, podendo assim declarar “*que seja feita a tua vontade*” (Mt 6.10). Pedir em nome de Jesus Cristo significa buscar fazer a vontade de Deus. Assim, é válida a declaração do próprio Jesus: “*Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei*” (Jo 14.14). Jesus o fará porque não estará atendendo a uma vontade própria, mas a própria vontade do Pai. Logo, o Pai também é glorificado. É buscando fazer a vontade do Pai, por meio da oração, que ele é glorificado. Novamente se demonstra a relação entre a vontade e a glória: o cristão não deve buscar fazer sua própria vontade, da mesma maneira que não deve buscar sua própria glória, mas, deve buscar fazer a vontade de Deus, assim como unicamente a glória dele.

A glória deve ser entendida na relação do Pai com o Filho. Ao mesmo tempo em que o Filho deve glorificar ao Pai, renegando a glória dos homens, o Pai glorifica ao Filho. Dessa forma, percebe-se que a glória do Pai, encarnada no Filho, se dá pela comunhão destes. Do mesmo modo acontece com o cristão. Ao renegar sua própria glória diante dos homens, o cristão deve buscar sua glória unicamente em Deus. Ao mesmo tempo em que Jesus afirma que é nos discípulos que ele é glorificado (Jo 17.10), assim, o cristão busca a glória de Deus em Jesus Cristo, e também é glorificado por Deus. Glorificado no sentido de se tornar à imagem do Senhor Jesus Cristo, como afirma Paulo em 2 Coríntios 3.18.³¹⁹ Essa glória não se trata de uma glória exterior, porém, uma glória firmada na comunhão³²⁰ com o Senhor. A partir de João 17.9-10, vê-se que aqueles que creem e confessam o nome de Jesus Cristo e do Pai são, ao mesmo tempo, do Pai e do Filho. Paralelo a isso, está o Espírito Santo, que guia a toda a verdade e glorifica ao Filho. Somente por

318 F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 258.

319 “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”.

320 Comunhão no sentido de relacionamento e não de uma união mística.

meio dessa comunhão é possível que a glória se manifeste no cristão. O cristão busca a glória de Deus, glorifica ao Filho e é guiado pelo Espírito Santo. A glória que foi transmitida por Jesus Cristo possibilita a comunhão do cristão com o Pai e o Filho, pois esta é a glória verdadeira, que possui seu alvo somente no Deus único. E é por meio dessa glória, transmitida por Jesus Cristo, que a unidade acontece, conforme afirma Jesus:

para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim (Jo 17.22-23).³²¹

Do mesmo modo que o caminho para a glorificação de Jesus é a cruz, que inclui o sofrimento e a morte, também o é para o cristão. Glória não tem a ver somente com a exaltação, mas também com o sofrimento. Logo, glorificar a Deus não envolve somente aspectos positivos da vida do cristão, assim como não aponta somente para sua exaltação. A morte do cristão também serve para glorificar a Deus. É o que é afirmado por Jesus em João 21.18-19:

Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando porém, fores velho, estenderá as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres.

No entanto, o que isso tem a ver com a morte? A resposta se encontra no versículo seguinte: *Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus (Jo 21.19).*³²² O caminho do sofrimento e a morte também servem

321 Comparando João 15.1-8 com João 17.22-23 percebe-se que ambas as passagens demonstram a unidade entre Pai, Filho e discípulos: o Pai é o agricultor, sendo que o Filho, que é a videira, é cuidado pelo Pai, e os ramos que são os discípulos, estão ligados tanto à videira quanto ao agricultor.

322 A expressão “com que gênero de morte” também é encontrada em João 12.33 e João 18.32. Em ambas as passagens, essa expressão significa literalmente o modo de morrer. Há longa discussão na pesquisa acerca do modo que Pedro morreu. Os exegetas se dividem em dois grupos: aqueles que defendem a crucificação de Pedro e aqueles que optam pelo fim da vida de Pedro na prisão e no tormento. Para aprofundar essa questão, ver os autores: F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 346; Luis BONNET; Alfredo SCHROEDER, *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*, p. 372; Juan MATEOS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 880; Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 212; William C. TAYLOR, *Evangelho segundo João: tradução e comentário*, v. 2, p. 402. Independente da forma como Pedro morreu, Bruce tem razão

para glorificar a Deus. Talvez, por isso, tantos cristãos tenham morrido como verdadeiros mártires, pois, com sua morte, glorificaram ao Deus único. Conforme Bonnet e Schroeder, “entre os cristãos dos primeiros séculos *glorificar a Deus* havia se tornado sinônimo de sofrer o martírio” (tradução nossa).³²³ Mesmo Jesus predizendo a morte de Pedro, identificando esta como modo de glorificar a Deus, sua fala se resume em uma ordem: “*Segue-me*” (Jo 21.19). Seguir a Cristo é o caminho do discípulo. É o caminho de todo cristão. Esse seguir não se resume somente a realizar suas obras, a produzir frutos e orar, a permanecer nele, mas segui-lo no próprio caminho que ele realizou, que foi o caminho da cruz,³²⁴ pois como Jesus mesmo afirma: “*aquele que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo*” (Lc 14.27). Glorificar a Deus é algo que perdura toda a vida do cristão, tendo seu desfecho na sua morte, quando ali, Deus também é glorificado.

A glória não se limita à vida terrena do cristão, mas vai além desta. Da mesma maneira que o Filho foi exaltado e está na presença do Pai, os cristãos também podem ter esta certeza, de que estarão na presença do Pai e do Filho. Se assim não fosse, toda a obra de Cristo seria em vão, pois se limitaria à vida material do ser humano. Contudo, Cristo morre para salvar os perdidos e lhes concede uma vida eterna ao lado do Pai. E esta é a vontade mais profunda de Jesus Cristo, que os seus discípulos estejam com ele, onde ele está, a saber, à direita do Pai, para ver a glória que o Pai lhe conferiu (Jo 17.24).³²⁵ Não somente contemplar essa glória, mas participar dela,³²⁶ *Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória* (Fp 3.20-21). Além disso, Bruce afirma que “seguir o mestre significa participar dos sofrimentos deste, mas

ao afirmar que “a morte do discípulo, como a do seu Mestre, haveria de ser para a glória de Deus”, cf. BRUCE, loc. cit.

323 “por esto, entre los cristianos de los primeros siglos *glorificar a Dios* se había hecho sinónimo de sufrir el martirio”, cf. BONNET; SCHROEDER, op. cit., p. 373.

324 Mateus 10.38; 16.24; Marcos 8.34; Lucas 9.23.

325 Segundo Michaels, “essa glória será contemplada quando Jesus voltar, quando ele ressuscitará os seus para a nova vida, no último dia”, cf. J. Ramsey MICHAELS, *João: novo comentário bíblico contemporâneo*, p. 309.

326 Conforme Bruce, no v. 5 Jesus “ora para que seus seguidores possam contemplar esta glória [...] e, conseqüentemente, participar dela”, cf. F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 286.

também da sua glória”.³²⁷ Dessa maneira, a comunhão do cristão com o Senhor não se limita ao mundo terreno, mas vai além deste, contempla a eternidade, local em que o Pai e o Filho estão em sua glória verdadeira.

Concluindo, o cristão tem a tarefa de realizar a obra que lhe foi confiada por Jesus Cristo, tendo como auxiliador o Espírito Santo, que o guia a toda verdade e lhe dá todo o entendimento, pois o dom do Espírito é a condição para que Jesus seja glorificado.³²⁸ Essa obra consiste em proclamar o Evangelho em palavras e ações, produzindo assim muitos frutos, que tem como fundamento o amor. Para produzir os frutos, o cristão precisa permanecer em Cristo, ter comunhão com ele e ser seu representante no mundo, como um verdadeiro discípulo do mestre. Sendo seu discípulo, este deve buscar fazer a vontade do Pai, que acontece por meio da oração transformadora. Nisso tudo, seu único objetivo consiste em buscar a glória de Deus, isto é, glorificar a Deus, em tudo o que fizer (1Co 10.31). Pois, conforme afirma de Boor, uma “vida de serviço não será em vão, se puder ser dito que ‘nela Deus foi glorificado’”.³²⁹ E o discípulo faz tudo para a glória de Deus, seja na alegria ou no sofrimento, carregando sua cruz até a morte, tendo a esperança da vida eterna, na qual poderá contemplar a glória do Pai e do Filho, e, sendo transformado, participará em comunhão com ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do Antigo Testamento, percebe-se que a glória tem a ver principalmente com a manifestação visível de Deus, em que Deus se revela ao ser humano e demonstra seu desejo de habitar em meio ao povo. Dar glórias a Deus significa reconhecer o poder, a majestade e santidade de Deus, pois a glória de Deus é uma qualidade sua, que o identifica. Essa glória não se limita aos lugares santos, mas enche toda a terra. Ao descrever a glória dos homens, geralmente se fala em honra, no sentido de reputação ou reconhecimento. A glória de Deus não é algo somente presente, mas é uma esperança vindoura do povo. Muitos desses significados prevalecem no Novo Testamento, como por exemplo: a compreensão

³²⁷ Ibid., p. 229.

³²⁸ José COMBLIN, *O Enviado do Pai*, p. 61.

³²⁹ Werner de BOOR, *Evangelho de João II: Comentário Bíblico Esperança*, p. 104.

da glória como manifestação visível de Deus; dar glórias como reconhecimento do poder e da santidade de Deus, que acontece por meio de doxologias; a diferença entre a glória humana e a glória de Deus; a esperança escatológica da glória de Deus. Contudo, em Jesus Cristo, uma nova dimensão é ressaltada. A presença de Deus e a manifestação de sua glória, que antes aconteciam no tabernáculo, agora estão presentes em Jesus Cristo, pois *o Verbo se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1.14).

Dessa maneira, é por meio da vida de Cristo que a glória de Deus é revelada. Através de seus sinais, que apontam para a glória de Deus e revelam tanto o Pai quanto o Filho. Por meio da relação entre o Pai e o Filho, em que a glória que o Filho busca é também o alvo do cristão, a saber, a glória do Deus único. Toda a vida e o ministério de Jesus têm como alvo a cruz, e é ali que a glorificação alcança seu auge: em meio ao sofrimento e exaltação. Assim, não há como falar de glorificação sem falar do caminho da cruz. A partir de Cristo, glória tem a ver com novidade de vida, pois o cristão é transformado de glória em glória na própria imagem do Filho. Assim, o cristão vive para glorificar a Deus, por meio de palavras e ações. E o cristão não está sozinho nessa tarefa, mas tem o auxílio do Espírito Santo, que é enviado pelo Pai por meio do pedido do Filho, pois seu objetivo é glorificar ao Filho. E é com esse auxílio e com a promessa de Cristo que o cristão deve buscar diariamente glorificar a Deus, dando muitos frutos e permanecendo em Cristo. Tendo consciência de que, em tudo o que fizer, deve resplandecer a glória de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AALEN, S. *Glória, Honra*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (org). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v. 1. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- *A Bíblia Anotada: Edição Expandida*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. (org). *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2009.
- BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. (org). *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. 2. ed. v. 1. Stuttgart: Kohlhammer, 1992.
- BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. v. 1. 3. ed. São Paulo: Edições

- Loyola, 1984.
- BAUER, Walter. *Griechisch-deutsches Wörterbuch: zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*. 6. ed. Berlin; New York: de Gruyter, 1988.
 - *Bíblia de Jerusalém*. Tradução de Emanuel Bouzon. São Paulo: Paulus, 2008.
 - *Bíblia Hebraica BHS*. Tradução de K. Elliger et W. Rudolph. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969.
 - *Bíblia Sagrada Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
 - *Bíblia Sagrada Nova Versão Internacional*. Tradução da Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo: Vida, 2000.
 - BONNET, Luis; SCHROEDER, Alfredo. *Comentario del Nuevo Testamento: Juan y Hechos*. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1986.
 - BOOR, Werner de. *Evangelho de João I: Comentário Esperança*. v. 1. Curitiba: Esperança, 2002.
 - BOOR, Werner de. *Evangelho de João II: Comentário Esperança*. v. 2. Curitiba: Esperança, 2002.
 - BORN, A. Van den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.
 - BROWN, C. *Espírito, Espírito Santo*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (org). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v. 1. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
 - BROWN, Raymond E. *The Gospel according to John: i-xii*. v. 1. New York: Doubleday & Company, 1966.
 - BROWN, Raymond E. *The Gospel according to John: xiii-xxi*. v. 2. New York: Doubleday & Company, 1970.
 - BRUCE, F. F. *João: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1987.
 - BULL, Klaus-Michael. *Panorama do Novo Testamento: história, contexto, teologia*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2009.
 - BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004.
 - CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
 - CHAMPLIN, Russell N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Milenium, 1979.
 - COENEN, Lothar (org). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
 - COMBLIN, José. *O Enviado do Pai*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.
 - COTHENET, E. et al. *Os Escritos de São João e a Epístola aos Hebreus*. São Paulo:

- Paulinas, 1988.
- DENHAM, James Richard (ed.). *Concordância Fiel do Novo Testamento*. v. II (Português – Grego). São José dos Campos: Editora Fiel, 1997.
- DODD, Charles H. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.
- DOUGLAS, J. D. (org). *O Novo Dicionário da Bíblia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- GAFFIN JR., R. B. *Glória*. In: ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. (org). *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2009.
- GILMER, Thomas L.; JACOBS, Jon; VILELA, Milton. *Concordância Bíblica Exhaustiva*. São Paulo: Editora Vida, 1999.
- GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português*. São Paulo: Vida Nova, 2003.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (org). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- IMSCHOOT, V. *Glória*. In: BORN, A. Van den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.
- KITTEL, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. v. 2. Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1964.
- KITTEL, G. *The NT Use of do,xa, (dóksa) II*. In: KITTEL, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. v. 2. Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1964.
- KUNZ, Marivete Zanoni. *O termo KABOD no livro de Ezequiel*, dissertação de mestrado defendida em 21/08/2006. EST. Disponível em: http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=24
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LISOWSKY, Gerhard. *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*. 3. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
- MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MICHAELS, J. Ramsey. *João: novo comentário bíblico contemporâneo*. Florida: Editora Vida, 1994.
- MOLIN, G. *Glória*. In: BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica: Abraão – Jesus Cristo*. v. 1. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- NESTLE, E. e/ ALAND, K. *Novum Testamentum Graece*. 27. revidierte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
- NIXON, R. E. *Glória*. In: DOUGLAS, J. D. (org). *O Novo Dicionário da Bíblia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006.

- *Novo Testamento Interlinear: Grego – Português*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- OSWALT, John N. קָבֵד *kabed*. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (org). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- PREUSS, Horst Dietrich. *Teología del Antiguo Testamento: Yahvé elige y obliga*. v. 1. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1999.
- RAD, V. קָבוֹד (*kabod*) in the OT. In: KITTEL, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. v. 2. Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1964.
- RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- SCHALKWIJK, Francisco L. *Coinê: pequena gramática do grego neotestamentário*. 9. ed. Minas Gerais: CEIBEL, Gramática, 2004.
- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SCHMOLLER, Alfred. *Handkonkordanz zum Griechischen Neuen Testament*. 7. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1938.
- SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.
- SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- *Septuaginta LXX*. v. 1. Editada por Alfred Rahlfs. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1952.
- *Septuaginta LXX*. v. 2. Editada por Alfred Rahlfs. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1952.
- TAYLOR, William C. *Evangelho segundo João: tradução e comentário*. v. 1. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1943.
- TAYLOR, William C. *Evangelho segundo João: tradução e comentário*. v. 2. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1944.
- TAYLOR, William C. *Evangelho segundo João: tradução e comentário*. v. 3. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1945.
- TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- WESTERMANN, Claus; JENNI, Ernst. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978.
- WESTERMANN, Claus. כָּבֵד *kab* Ser pesado. In: WESTERMANN, Claus; JENNI, Ernst. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad,

1978.

- ZENGER, Erich et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.
- ZENGER, Erich. *As camadas do Escrito Sacerdotal ("P")*. In: ZENGER, Erich et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.